QUEM SE LEMBRA DA COPA 2014?

Marcas e repercussões do acontecimento

[Organizadores]

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

{ OLHARES TRANSVERSAIS

PPGCOM • UFMG

QUEM SE LEMBRA DA COPA 2014?

Marcas e repercussões do acontecimento

[Organizadores]

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

1ª edição
2018

PPGCOM • UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretor: Orestes Diniz Neto
Vice-Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Coordenador: Carlos Magno Camargos Mendonça
Sub-Coordenadora: Geane Alzamora

SELO EDITORIAL PPGCOM
Ângela Cristina Salgueiro Marques
Bruno Guimarães Martins

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)
Benjamim Picado (UFF)
Cezar Migliorin (UFF)
Elisabeth Duarte (UFSM)
Eneus Trindade (USP)
Fátima Regis (UERJ)
Fernando Gonçalves (UERJ)
Frederico Tavares (UFOP)
Iluska Coutinho (UFJF)
Itania Gomes (UFBA)
Jorge Cardoso (UFRB | UFBA)
Kati Caetano (UTP)
Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Marcel Vieira (UFPB)
Mariana Baltar (UFF)
Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Mozahir Salomão (PUC-MG)
Nilda Jacks (UFRGS)
Renato Pucci (UAM)
Rosana Soares (USP)
Rudimar Baldissera (UFRGS)

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q3 Quem se lembra da Copa 2014? Marcas e repercussões do acontecimento / Organizadores Vera Veiga França, Renné Oliveira França. – Belo Horizonte (MG) : PPGCOM UFMG, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-54944-11-7

1. Comunicação social. 2. Copa do Mundo (Futebol) – 2014. I.França, Vera Veiga. II. França, Renné Oliveira. III. Título.

CDD - 796.334668

CRÉDITOS DO E-BOOK © PPGCOM UFMG, 2018.

PROJETO GRÁFICO
Bruno Menezes A. Guimarães
Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO
Bruno Menezes A. Guimarães

CAPA
Bruno Menezes A. Guimarães
Licença atribuída: https://br.freepik.com/

Apresentação

ESTA OBRA é resultado do trabalho coletivo dos pesquisadores do GRIS-LAB – Laboratório de Análise de Acontecimentos (ligado ao GRIS, Grupo de Pesquisa em Imagem e Acontecimento da UFMG) – e do projeto Manifestações, criado em 2014 como parte do estágio pós-doutoral de Renné Oliveira França, sob supervisão da professora Vera França .

Nosso trabalho cotidiano, junto ao Grislab, consiste no acompanhamento dos principais acontecimentos da realidade brasileira conforme noticiado pela grande mídia e repercutido nas redes sociais. Interessa-nos, no desenrolar dos acontecimentos, as vozes que se fazem ouvir, os discursos que se constituem, os sentidos que são evocados.

A Copa de Futebol da FIFA de 2014, antes e durante sua realização, suscitou uma profusão de notícias, comentários, sentidos, sentimentos, e nos estimulou a uma leitura mais intensiva do que estava acontecendo, em pequenas análises veiculadas pelo site do Grislab em junho-julho daquele ano. Com o passar do tempo, nos demos conta de que esse material, ultrapassado do ponto de vista informativo, continha um grande potencial - que foi o resgate do conjunto de sentidos evocados pelo acontecimento Copa

conforme vivido pela sociedade brasileira naquele momento. Vimos também que o material era bastante significativo do ponto de vista da exploração do potencial analítico do conceito de acontecimento, bem como de sua operacionalização através do trabalho de leitura / interpretação desenvolvido pelo grupo. A partir daí, dentro do GRIS, demos início ao subgrupo Manifestações, que procurou desenvolver uma abordagem reflexiva do acontecimento, através de discussões e produção de textos tomando como ponto de partida as notícias a respeito da Copa do Mundo.

Tais reflexões nos estimularam à publicação desta coletânea, que pode ser vista como uma narrativa a muitas vozes de situações que vivemos conjuntamente, e com forte emoção, em 2014. Ela é também uma reflexão sobre o quanto os acontecimentos falam da sociedade e da cultura que os experimentam. Os textos redigidos em 2014 se perpetuam aqui junto ao acontecimento Copa, tendo sido produzidos antes das várias reviravoltas na sociedade brasileira nos últimos anos: um impeachment presidencial, mudanças de técnicos na seleção brasileira de futebol, uma Olimpíada no Brasil e denúncias de corrupção envolvendo a FIFA e a própria escolha do Brasil como sede deste acontecimento que neste livro debatemos. São registros e frutos de um momento do país, resultados de um acontecimento em momento de gestação e expansão.

Este trabalho foi possível graças ao apoio da Universidade Federal de Minas, das agências de financiamento e estímulo à pesquisa – CNPq e FAPEMIG.

Belo Horizonte, maio de 2018

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
Quem (e o quê?) se lembra da Copa de 2014? 11
Vera Veiga França
Renné Oliveira França

PARTE 1: ÀS VÉSPERAS **17**

1. Pré-copa, pré-guerra: ações violentas na expectativa de mais violência21
Leandro Augusto Borges Lima

2. Em nome do pai: ordem e progresso às vésperas da Copa 27
Renné Oliveira França

3. Antes do acontecimento: às vésperas da Copa 32
Vera Veiga França

PARTE 2: ABERTURA **37**

4. Um grito na cerimônia de abertura 43
Eliziane Lara

5. A Copa como uma lente de aumento 47
Maíra Lobato

6. A bola fora do exoesqueleto na Copa 51
Leandro Augusto Borges Lima

7. A Copa do Gol Contra? 55
André Melo Mendes

PARTE 3: MANIFESTAÇÕES **59**

8. Um cinema "quebrado". Uma biblioteca "destruída". Abertura da Copa em BH 63
Raquel Dornelas

9. Cadê o pessoal do #nãovaitercopa? 67
Raquel Dornelas

10. Aquarela de blocos Copa do Mundo FIFA 71
Raquel Dornelas

11. A queda de um viaduto: uma costura de vários acontecimentos 76
Maíra Lobato

PARTE 4: ELIMINAÇÃO81

12. Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol 85
Renné Oliveira França

13. Lágrimas que acontecem, lágrimas que não acontecem 92
Gáudio Bassoli

14. Tragédia mineira: O choro é livre? A memória não 97
Renné Oliveira França

15. Sentimentos e personalização da culpa: a eliminação do Brasil na Copa 101
Rodrigo Portari

16. A destituição do torcedor: testemunho de um repórter frente a nossa maior derrota 107
Rodrigo Franco

PARTE 5: CELEBRIDADES113

17. Competindo pelo olhar do Outro: a importância da visibilidade na contemporaneidade 117
André Melo Mendes

18. Quando o jornalista vira notícia: a barriga de Mario Sergio Conti 122
Gáudio Bassoli

19. David Luiz: valente, charmoso, bom moço 126
Vera Veiga França

20. Copa SADIA 130
André Melo Mendes
Juliana Ferreira

PARTE 6: PARADOXOS DA TORCIDA **135**

21. Com muito orgulho e amor, o paradoxo torcedor 139
Leandro Augusto Borges Lima

22. Alemães, os heróis da Copa 143
Maíra Lobato

23. A brasilidade (ou a falta dela) na abertura e encerramento da Copa do Mundo 147
Rodrigo Portari

24. A Copa das vaias 155
Maíra Lobato

PARTE 7: REPERCUSÃO INTERNACIONAL161

25. A Copa além-mar: Como os europeus enxergaram a Copa do Mundo do Brasil 165
Eduarda Rodrigues

26. Decime lo que siente: a experiência do acontecimento Copa do Mundo em Buenos Aires 169
Leandro Augusto Borges Lima

27. A Copa como ela foi 173
Juliana Ferreira
Eduarda Rodrigues

PARTE 8: LEGADO **179**

28. A mística da camisa amarela: seleção brasileira, memória e a utopia do futebol arte 183
Renné Oliveira França
Leandro Augusto Borges Lima

29. Copa 2014: do caos ao paraíso 188
Vera Veiga França

30. A culpa é do PT: Copa, manifestações e comentaristas de internet 193
Renné Oliveira França

31. O duelo entre o pessimismo e o otimismo:
a Copa e o jogo com a mídia 203
Frederico de Mello Brandão Tavares

32. Cobertura em Retrospecto: a experiência no Portal da Copa 208
Carol Delmazo

CONCLUSÃO
Memórias da Copa: entre o ufanismo e trauma 215
Vera Veiga França
Renné Oliveira França

Referêcias bibliográficas 219

Os autores na hora do 7x1 221

Introdução

Quem (e o quê) se lembra da Copa de 2014?

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

POIS É, trata-se da Copa do 7 x 1, da vergonhosa derrota da seleção brasileira de futebol frente à seleção alemã na semifinal da Copa da Fifa de 2014. Vários sentidos foram provocados por esta Copa, antes e durante sua realização. Com o passar do tempo, no entanto, parece que eles foram limados, e só este (triste) resultado permanece como dominante em nossa memória.

Que dinâmica é esta, dos acontecimentos, que trazem tanta coisa à tona, e suscitam tantos significados? E o que se passa para que alguns permaneçam e outros não, num jogo indissociável entre memória e esquecimento, privilegiando alguns aspectos, neutralizando outros? A reflexão sobre o acontecimento Copa 2014, mais do que uma coleção de fatos e situações, abre um leque instigante de questões.

O jornalismo, como farol permanentemente aceso, está voltado para os acontecimentos que afetam uma sociedade, perscrutando riscos e possibilidades. Interessa-lhe os fatos em sua atualidade e sucessão – e a ocorrência de ontem se esvazia frente à força da ocorrência de hoje, num presente infinito (Mouillaud,1997). A história acontecimental, por sua vez, desenvolve um olhar de longo prazo, e recupera aqueles acontecimentos que teriam sido decisivos no desenrolar da trajetória de um povo, de uma sociedade.

Para além do olhar mais imediatista do Jornalismo, e de longa duração da História, é possível resgatar uma outra perspectiva, de ordem hermenêutica, que busca olhar para os acontecimentos enquanto vértices de compreensão de uma ordem social mais ampla, na qual e a partir da qual se desenvolvem. Trata-se de uma perspectiva cara às análises comunicacionais, pois entende que o acontecimento faz falar e, nestas falas, desenha e acolhe sentidos. É resultado da contribuição de diferentes filósofos (Dewey, Mead, Ricoeur, Foucault, Deleuze), e destaca um conjunto de traços que configuram o conceito com o qual, neste trabalho, buscamos ler e analisar a Copa 2014 enquanto acontecimento significativo na vida brasileira.

Antes de tudo, acontecimento se refere à irrupção do novo na sequência da vida; a uma ocorrência que irrompe na normalidade do cotidiano, perturba a ordem das coisas e demanda ser compreendido. Ele se destaca por sua "anormalidade" e perturbação, por seu desencaixe frente aos esquemas explicativos correntes. Assim, ele tanto se mostra perturbador aos sentidos (o que é isto?!) como suscitador de outros sentidos (será, talvez, ...?). Ele força a abertura de novos horizontes e instala um quadro distinto no cenário em que ocorre, convoca questões que não estavam colocadas antes. Evidentemente, existem acontecimentos de diferentes magnitudes, tanto nas vidas individuais como na vida da coletividade. E em diferentes escalas, eles se apresentam como esse momento que desconcerta, faz buscar / perceber novas alternativas, faz pensar, faz falar. A perda de uma pessoa querida impacta e desorganiza nossa vida; a ocorrência de uma catástrofe (como o rompimento da barragem de uma mineração, soterrando uma vila) destrói uma comunidade, evidencia riscos que foram negligenciados e desnuda a temeridade da exploração capitalista.

Nesta busca de sentidos (o que mesmo é isto que aconteceu? Por que aconteceu?), acontecimentos produzem uma condensação temporal: necessitando serem explicados e compreendidos, eles recorrem ao passado, a experiências anteriores às quais eles poderiam ser associados, a fatos e sinais que passaram despercebidos e, à luz do presente, podem ser vistos diferentemente (cf. Quéré, 2012, um acontecimento "cria" seu passado). Mas também eles antecipam o futuro: que consequências poderão advir? Que alternativas e cenários não estavam colocados antes e agora se apresentam como possibilidades? Esse cruzamento de temporalidades busca dimensionar e "normalizar" a perturbação provocada pelo acontecimento, e faz do presente acontecimental um momento de atravessamento temporal (no qual outros tempos ganham ressonância).

Frequentemente os acontecimentos são da ordem do imprevisto; eles nos surpreendem, e a desordem que causam decorre de sua novidade, da quebra de expectativas. Um acidente natural, um convite inesperado, nos pegam desprevenidos, e temos que reorganizar nossa atitude, buscar compreender o que se passa, optar por uma linha de conduta, vislumbrar desdobramentos. Contudo, mesmo ocorrências previstas e esperadas podem se configurar como acontecimentos, porque nunca podemos ter controle total sobre sua realização, sobre o que efetivamente elas vão ser / significar. A Copa era prevista e foi organizada para se realizar dentro de determinados padrões; mas o que foi de fato a Copa 2014 só se deu no momento em que se realizou. Um filho é esperado durante nove meses; essa espera e planejamento não esgotam nem dão conta do quanto de impacto, significado e mudança o nascimento vai provocar.

Todos estes aspectos ressaltam aquilo que o acontecimento traz de realmente distintivo: eles tocam na experiência das pessoas, eles afetam ações e comportamento, eles suscitam e constituem sentidos.

Por isto, e porque somos seres simbólicos, o acontecimento faz falar – se desdobra em narrativas, no "acontecimento contado". L. Quéré inclusive chama a atenção para o que ele apresenta como "as duas vidas do acontecimento": o acontecimento na sua dimensão sensível, na esfera do vivido (o impacto / afetação de indivíduos e coletividades); o acontecimento que passou pela ordem do simbólico e foi transformado em narrativa (a maneira como expressamos e colocamos em discurso a nossa experiência) (Quéré, 2012, p.21-38). Embora, na prática, só possamos acessar a primeira vida do acontecimento quando já transformado em discurso (segunda vida), a distinção é relevante por acentuar o quanto o acontecimento é indissociável de sua inserção na experiência: ele só o é porque acontece para alguém. E continua a acontecer enquanto permanece seu poder de afecção. A extinção do acontecimento se dá quando ele é absorvido e normalizado, e quando a vida corrente retoma o seu ritmo. Embora seus ecos possam perdurar, ele se transforma em registro, lembrança, experiência arquivada que poderá ser esquecida ou despertada e relida à luz de experiências futuras.

Estas reflexões em torno do conceito de acontecimento conduziram nossa leitura de diferentes momentos e aspectos (ou sub-acontecimentos) da Copa 2014. Sem dúvida, tratou-se de um grande acontecimento; atravessou a rotina de todo o país, ocupou a pauta das diferentes mídias, converteu-se em imagens, narrativas, expectativas, ações. Produziu farto material simbólico, cons-

tituiu largas audiências, conformou dinâmicas receptivas. Suscitou múltiplos significados e provocou sentimentos e afetos.

Já a preparação para a Copa foi permeada por inúmeras retrospectivas: tanto o passado de outras Copas como o passado recente do Brasil (a Copa das Confederações, em 2013, as turbulentas manifestações também de 2013 e o eco de "não vai ter Copa") foram evocados tentando compor um quadro de compreensão do que seria a Copa de 2014. Idem ao longo de sua realização: passado e presente estavam ali. Mas também o futuro: desde o início da preparação da Copa os aspectos positivos que ela poderia desencadear, tais como abertura ao exterior com incentivo ao turismo e incremento dos negócios, realização de infraestrutura, entre outros aspectos, foram apontados tanto nos discursos oficiais como midiáticos. Também as consequências negativas: endividamento, ociosidade das obras construídas (converter-se-iam em "elefantes brancos"? Que destino teriam?).

Enfim, embora um acontecimento programado, a Copa não deixou de "acontecer" com muito suspense, expectativas, surpresas (boas e más). Ela se inseriu na experiência dos brasileiros e não será facilmente esquecida. Deixou marcas positivas (o orgulho do bom acolhimento e da realização exitosa, apesar de todos os maus prognósticos) e também a vergonha e amargura pela derrota escandalosa e jamais imaginada na proporção em que se deu. Pouca gente terá saído imune. E muito, muito se falou sobre o que aconteceu, sobre por que aconteceu. Narrativas atravessadas por uma sombra de silêncio, uma vontade de não falar.

Analisar um acontecimento, entretanto, significa mais do que constatar sua existência. Olhar para uma ocorrência de grande repercussão (a Copa) e dar-se conta de que ela foi de fato um "acontecimento", porque tocou em nossa experiência, é apenas um primeiro passo. O valor heurístico do conceito de acontecimento (França, 2012) deve nos levar além, e possibilitar explorar sua dimensão hermenêutica, os sentidos que ele provoca / repercute. É por este caminho que ele se torna chave de leitura para a própria realidade social onde ocorre.

Esta é a proposta desta coletânea, dividida em oito partes de acordo com a temática das notícias e acontecimentos analisados. "Às Vésperas" se debruça sobre o pré-acontecimento e os diversos sentidos envolvidos na expectativa de seu início, enquanto "Abertura" apresenta textos que se concentram no início da Copa marcado pela sua cerimônia de abertura e jogo de estreia. A terceira parte, "Manifestações", foca nos protestos populares durante a

Copa, enquanto "Eliminação" observa os sentidos envolvidos no traumático 7 x 1. "Celebridades" reúne tentativas de percepção dos valores agenciados pelo acontecimento Copa a partir de figuras célebres, enquanto "Paradoxos da Torcida" discute as diversas e complexas relações identitárias do brasileiro em relação à sua seleção de futebol, à política nacional e ao Outro estrangeiro. A penúltima parte, "Repercussão Internacional" busca apresentar os olhares de fora do país para o acontecimento Copa do Mundo no Brasil, e finalmente "Legado" traz textos que discutem as consequências imediatas do evento.

Produzidas ao longo do ano de 2014, no calor do momento e ainda envoltas pela ressonância do acontecimento Copa do Mundo, estas análises são, também em si mesmas, uma espécie de cápsula do tempo que contém as vibrações de um evento de proporções épicas. Um diário analítico escrito antes, durante e depois do 7 x 1. Um mergulho em notícias, valores e sentimentos de um momento marcante da história recente do país. Um lugar de reflexão, mas também de memória. Capturas de um acontecimento que, para o bem ou para mal, não apenas foi, mas ainda é. Permanece.

PARTE 1

ÀS VÉSPERAS

ESPERANDO A COPA...

UM ACONTECIMENTO ANUNCIADO começa a esboçar sentidos muito antes de acontecer; ele aciona referências que podem ajudar a projetar o que será, a construir enquadramentos que facilitem sua antecipação e sua compreensão. Tais referências vêm de um passado – próximo ou remoto – que ele convoca, e com o qual estabelece alguma forma de ligação. O horizonte de nossa Copa foi marcado pelas manifestações de 2013, pelo clima tenso da Copa das Confederações, pelo movimento Não vai ter Copa.

Em **Pré-Copa, Pré-guerra**, Leandro Lima apreende a tensão do momento usando como analogia a narrativa de Bernard Cromwell em torno da Guerra dos Cem anos e a iconografia das guerras medievais. O que ele destaca são diferentes formas de violência simbólica que pairam em torno da chegada do grande acontecimento: a preparação da polícia para o enfrentamento (anunciando a violência física); o acirramento ideológico e a intolerância política; o clima de vigilância, o monitoramento de "suspeitos".

O clima não era favorável à festa que deveria cercar nossa Copa; afinal, somos o país do futebol, da alegria... Cadê nosso entusiasmo?

A leitura de Renné França, em **Em nome do Pai**, vê nas forças que se movimentam em torno da realização da Copa um embate das ideias de ordem e progresso. Em vários sentidos, a Copa e as manifestações em torno dela apontariam para o lado do progresso. Para o progresso propriamente dito, como obras, benfeitorias, incremento do turismo: o Brasil melhorando sua infraestrutura para receber os jogos e se mostrar para o mundo. Mas também progresso enquanto participação democrática, manifestação de uma sociedade que critica os gastos exorbitantes e as exigências da FIFA, denuncia carências no campo da saúde e educação, aponta para outros valores. Evocando Morin (e Freud), Renné França fala do Estado como Pai, detendo o monopólio da violência, do poder de vigiar e de punir. As tensões que se avizinham com a realização da Copa tendem a se configurar conforme a lei, e em nome do Pai, para e pela manutenção da Ordem.

Decididamente, o **Antes da Copa** não foi vivido de forma entusiasmada e não despertou nenhuma euforia; ao contrário, como aponta Vera França, o sentimento era de temor e descrédito. Temia-se pelo que poderia acontecer, antecipava-se o possível vexame que o país viveria, com a desorganização e o caos que inevitavelmente iriam se revelar. As razões desse sentimento foram múltiplas, e encadeadas. A dificuldade na finalização das obras foi ampliada por uma cobertura essencialmente negativa da mídia, que apenas destacava o atraso e os inúmeros problemas de infraestrutura. Tal cobertura, não por acaso, fazia eco à crítica política ao Governo Dilma (ou dos governos petistas): as dificuldades existentes e o vexame futuro atestavam a falência da administração da governante. Se esta foi uma crítica da direita, pela esquerda a crítica aos gastos da Copa apontava os investimentos vultuosos em estádios, em detrimento de áreas de prioridade social.

Enfim, o antes da Copa sintetizava os sentimentos e posições conflitantes que eclodiram com as manifestações de 2013 e seus desdobramentos. Na reticência com a realização da Copa começávamos a ver, indica Vera França, uma nova face do país, de mais consciência de seus problemas e mais convicção de seu desejo de mudança.

Capítulo 1

Pré-copa, pré-guerra: ações violentas na expectativa de mais violência

Leandro Augusto Borges Lima

O TEMPO QUE ANTECEDE qualquer batalha é marcado pela tensão daqueles envolvidos. Paira no ar a sensação constante de que algo irá explodir e todos marcharão em uníssono para o embate. É também um período de preparação, de estratégia. Coronéis passam as ordens aos generais que organizarão seus comandados segundo as normas da batalha. Bernard Cromwell, um dos grandes escritores de ficção da atualidade, é especializado na narrativa de guerras antigas. Destaca-se sua trilogia ambientada na Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. Sua escrita privilegia o entendimento do antes e do durante de cada batalha; o posicionamento dos exércitos, a função de cada batalhão, de cada soldado, e em especial de cada arqueiro inglês.

Cromwell em sua narrativa ressalta um aspecto curioso: não há estratégia que se mantenha no calor da batalha. Esta é quase sempre decidida quando a multidão de combatentes é tomada pelo furor instintivo da morte e da sobrevivência. Na guerra a estratégia é meramente organizativa e vem como uma ordem daqueles que detém o poder, as altas patentes do exército. O caráter tático da batalha e o que traz grandes vitórias na narrativa de Cromwell.

Em *O arqueiro* (2003), Cromwell relata a dificuldade de um batalhão inglês na invasão de uma pequena cidade murada francesa, *La Roche Derrien*. Por mais

numerosos e bem treinados que fossem os ingleses, eles eram subjugados pelos cidadãos da cidade que utilizavam bestas (um lançador de flechas mecanizado) para contra-atacar e impedir a invasão. O protagonista da história, Thomas de Hookton, consegue num acaso dar o lance certeiro que mudaria a situação de sítio para uma de invasão e vitória; uma brecha na muralha que podia ser usada para a invasão. Ao encontra-la, há uma organização estratégica do ataque por parte dos comandantes no dia anterior à invasão. Durante o processo tudo se modifica, nada sai exatamente como o planejado, dada a imprevisibilidade de tais situações, mas ao fim ainda são vitoriosos os ingleses.

No pré-Copa, diversos batalhões que servem diferentes causas também tem se preparado para a expectativa de uma batalha. Se a correlação com a Guerra dos Cem Anos parece por demais violenta, justifico-a com a imagem reproduzida abaixo (FIGURA 1), e com os diversos relatos de violência que marcaram as manifestações populares no Brasil entre as Copas das Confederações e do Mundo.

Figura 1: cavalaria da PM do Rio de Janeiro. A frase foi colocada por uma página do Facebook Não vai ter Copa ironizando a situação e atacando o despreparo da polícia.

A imagem é forte e próxima da iconografia medieval, digna de uma descrição de Cromwell. A polícia traja armaduras que cobram todo o corpo, seu torso, suas costas, seus braços, pernas e ombros. Sobra pouco espaço sem proteção. A espada pende do lado direito de cada cavaleiro. A poeira dá certo ar épico à cena. Não apenas os cavaleiros se protegem, mas também os cavalos, utilizando viseiras, evitando que sejam afetados pelo gás (lançado pelos próprios cavaleiros) e protegendo bem a cabeça – o corpo, no entanto, é pouco protegido: uma falha que os arqueiros ingleses jamais perdoariam e certamente causaria a derrota desta polícia caso vivêssemos em tempos ainda mais bárbaros. O choque é oriundo da pouca diferença entre a imagem de uma polícia preparada para "conter" as manifestações em 2014 daquelas imagens que marcam relatos de guerras no século XIV (FIGURA 2).

Figura 2: Ilustração representando a batalha de Azincourt que aconteceu em 25 de outubro de 1415 (Dia de São Crispim), no norte da França

As preparações para um eventual conflito são violentas de distintas formas. Há a violência física, agressiva e até fatal, e há também a violência simbólica, coerciva, meio de exercício do poder simbólico, do estabelecimento de uma distinção clara entre opressores e oprimidos. Desta última, um exemplo é o cerceamento da liberdade dos sujeitos, como diversas tentativas de articulação

política para novas leis que criminalizam manifestações e transformam a tática *black bloc* em um ato terrorista.

A violência simbólica é reforçada também na esfera política. Reforçam-se polarizações "direita x esquerda", em que ambos os lados passam a maior parte do tempo num ataque infrutífero e sem grande debate, com verbalizações violentas e ameaçadoras, sem perceber que algo de comum os fizeram ir às ruas lado a lado em 2013. Dentro desses atos, a violência tanto física quanto simbólica logo se manifesta em gritos de exclusão - "sem partido!" - que buscavam retirar em especial (para não dizer unicamente) os "partidos vermelhos" como o PSTU e o próprio PT, cuja história de lutas nas ruas passa a ser ignorada[1]. O discurso dos acordados que reverbera nas redes sociais revela tanto o medo da cooptação das manifestações pelos interesses partidários quanto a descrença no sistema político-partidário. Pouco se disse das tentativas de partidos mais à direita de fazerem o mesmo, reforçando o inflamado discurso anti-governo que foi construído aos poucos durante as Jornadas de Junho.

Uma terceira forma simbólica de violência relacionada às manifestações é a intensificação da vigilância policial sobre as conversações e organizações de movimentos e manifestações nas redes sociais[2]. Há no escopo da cibercultura um ideal democrático quanto à potencialidade da web que se mostra relativo nesse caso – que democracia pode ser vivida mediante a vigilância e o controle?

No dia 8 de maio de 2014, dois policiais militares estiveram no Centro Acadêmico da Filosofia (CAFCA), no campus da Universidade Federal de Minas Gerais. O motivo era um evento criado e compartilhado pelo CAFCA no Facebook convidando para uma manifestação contra o aumento das passagens de ônibus, no mesmo dia. Através da identificação dos organizadores via redes sociais, a força militar busca, de maneira velada, impedir a manifestação de ocorrer. A necessidade de agendamento da manifestação – ela deve ser relatada à polícia antes que aconteça – já é estranha, retira da manifestação sua característica transgressora e de luta. Como relatam as cartas de repúdio divulgadas posteriormente pelo Diretório Acadêmico da Fafich e pelo Centro Acadêmico

1. Disponível em: http://www.viomundo.com.br/politica/na-paulista-defensores-de-democracia-sem-partidos-atacam-militantes-de-esquerda-e-queimam-bandeiras-vermelhas.html

2. Disponível em: http://wap.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=34302&sid=11#.U3JxefldVqU

da Filosofia[3], a abordagem dos policiais visava primeiro deslegitimar a manifestação por esta não ter pedido autorização para ocorrer; e segundo, pedir ao coordenador da gestão geral do CAFCA que assinasse um termo se responsabilizando por qualquer eventualidade que ocorresse na manifestação.

Não podemos retirar deste acontecido sua camada de embate de poder, especialmente vinculado a uma noção de território. A polícia é o aparato de opressão do Estado e, mesmo que não haja "uso efetivo da força", sua presença, armada, reforça o poder que se deseja imprimir de controle das manifestações. Esta imposição é também violenta, simbolicamente, ao marcar a tentativa de entrada num território (a universidade, os centros acadêmicos, o prédio das ciências humanas e sociais) que, historicamente, sediou lutas contra esse tipo de poder, desde os tempos da Ditadura.

Este cenário de violência tem início nos embates físicos que marcaram boa parte das manifestações em 2013 e se repetiram em 2014, inclusive com a morte de manifestantes. Foi um ato violento – os tiros e bombas de gás que atingiram repórteres que cobriam a manifestação[4] – que mudou os rumos das ruas em 2013. Foram também atos violentos de depredação e violência policial que geraram os atuais inimigos do estado, os *black blocs*, e intensas discussões quanto a validade do uso da força por parte dos manifestantes. Surgem os vândalos em oposição aos manifestantes pacíficos; questiona-se a capacidade da polícia em lidar com essas situações.

Tudo que ocorreu em 2013, e desde então, acendeu uma luz vermelha de emergência nas instituições de poder e controle – governo, polícia, a FIFA, o capital, a mídia. Criou-se um forte aparato repressor na expectativa de manifestações durante a Copa de 2014 – tratadas com mais detalhes adiante neste livro. Consolida-se a tática *black bloc* como inimiga do estado. Nessa espera, estratégias foram montadas, tentativas de mudar a lei foram feitas, a polícia foi equipada e treinada para conter as manifestações, a vigília virtual e presencial aumentou.

É mais uma morte, a do cinegrafista Santiago Andrade, que reacendeu um debate sobre a violência nas manifestações, em especial na grande mídia, que se presta a reafirmar a polarização entre os manifestantes de bem e os vândalos, a deslegitimar a tática *black bloc* e novamente clamar por manifestações pacíficas.

---

3. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=753936957973171&id=710556978977836

4. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/fotografo-ferido-em-manifestacao-corre-risco-de-ficar-cego-diz-mulher.html

A relação da população com a violência parece sofrer alguma modificação também neste tempo entre as Jornadas de Junho e a Copa do Mundo. A violência simbólica que afeta os jovens nos *rolezinhos*, impedidos de circular nos centros de consumo, é um desses exemplos de certa conivência com a violência quando ela ocorre com um *outro* que já é oprimido constantemente e "já é bandido" por se enquadrar num estereótipo "negro, de periferia, aba reta".

O mote "bandido bom é bandido morto", não sendo uma novidade, ganha força a partir de sua presença mais forte na mídia, em especial na declaração de Rachel Sheherazade[5], mas também na constante reafirmação disto por Datenas e correlatos. Os linchamentos – com mais visibilidade e uma sensação de maior ocorrência[6] -, ganham esse espaço de uma violência que é legitimada: pode-se bater e até matar, na medida em que o *outro* tenha feito algo considerado errado. Não há necessidade da justiça institucional, somente da indignação do povo, juiz e júri.

Retomando Cromwell, ele conta como o arco de guerra inglês foi temido por anos a fio na Europa, em especial pelos franceses e escoceses. Era considerada uma arma imbatível – até que surgiram armas mais potentes e efetivas. Em 2013, um paralelo com as flechas inglesas eram os celulares e suas câmeras. As imagens geradas pelos comuns, e em especial pela Mídia Ninja, eram capazes de desconstruir discursos enviesados da polícia e da mídia. Impediam atos ainda mais violentos, denunciavam o abuso de poder da polícia, acompanharam decisões políticas, reuniões com prefeitos, discussões sob o viaduto Santa Tereza em Belo Horizonte. Estas flechas tecnológicas "matavam" a invisibilidade dos sujeitos-manifestantes. Combatiam a violência simbólica e também a física.

Um ano depois vimos uma tentativa de minar as armas da população para que as manifestações tomem as ruas novamente, seja pela vigilância, seja pelo corte de sinais de celular, seja pelo incremento das forças policiais na rua ou por uma longa campanha discursiva que parece trabalhar para tornar a manifestação algo que o cidadão deve temer. Até que ponto a população legitimará que a polícia daquela imagem, medieval e bruta, aja livremente com violência na contenção das manifestações? O medo do embate violento poderá minar a vontade dos sujeitos em ir para as ruas, não só como ocorreu na Copa de 2014, mas dali em diante?

---

5. Apresentadora de televisão, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O3lO5b-D4rOY. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O3lO5bD4rOY

6. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/05/04/interna_politica,525092/brasil-vive-barbarie-em-serie-com-linchamentos-e-espancamentos.shtml

Capítulo 2

Em nome do pai: ordem e progresso às vésperas da Copa

Renné Oliveira França

ORDEM E PROGRESSO. Está lá escrito, bem no centro da bandeira. A frase é retirada do lema positivista de Auguste Comte, e está diretamente ligada à noção de uma engenharia social. Ordem e progresso aparecem de forma imperativa e indissociável: um só existe e só é possível em relação ao outro. Mas como alcançá-los? Trazendo para o nosso lado da Comunicação, é curioso que a abordagem positivista aborde um processo comunicativo que é monovalente: um sujeito monológico que emite uma mensagem para um receptor. E faz sentido. O ideal positivista prevê a existência de uma classe especial de pessoas capaz de estabelecer a ordem e promover o progresso. Trata-se de uma visão política que não preza o dialógico, compreendendo a sociedade como uma forma hierárquica unidimensional em que esta suposta classe especial estabelece o que deve ser seguido pelo restante.

Ao ler e assistir às notícias envolvendo as manifestações no Brasil às vésperas da Copa do Mundo percebemos que o positivismo da ordem e do progresso se revela muito mais complexo do que aparenta. As manifestações, em si mesmas, parecem ser algo importante para o progresso, em seus gritos contra o estado de exceção imposto pela FIFA e os gastos exorbitantes com estádios de futebol.

Mas, ao mesmo tempo, elas são, por natureza, um atentado à ordem. Como resolver este paradoxo? Aí talvez esteja o grande problema enfrentado atualmente pelos políticos, meios de comunicação, personalidades empresariais, enfim, a tal "classe especial" prevista pelo ideal positivista.

Conforme Livet (2009), os valores estão mudando mais rapidamente do que as normas. Ordem e Progresso parece ser uma norma surgida a partir de valores positivistas. Com o tempo, tornou-se ela própria um valor. As manifestações estariam nos mostrando que os valores mudaram? Ou será que elas são um reforço a eles, uma luta pelo retorno à Ordem e ao Progresso? Afinal, gritos em nome do fim da corrupção e pedindo melhor educação e saúde não seriam pró-ordem, no sentido das coisas "serem como devem ser"? De qualquer maneira, parece-nos claro que há uma dada norma que preza a ordem. Os valores é que são mais fluidos e heterogêneos.

Edgar Morin (1977) faz uma interessante separação das representações da cultura nacional. Há a Pátria, que é uma mãe, figura materna a quem devemos amor. E há o Estado, o pai, figura paterna à qual devemos obediência. Uma das dificuldades da formação de sentido nas manifestações e suas representações midiáticas é que se trata de um fenômeno que, ao mesmo tempo em que se agrada à mãe, desagrada ao pai. Vamos às ruas por amor ao país, para melhorá-lo, para o "progresso". Mas ao fazer isso, "desobedecemos" o pai, atrapalhamos a ordem, causamos confusão. Esta confrontação dialética de sentidos nos faz questionar o próprio sentido de uma manifestação. Talvez estejamos vivendo uma mudança de paradigma, o olho de um furacão que, após passar, transformará a noção de manifestação e de baderna. Onde começa o manifestante e onde termina o vândalo? O que é lutar por seus direitos em busca da melhoria do país e o que é quebradeira?

A violência parece um ponto central neste conflito de sentidos. Ela nunca aparece nos discursos midiáticos de forma associada ao progresso. Mas surge como fundamental para manter a ordem. O mesmo Morin (1996), em outro momento, apresenta a ideia de um mundo invisível que se esconde por trás de um mundo das aparências. Este mundo invisível seria o que funda a ordem do mundo das aparências. Em sua epistemologia da complexidade, o autor propõe "denunciar a metafísica da ordem". Em outras palavras, utilizar uma noção dialógica da ciência para quebrar a (aparente) ordem e revelar as interações desordenadas que estariam presentes neste mundo invisível. Ao fazer isso, a complexidade seria inserida como método de desconstrução, mostrando que nossas concepções ordenadas da sociedade como um todo são apenas

construções, simulacros de organização. Arrisco a propor que foi exatamente isso que as manifestações fizeram com o lema da bandeira de nosso país. O fenômeno que se iniciou em junho de 2013 nos levou do positivismo para o dialogismo.

Pois pensemos sobre a forma como as noções de ordem e de progresso foram abaladas desde então. A Copa do Mundo precisa de ordem para ocorrer. Mas ao mesmo tempo trata-se de um evento que está fora da ordem do país, com suas leis próprias. A Copa deveria trazer o progresso – entendido no viés causal positivista de resultados diretos como linhas de metrô, aquecimento do setor de construção, turismo -, mas são os protestos contra a sua realização – ou seja, movimentos dialógicos da sociedade conversando com a "classe especial" – que parecem trazer um progresso moral, ou pelo menos democrático, para o país.

Francisco de Oliveira (2001) compreende que a cidadania só avança pelo conflito. É a desordem que leva ao progresso. Por isso o autor é crítico do discurso neoliberal, que fraturaria a cidadania conflituosa em nome da perspectiva econômica de resolução dos problemas sociais de forma harmônica. A aparência (novamente o mundo de aparências de Morin) de harmonia não seria benéfica, pelo contrário. O conflito é necessário para que a sociedade progrida. Claude Lefort (2011) vai além e defende que a representação de uma sociedade totalmente harmônica, em que o conflito foi totalmente eliminado, trata-se de uma representação autoritária. Ordem e progresso. Em sua definição de revolução, o autor aponta que é preciso que "estejam dadas as condições gerais de uma polarização geral entre o Alto e o Baixo" com a Autoridade cristalizando em si todos os ódios, algo próximo do que ocorreu no ano de 2013.

Mas há algo que levou a esta despolarização e que também é comum a este tipo de fenômeno. O autor continua: "O acontecimento nada tem de uniforme e, com a permissão da palavra, é antes uma revolução plural que se trata. Seja qual for o exemplo histórico escolhido, o espetáculo da diversidade é o mesmo" (Lefort, 2011, p. 162). A multiplicidade em um dos polos levaria sempre a uma desfragmentação: "ao mesmo tempo em que a sociedade bascula, ela se descentra". Em nosso contexto, um fator que aparece com força de catalisador deste processo de desfragmentação é a noção de violência.

A mesma violência que uniu um dos polos em um primeiro momento (quando a PM de São Paulo atacou os manifestantes do Movimento Passe Livre em 13 de junho de 2013), parece, pelas representações jornalísticas, ter

iniciado o processo de separação. A violência é o filtro que faz os discursos midiáticos chamarem alguns de manifestantes e outros de vândalos. Mas o que é violência? Bala de borracha, rojão, cassetete, pessoas, bancos, concessionárias, qual o parâmetro? Normativo ou valorativo? Aparentemente a desordem em nome do progresso possui o limite da violência e este limite encontra-se em uma linha tênue tanto para o lado dos manifestantes quanto para o lado da polícia, sendo que esta aparece com uma folga maior do que os outros na permissão do uso da força.

O discurso em nome da sociedade ordeira se intensificou às vésperas do Mundial e a repressão às manifestações seguiu a tradicional forma de uso do poder: vigilância. Em seu estudo da Sociedade Disciplinar, Foucault apresenta o modelo arquitetônico do Panóptico, uma torre com um vigilante no centro de uma prisão, localizada de forma a permitir ver dentro de cada cela à sua volta. Um poder disciplinador baseado na consciência da vigilância integral, inibindo ações de violência, ou que fossem contra a ordem estabelecida. A noção de vigília constante levaria a uma interiorização da ordem, sendo que o preso não precisaria mais ser vigiado, mas apenas achar que estava sendo vigiado para manter a disciplina. Foucault usa isso para seu conceito de microfísica do poder: agimos dentro da ordem não porque somos vigiados o tempo todo, mas porque já interiorizamos as regras e punições que podemos receber. A disciplina na sociedade funciona desta forma, uma vez que não seria possível realmente vigiar cada pessoa do planeta. Isso é fundamental para se entender a crítica aos mascarados, aqueles que não podem ser visualizados.

Ver é uma forma de poder, pois é assim que a vigilância opera. O artifício de não ser visto em uma sociedade cercada de câmeras por todos os lados se dá pela supressão da identidade. Nas manifestações temos isso tanto com os manifestantes portando máscaras quanto com os policiais que não têm os nomes escritos nos uniformes. Em *Vigilância Líquida*, Bauman e David Lyon (2014) fazem uma atualização das ideias de Foucault. Uma das principais mudanças no conceito de vigilância seria que antes o pesadelo do Panóptico era baseado na ideia de que nunca se estava sozinho (havia sempre o outro, o vigia). Hoje o medo é do contrário, é o de não ser notado[1].

Aqui há algo importante para se refletir. As câmeras de celulares possuem papel importante de denúncia contra a violência policial. Quanto mais câmeras,

1. Ver também MENDES, André. Capítulo 17: *Competindo pelo olhar do outro: A Importância da Visibilidade na Contemporaneidade* nesta obra (Parte 5).

melhor. Isso se deve ao fato da vigilância ter se invertido dos polos. Ela saiu dos aparatos de repressão do Estado para ser usada como forma de poder pelos manifestantes. Os novos uniformes da polícia para conter as manifestações durante a Copa do Mundo possuírem câmera nos capacetes já é resultado disso. A vigilância popular recebe seu contraponto pela vigilância policial. "Identificar" é a palavra de ordem. Em uma sociedade de intensa exposição, o não-exposto está do lado da desordem. A Pátria Mãe ama seus filhos não importa quem sejam, mas o pai Estado precisa saber quem deve ficar de castigo. E para isso, tem que ficar de olho.

Freud já apontava o assassinato simbólico do pai como processo de amadurecimento. O filho parece gritar que ordem não anda tão junto do progresso. Os pais só querem que ele se acalme e escute, siga as normas. Mas ele não quer só escutar, quer falar também. Quer contar que seus valores são outros. Expor o amor para a mãe não é mais suficiente, é preciso se revoltar para ser notado. Mas há um limite tolerado para sua revolta. E pelo progresso, a ordem é vigiar e punir. Em nome do pai.

Capítulo 3

Antes do acontecimento: às vésperas da Copa

Vera Veiga França

UMA DAS CARACTERÍSTICAS de um acontecimento é sua imprevisibilidade: ele irrompe onde menos se espera, quebra a normalidade do cotidiano e desorganiza a sequência natural das coisas. No entanto, sabemos que existem acontecimentos programados e esperados – e que nem por isto deixam de sê-lo. Um casamento ou um nascimento, para ficarmos em exemplos de ordem pessoal, ou um eleição, num plano social, têm claramente uma natureza acontecimental. E ainda que programados, ao acontecer, eles o fazem fora de nosso controle, e abrem possibilidades impensadas.

Assim é a Copa (ou foi a Copa) de 2014 – um evento cuja realização foi ansiosamente disputada pelo Brasil, e para a qual o país veio se preparando nos últimos anos. Um evento claramente inscrito no nosso calendário público, submetido a uma organização severa tanto por parte do comitê organizador local como por parte da Fifa. No entanto, sua programação exaustiva não garantia o controle daquilo que iria acontecer, nem dentro nem fora do campo; não eliminava uma grande margem de imprevisibilidade na sua realização, inscrevendo-o – por sua importância, pela interrupção que ele promoveu na vida e no dia a dia dos brasileiros, e pela impossibilidade de controlar aquilo

que ele iria se tornar – na clara categoria de acontecimento. Um dos grandes acontecimentos de 2014 (um ano que estava marcado para viver intensas emoções).

Mas não se trata aqui de falar da imprevisibilidade da Copa no seu desenrolar – nem de lembrar que um acontecimento provoca ecos (continua acontecendo) para muito além de seu encerramento formal. O foco, nesta reflexão, se dirige para o "antes" do acontecimento, e para o sentimento que veio provocando nos últimos meses a mais do que esperada Copa de 2014 – a Copa das Copas.

Há oito anos, quando "ganhamos" a realização da Copa do Mundo de Futebol, o sentimento foi de júbilo e comemoração. Éramos o país do futebol – nada mais justo e desejado que sediarmos mais uma copa do mundo (e pudéssemos brilhar em casa...) Os anos se passaram, os trabalhos se arrastaram; sobrevieram atrasos e dúvidas sobre a finalização de importantes obras de infraestrutura; houve denúncias de superfaturamentos e construções mal feitas. Além disto, a ingerência e prepotência da Fifa alteraram profundamente as atitudes e estado de humor de grande parte da sociedade brasileira, gerando sentimentos de hostilidade e repúdio. Estes sentimentos ganharam forma e força nas manifestações que eclodiram em junho de 2013, por ocasião da Copa das Confederações. As "jornadas de junho" e manifestações pontuais que vieram acontecendo desde então modificaram completamente o cenário e o script da nossa Copa. Como resultado, assistimos, nos meses que a antecederam, a uma dinâmica invertida: o acontecimento começando a acontecer (e a afetar) antes de sua realização.

Evidentemente, todo evento programado exige investimentos e gera expectativas – seja para sua realização, seja para contestá-lo. Não é deste planejamento prévio que estamos falando, e nem deste público mais diretamente envolvido em promover ou combater a Copa, mas sim da reação prévia – e generalizada - dos indivíduos comuns *àquilo que poderia acontecer*. A chegada dos estrangeiros, a realização dos jogos começou a ser "sentida" por nós, brasileiro/as, com antecipação. E sentida sob a forma de apreensão. O (suposto) orgulho por sediar a Copa, e o entusiasmo ufanista com nossa seleção foram substituídos pelo temor.

Não apenas em comentários (críticos) postados nas redes sociais, mas sobretudo na conversa miúda do dia-a-dia, o tom era de contenção e receio: "o que será que vai acontecer?" As tradicionais opiniões sobre a escalação da seleção e o desempenho dos jogadores foram substituídas pelo ceticismo:

"ah, esta Copa... Sei não!" De tal maneira que o primeiro semestre de 2014, e particularmente os meses de abril-maio foram vividos não apenas "esperando a Copa", mas sobretudo "sofrendo a Copa" por antecedência.

Como registrado acima, expectativas e tensões são naturais em vésperas de grandes eventos; o que se quer destacar aqui é que um "possível fracasso" de nossa Copa foi vivido com muita intensidade por antecipação – e este fracasso não se referia propriamente ao desempenho da seleção brasileira em campo, mas às condições do Brasil para sediar evento de tal envergadura.

É este estado de espírito (ou de opinião) da sociedade brasileira que deve suscitar nossa reflexão. Vários elementos se somam para explicá-lo. O primeiro deles é, sem dúvida, a avalanche de coberturas críticas da mídia quanto ao andamento dos preparativos para a Copa; a leitura dos jornais e comentários em torno da preparação para o evento (na imprensa brasileira, mas também internacional) nos mostra um cenário sombrio, em que tudo apontava para o pior. Creditar tudo, porém, à cobertura midiática é atribuir-lhe um poder de manipulação e ingerência muito grande – como se os meios de comunicação pudessem nos impor o que pensar para além de nós mesmos e de nossa experiência, nossa própria percepção, reiterando a equação onipotência da mídia / passividade do cidadão. Não é esta a nossa concepção.

Um outro aspecto presente neste quadro analisado diz respeito à nossa auto-imagem, ao sentimento de identidade, ao lugar que, a partir de um quadro de referências partilhado (construído coletivamente - e sobre o qual, individualmente, não temos controle), atribuímos a nós, enquanto comunidade. Na nossa auto-imagem pesaria, em vários momentos, um sentimento de descrédito e impotência – e que teve sua expressão no comentário do ex-jogador Ronaldo, membro do comitê organizador da Copa, de que "estava envergonhado" do Brasil que iria receber a Copa (comentário que recebeu grande repercussão – seja de repúdio ou de adesão – em torno do que foi chamado "complexo de vira-latas" do brasileiro).

Não se pode negligenciar ainda a crítica política à realização da Copa, que tomou corpo, sobretudo, com as manifestações (jornadas de junho e movimentos "não vai ter copa), e se espraiou pela sociedade, na forma de denúncia aos imensos gastos na Copa, contrastados sobretudo com demandas urgentes do país na construção de infraestrutura social.[1] Já a oposição ao governo viu

1. Os números exatos e a informação precisa sobre as obras de infraestrutura perdeu terreno para as especulações e informações parciais, quando não destorcidas sobre os empreendimentos da Copa.

a oportunidade de vincular a fragilidade na organização da Copa à incompetência da administração central.

Certamente, nenhum desses aspectos responde, sozinho, por essa postura reticente da sociedade no "antes do acontecimento" e, com certeza, em conjunto, eles atuaram todos no mesmo sentido e criaram o gatilho necessário para desmobilizar o entusiasmo pela Copa e cercar de inquietações a sua realização. Porém talvez haja ainda algo mais. Se colocarmos em dúvida o poder da mídia para impor nossa leitura da realidade; se rejeitarmos ou minimizarmos a tese do complexo de menos-valia; se percebermos as manifestações mais como mobilizadoras que desmobilizadoras; se nos dermos conta de que as investidas da oposição foram contraditórias e de eficácia relativa, iremos perceber que falta uma "cola" para aglutinar tais elementos dispersos.

Esta lacuna explicativa nos impele a ampliar nossa visada compreensiva, e perceber que talvez estejamos assistindo a uma mudança na forma da sociedade brasileira olhar para si mesma – não na direção do sentimento de impotência, mas numa dinâmica de maior amadurecimento. Aceitamos por muito tempo os estereótipos do "país do futebol", da festa, do jeitinho. As novas experiências, os avanços e reveses dos últimos tempos – e nisto as manifestações tiveram um papel preponderante – inauguram, senão novos tempos, quem sabe, um país que começa a se ver diferentemente.

Então, talvez esse "antes do acontecimento" seja muito mais do que uma reação ao nefasto cenário tecido pela mídia, e seja ele mesmo um outro acontecimento. Um país menos oba-oba, que não espera alegremente que as coisas se arranjem, mas um país mais consciente de si e de suas carências. Se for isto, o "depois da Copa" pode trazer surpresas.

PARTE 2

ABERTURA

E TEM INÍCIO!

A COPA TEM INÍCIO com o clássico show de abertura – insosso, mas marcado por **Um grito na cerimônia**, conforme destacado por Eliziane Lara. Pretendendo homenagear "a natureza, o povo e nossa paixão pelo futebol", o evento, que teve a direção artística do italiano Franco Dragone, e direção de coreografia da belga Daphné Cornez, provocou pouco entusiasmo e recebeu sobretudo críticas, tanto pela apresentação caricatural da nossa brasilidade como pela ausência de nossos artistas e de nossa arte.

Mas algo destoou na cerimônia oficial, quando, antes do início do jogo Brasil e Croácia, três adolescentes – um menino branco, uma menina negra, um menino indígena - entraram em campo vestidos de branco e soltaram pombas brancas como símbolo da paz. Um deles, Werá Jeguaka Mirim, ergue uma pequena faixa vermelha onde se lê: "Demarcação". Foi o imprevisto que quebra a ordem e cria o acontecimento? A palavra inaudível dos indígenas brasileiros que atravessa o gramado e a cerimônia da Copa? Esse pequeno acontecimento, no entanto, para se constituir e ser ouvido, necessitaria de alcançar uma "segunda vida" – repercutir na narrativa das grandes mídias. Não chegou a alcançar.

Outro acontecimento dentro do acontecimento abertura, no entanto, alcançou amplo debate público, revelando **A Copa como uma lente de aumento**, como nos fala Maíra Lobato. Neste mesmo 12 de junho de 2014, no estádio Itaquerão, com a presença de inúmeras autoridades, a Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, recebeu vaias e insultos. O fato foi noticiado na imprensa brasileira e mundial e acendeu os comentários nas redes sociais, sendo amplamente criticado. As críticas, no entanto, revelaram posturas e cadeias significativas distintas. Considerando que as vaias partiram da área VIP do estádio, ocupado por uma elite econômica branca, o debate iluminou uma polarização ideológica. Algumas críticas se preocuparam com a imagem negativa do Brasil, mostrando uma elite que não soube se comportar.

Outras, no entanto, acentuaram a relação entre as vaias e a insatisfação dessa mesma elite com o governo Dilma e com a política social da administração petista. As vaias e a crítica das vaias colocaram em lente de aumento algo que iria ganhar proporções muito maiores e mais sérias nos meses posteriores – a oposição ao governo Dilma, o antagonismo entre "os contra" e "os a favor" da presidenta.

Aspectos políticos e acadêmico-científicos, bem como a questão da visibilidade (e das prioridades) midiática(s), se entrelaçam em **A bola fora do exoesqueleto**, comentado por Leandro Lima. Era para ser um momento de destaque: afinal, há um caráter de ineditismo e de conquista em um equipamento que permite a um paraplégico chutar uma bola com impulsos cerebrais. Juliano Pinto, usando o exoesqueleto desenvolvido pelo cientista Miguel Nicolelis, deu o chute inicial no jogo de abertura da Copa. Porém "o ponto alto", a grande vitrine da ciência brasileira, durou poucos segundos... E o chute passou praticamente despercebido.

Assim, os comentários que se seguiram não foram em torno do acontecimento, mas de seu desaparecimento – o pequeno destaque, a invisibilidade que cercou o exoesqueleto e o chute de Juliano. O tempo disponibilizado pela Fifa foi ínfimo (e suas regras, férreas); a chegada do ônibus da seleção no estádio, no mesmo momento, captou as câmeras das televisões, além de posicionamentos políticos e disputas acadêmicas em torno do trabalho do cientista Nicolelis. Decepção e humor cercaram as falas provocadas pelo chute fora do gol do exoesqueleto; o acontecimento "abertura" teima em não acionar narrativas alvissareiras.

A ausência de positividade e o tom crítico também marcam o último episódio do dia, no jogo Brasil e Croácia. **A Copa do gol contra?**, pergunta André Mendes. Apesar da vitória de 3 x 1 do Brasil, o grande destaque foi o primeiro gol da Copa, um gol contra marcado pelo lateral brasileiro Marcelo, seguido do questionamento da penalidade que levou ao gol a favor do Brasil. No final das contas, o grande gol contra não teria sido a própria realização da Copa, com tudo dando errado? (estava só começando, mas a catástrofe em torno de seu desenrolar era dada como certa). O erro do jogador suscitou comentários racistas e o possível erro do juiz marcando um pênalti questionável suscitou debates: seria favoritismo e má fé, desvalorizando o desempenho da seleção e sugerindo a desonestidade como arma de nossa(s) vitória(s).

Decididamente, a primeira fase do acontecimento Copa, configurada nas ocorrências e, sobretudo, nas narrativas que suscitou, foram críticas e negativas. A tensão e a descrença do pré-copa parecem ter se confirmado em sua abertura. O evento seria um desastre.

Capítulo 4

Um grito na cerimônia de abertura

Eliziane Lara

12 DE JUNHO DE 2014, 15h15, estádio Itaquerão em São Paulo: é o início programado do acontecimento Copa do Mundo - que na prática já havia começado - e chegava acompanhado por certo receio[1]. Não sabíamos se ocorreriam manifestações como as de junho de 2013.

A cerimônia de abertura também tinha seu componente próprio de ansiedade: estávamos no foco das atenções de todo mundo, seríamos capazes de fazer um grande espetáculo ou daríamos vexame? Estávamos realmente preparados para realizar um evento daquelas proporções? Começava a "prova dos nove" para um país que teve sua competência para sediar o evento questionada inúmeras vezes - vide os muitos puxões de orelha públicos que executivos da FIFA nos deram durante as visitas às obras realizadas para receber o Mundial.

A abertura cumpre um papel importante simbólica e cronologicamente na trajetória da Copa. Ao contrário do que ocorreu na África do Sul, em 2010, quando foi realizada na véspera do primeiro jogo com um grande show de

1. As manifestações ocorridas em junho de 2013 já haviam colocado em pauta o descontentamento de muitos brasileiros com gastos gerados pelas obras da Copa e como discute Vera França no capítulo 3, um clima de apreensão estava no ar. Além disso, a agenda dos meios de comunicação já estava tomada pela Copa há muitos dias com notícias relacionadas, por exemplo, aos treinos da seleção brasileira e à chegada de delegações estrangeiras e turistas ao Brasil.

artistas do mundo Pop - como Shakira e Black Eyed Peas - no Brasil a cerimônia foi realizada poucas horas antes e no mesmo estádio da primeira partida. Pela televisão viam-se muitas cadeiras ainda vazias na arquibancada, o gramado coberto por uma espécie de lona com um círculo central bege rodeado por faixas coloridas. Sob o círculo, uma grande esfera iluminada em que foram exibidas mensagens e imagens que compunham os atos da cerimônia de abertura. Segundo informações da assessoria da FIFA, esses atos homenagearam o Brasil em três aspectos: a natureza, o povo e a paixão pelo futebol.

A cerimônia durou aproximadamente 23 minutos e aos olhos de muitos brasileiros carregou nas tintas que nos apresentaram como um país exótico. Jovens correndo pelo palco fantasiados de árvores e um indígena a bordo de uma canoa carregada por outros jovens, vestindo uma roupa que mais remete aos índios norte-americanos do que aos brasileiros (e preso por um cinto de segurança ao assento da embarcação) são apenas algumas das imagens que foram criadas para "homenagear" e, ao mesmo tempo, apresentar o Brasil ao resto do mundo.

A bola gigante que estava no centro do gramado abriu-se e de dentro dela surgiu Cláudia Leitte, que cantou um trecho de *Aquarela do Brasil*, acompanhada por membros do Olodum que estavam no chão e passaram despercebidos: o som da percussão do grupo ficou praticamente inaudível pela TV. Na sequência, surgiram do interior da bola os astros norte-americanos Pitbull e Jennifer Lopez, que junto com Claudia Leitte protagonizaram o *grand finale*: a execução em *playback* da música tema da Copa, *We are one*.

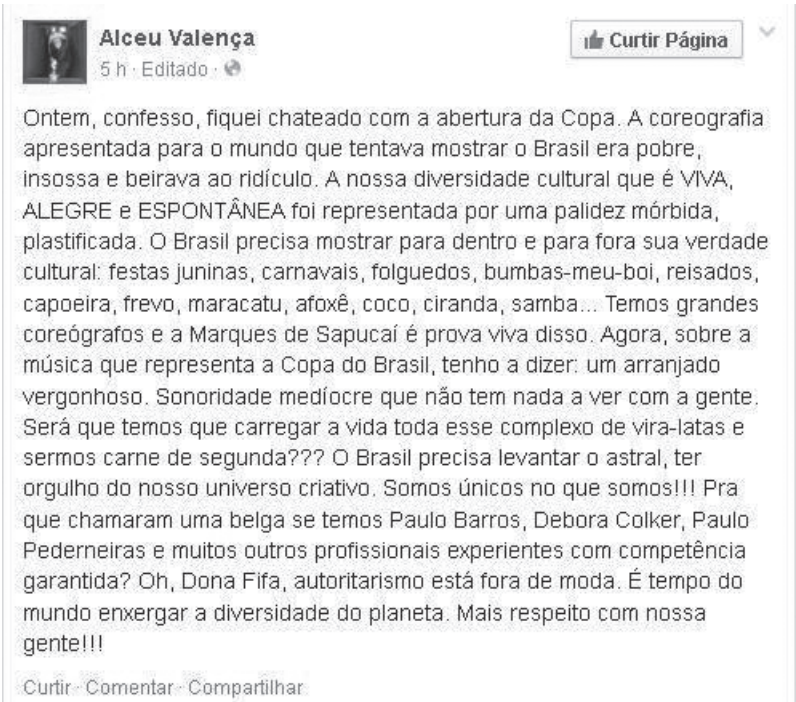
Ainda que sediada no Brasil, apenas uma estrofe da canção oficial foi cantada em português. A síntese da mensagem estaria no próprio título da música que diz que "somos todos um só"; a Copa nos une num mesmo mundo, numa mesma vibração. E apesar de todo o investimento, a canção não encontrou ressonância. Pela transmissão da TV não foi possível observar grande entusiasmo por parte do público. Diante da representação exótica e estereotipada que se tinha visto do Brasil nos três primeiros atos da abertura parecia mesmo irônico dizer que a Copa congregava todos num mesmo projeto.

A cerimônia mal terminou e nas redes sociais o debate[2] já estava instalado. Impossível fazer uma radiografia de tudo o que circulou, mas muitos comen-

2. Em sua fanpage no Facebook, o site de eventos *Sou Brasília* convidou internautas a responderem a pergunta: "A abertura da Copa ontem te decepcionou?". As respostas e comentários podem ser vistos no link: https://pt-br.facebook.com/soubsb/posts/989008041170178

tários seguiram a linha "a feira de cultura da minha escola faria melhor" ou exprimiram "vergonha" e "horror". A festa usou e abusou de alegorias, mas na avaliação de muitos elas não poderiam ser comparadas ao que ocorre durante o carnaval carioca. O jornal *O Globo*, por exemplo, publicou uma matéria[3] no dia mesmo da abertura em que avaliou que houve alegria, mas faltaram boas ideias na festa planejada por "profissionais estrangeiros, sem muito conhecimento de causa". Entre os que defenderam a cerimônia, houve menções de que as aberturas de Copa do Mundo não são sofisticadas como as das Olímpiadas e que a vergonha que muitos disseram sentir talvez se explicasse por uma suposta síndrome de inferioridade típica dos brasileiros, o "complexo de vira-lata", expressão cunhada pelo escritor Nelson Rodrigues.

Em meio ao debate, um incômodo ganhou força: por que a abertura da Copa no Brasil teve a direção artística de uma belga? O comentário do cantor, músico e compositor Alceu Valença publicado no Facebook é representativo dessa vertente:


Alceu Valença
5 h · Editado ·
Curtir Página

Ontem, confesso, fiquei chateado com a abertura da Copa. A coreografia apresentada para o mundo que tentava mostrar o Brasil era pobre, insossa e beirava ao ridículo. A nossa diversidade cultural que é VIVA, ALEGRE e ESPONTÂNEA foi representada por uma palidez mórbida, plastificada. O Brasil precisa mostrar para dentro e para fora sua verdade cultural: festas juninas, carnavais, folguedos, bumbas-meu-boi, reisados, capoeira, frevo, maracatu, afoxê, coco, ciranda, samba... Temos grandes coreógrafos e a Marques de Sapucaí é prova viva disso. Agora, sobre a música que representa a Copa do Brasil, tenho a dizer: um arranjado vergonhoso. Sonoridade medíocre que não tem nada a ver com a gente. Será que temos que carregar a vida toda esse complexo de vira-latas e sermos carne de segunda??? O Brasil precisa levantar o astral, ter orgulho do nosso universo criativo. Somos únicos no que somos!!! Pra que chamaram uma belga se temos Paulo Barros, Debora Colker, Paulo Pederneiras e muitos outros profissionais experientes com competência garantida? Oh, Dona Fifa, autoritarismo está fora de moda. É tempo do mundo enxergar a diversidade do planeta. Mais respeito com nossa gente!!!

Curtir · Comentar · Compartilhar

3. Disponível em: http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/muita-alegria-poucas-boas-ideias-na-festa-de-abertura-da-copa-12832048. Acesso em 10/08/2014.

Mas o gesto digno de nota na abertura ocorreu depois que o palco foi desmontado. Com os jogadores brasileiros e croatas já em campo, antes da partida começar, três adolescentes entraram no gramado vestidos de branco, segurando pombas também brancas, que foram soltas como sinal de paz. O menino branco, a menina negra e o menino índio (com um cocar) representaram do modo mais conservador possível a diversidade do povo brasileiro.

No entanto, Werá Jeguaka Mirim, de 13 anos, não assumiu o lugar do índio "bom selvagem" que lhe havia sido atribuído e ainda dentro do gramado ergueu uma pequena faixa onde se lia: "Demarcação". A palavra grafada em preto sobre o pedaço de tecido vermelho exprime o clamor da população indígena brasileira que vive conflitos graves e enfrenta situações de penúria por não terem suas terras demarcadas. De 2011 a 2013 o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) registrou 164 assassinatos de indígenas no Brasil, sendo que destes 102 ocorreram apenas no Mato Grosso do Sul, em que a maior parte das vítimas é da etnia Guarani-Kayowá. No mesmo período, a presidenta Dilma Rousseff assinou 11 homologações de terra, todas na região Norte do Brasil, enquanto os principais conflitos estão no Centro-Oeste. Era esse cenário de extrema violência e descaso que estava sintetizado na pequena faixa erguida por Werá. Era essa a realidade que o garoto gostaria de apresentar e não a do índio feliz que poucos minutos atrás chegava remando uma canoa flutuante, carregada por outros jovens. Werá questionou o imaginário de que no Brasil reina a harmonia entre os povos. Ele trouxe o grito de quem muitas vezes não consegue ter acesso a condições básicas de sobrevivência.

Se os olhos de todo o mundo estavam voltados para o Itaquerão naquele momento, a tática era colocar em pauta um direito das populações indígenas que é sistematicamente violado no Brasil. Como se poderia prever, não houve espaço na transmissão oficial para o gesto reivindicatório fora do script. Para quem organiza a Copa, aquele não era o momento de colocar a harmonia encenada em xeque. Mas o gesto de Werá circulou na internet, foi compartilhado nas redes sociais. Não ganhou a visibilidade merecida, mas deve ser reconhecido por sua potência. Uma ruptura bastante simbólica numa cerimônia protocolar. Werá não aceitou representar uma paz que é negada a ele e a seu povo.

Capítulo 5

A Copa como uma lente de aumento

Maíra Lobato

MINUTOS ANTES do pontapé inicial da partida entre Brasil e Croácia, na cerimônia de abertura da Copa do Mundo 2014 que aconteceu no dia 12 de junho, no estádio Itaquerão, em São Paulo, foram ouvidos insultos e vaias contra a presidente Dilma Rousseff. Na transmissão ao vivo, algumas emissoras comentaram o fato, atribuindo-o à queda de popularidade da presidente, outras não mencionaram o ocorrido naquele instante.

Um evento como a abertura de um mundial de futebol conta com toda uma programação prévia. Sabe-se de antemão quem irá se apresentar, quais chefes de estado estarão presentes, quais atletas irão representar os países, quais os cantores farão shows, como será a cerimônia etc. Há todo um roteiro prévio a ser seguido, cuidadosamente planejado e calculado. Mas mesmo com toda essa programação, no desenrolar do evento, muita coisa escapa do planejamento e do escopo previsto. O grande acontecimento que era a abertura e o início da Copa do Mundo no Brasil, mesmo com toda sua previsibilidade, foi marcado por vários outros acontecimentos menores que não estavam no script e quebraram o protocolo da programação inicial. As vaias à presidente Dilma, a faixa erguida por um índio que se apresentou na cerimônia pedindo

a demarcação de terras, o gol contra no primeiro jogo são exemplos de ocorrências que marcaram o grande acontecimento da abertura e começaram a repercutir e desencadear os mais diversos sentidos. Os comentários nas redes sociais sobre o evento e sobre essas ocorrências menores se multiplicaram; nas notícias sobre o início da Copa do Mundo, praticamente todos os veículos de comunicação pautaram as vaias à presidente.

Os sites da *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Veja*, *Uol*, *Terra*, *G1* e *Estado de Minas,* entre outros veículos de comunicação, trouxeram o assunto nas manchetes: "Dilma é hostilizada pela torcida quatro vezes na estreia da copa" (*Folha online*, 12 de junho de 2014); "Dilma é xingada por torcedores no Itaquerão" (*O Globo*, 12 de junho de 2014); "Copa começou com festa morna (e xingamentos a Dilma)" (*Veja*, 12 de junho de 2014); "Para Lula, vaias a Dilma na abertura são maior vergonha que país já viveu" (Portal *Uol*, 13 de junho de 2014); "Torcida xinga Dilma e Fifa em abertura" (Portal *Terra*, 12 de junho de 2014); "Dilma é hostilizada durante abertura da Copa do Mundo em São Paulo" (Portal *G1*, 12 de junho de 2014); "Dilma é vaiada por torcedores no Itaquerão" (Jornal *Estado de Minas* – EM.com – 12 de junho de 2014) .

Neste cenário, é interessante perceber quais sentidos foram atribuídos às vaias, que discussões emergiram a partir delas, que valores foram acionados para justificá-las ou condená-las, e de que maneira os sujeitos foram afetados por isso. As notícias publicadas no portal *G1* e no *EM.com*, por exemplo, destacaram que os insultos e vaias começaram na área VIP do estádio[1], que seria reservada para celebridades e pessoas de classes sociais mais altas. No texto publicado no portal *G1* há o seguinte trecho destacando este ponto: "Os gritos com palavrões começaram na área VIP e se espalharam por outras partes das arquibancadas da Arena Corinthians". O site do jornal *Estado de Minas* (EM.com), logo no subtítulo, conhecido como bigode da matéria no meio jornalístico, diz que "No Itaquerão as vaias partiram da área VIP". E o primeiro parágrafo da mesma notícia destaca: "As agressões verbais partiram, principalmente, da Área Vip - um dos setores com preços mais altos -, e se espalharam por alguns pontos do estádio". Ao colocar essa questão, começam a surgir nas redes sociais comentários de apoio e de repúdio às vaias. Mas este não é ponto mais curioso.

1. Área do estádio cujos ingressos possuem preços mais elevados, variando entre R$ 1189,00 e R$ 9086,00 reais.

Para além da aprovação ou repúdio das pessoas, a questão da área VIP trouxe polêmica. Houve comentários indignados[2] com a falta de educação da torcida nesta área, ressaltando que a área VIP era composta, em sua maioria, de pessoas brancas pertencentes às classes sociais mais altas. E um comportamento mal educado como este, de vaiar a presidente de um país, não seria condizente com esta "elite branca" que ocupava os lugares da área VIP. A esta elite atribui-se uma postura fina e educada. Logo, as vaias são um comportamento associado ao "outro", ao que não pertence a este grupo seleto.

Este tipo de associação (elite = boa educação) deixa implícito o seu contrário: posturas mal educadas são características de pessoas de classe social baixa e/ou que têm a cor da pele negra. Negros e pobres não têm uma boa educação, não sabem se comportar adequadamente – o que não é o caso da elite branca, bem nascida e bem formada. Operando nesta cadeia de significados, este tipo de crítica das vaias demonstra forte preconceito e racismo. Nossa elite não soube mostrar sua distinção.

Outros comentários problematizavam a insatisfação por parte dessa classe com a política do governo de Dilma, mais voltada às classes pobres, e deixavam evidentes questões como a desigualdade social no Brasil e a indiferença de uma parcela da população em relação a isso. O debate entre os que são contra e os que são a favor da presidente e, inversamente, contra e a favor das vaias se estendeu pelas redes, mas sempre chamando outras questões para a discussão: a popularidade de Dilma, o resultado das eleições[3], a situação econômica do

2. Comentários retirados da notícia "Dilma é vaiada por torcedores no Itaquerão" publicada no site do jornal *Estado de Minas*: "Esse é o nível da educação de berço do brasileiro. A presidenta foi eleita por voto popular e pela maioria. Se não está satisfeito mostre isso no voto. Vaia não tira ninguém do poder. Pelo contrário, o tiro sai pela culatra"; "Os ricos não suportam o PT, pois antes só eles andavam de carro, avião, curtiam cinema, praia e bares. Hoje a classe média alta não suporta ver empregada doméstica, babá ou pedreiro possuir ou frequentar as mesmas coisa que no passado só os ricos usufruíam"; "Lamentável heim!, área VIP...ou seja tem dinheiro mas falta educação!". Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/06/12/interna_politica,538791/dilma-e-vaiada-por-torcedores-no-itaquerao.shtml

3. A presidente Dilma Rousseff foi eleita em 2010, como sucessora do presidente Lula (Luís Inácio Lula da Silva). Ambos pertencem ao PT (Partido dos Trabalhadores) e a entrada de Dilma na presidência do país representou a continuidade da política que vinha sendo feita por Lula. No segundo semestre de 2014, após a Copa do Mundo, o Brasil teria novamente uma eleição para os cargos de presidente da república, senador, governador, deputados federais e estaduais. Antes do mundial, Dilma Rousseff já havia anunciado que seria candidata a reeleição e muito se especulava sobre a influência da Copa no resultado eleitoral. Ela foi eleita no segundo turno da eleição de 2014 em uma margem apertada, tendo 51,64% dos

país, a desigualdade social, os gastos com a Copa, as concessões feitas à FIFA, e por aí vai. Desde a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo, uma série de medidas passaram a ser tomadas para que as cidades onde seriam realizados os jogos se adequassem às exigências do órgão máximo do futebol, a FIFA. Mudanças na legislação relativa ao consumo de bebidas alcoólicas nos estádios e ao direito das pessoas de se manifestarem nas ruas, grandes obras de adequação nas vias públicas e estádios, mudanças drásticas na circulação de veículos e pessoas nas cidades são alguns dos exemplos de medidas assumidas pelas autoridades públicas para atender os anseios da FIFA.

E a discussão não se restringiu às redes sociais. As pessoas comentavam nas ruas, com os colegas de trabalho, no ônibus, nos almoços de família. A questão mobilizou desde o analista político até o cidadão ordinário. E todos, convocados pelo acontecimento, se posicionaram. Naquele momento, todos falaram de política. Um assunto muitas vezes recusado pela maioria. E talvez seja este realmente o legado dessa Copa: servir como uma lente de aumento para enxergar questões e valores que estavam, até então, em um estado latente.

---

votos contra 48,36% de seu adversário Aécio Neves ("Dilma é eleita com menor vantagem desde a redemocratização". Gazeta do povo. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/dilma-e-eleita-com-menor-vantagem-desde-a-redemocratizacao-eff6nndqedj1tm5ys7m68z1ou).

Capítulo 6

A bola fora do exoesqueleto na Copa

Leandro Augusto Borges Lima

A FIFA, o governo e a mídia anunciavam com antecedência aquela que seria a maior atração da abertura da Copa do Mundo de 2014: um chute inicial dado por um paraplégico utilizando um exoesqueleto controlado por impulsos cerebrais, criado pelo cientista brasileiro Miguel Nicolelis e sua equipe. A expectativa criada para a ciência nacional era enorme: uma vitrine mundial para um avanço científico capitaneado por um brasileiro, a chance de mostrar que não somos apenas o país do futebol, samba e carnaval, e que também somos pioneiros nos avanços tecnológicos.

Esperava-se que o grande chute fosse dado no apito inicial, no centro do campo, com todas as câmeras do planeta voltadas para aquele momento único. Mas não foi o que vimos. O tão falado chute foi parte ínfima de uma tímida cerimônia de abertura no dia 12 de junho. E como parte de uma festa maior, teve em tela o mesmo tempo proporcional que é dado à importância do fazer científico no Brasil: cerca de 3 segundos, em que mal vimos o chute, tão somente a bola se movendo. Após seis meses de preparação na *Associação de Assistência à Criança Deficiente*, de São Paulo, Juliano Pinto, de 29 anos, foi o felizardo entre os 10 pré-selecionados. Ele estaria em campo na abertura do maior evento futebolístico do mundo, trajando um exoesqueleto que o

permitira chutar uma bola após mais de sete anos de paraplegia, causada por uma fratura na coluna.

Uma série de motivos tornou invisível este momento. Pesa contra Juliano Pinto e Miguel Nicolelis, em seus momentos de glória, a chegada do ônibus da seleção para o jogo de abertura, que acontecia naquele mesmo instante. A transmissão foi interrompida na Rede Globo brevemente para mostrar o ônibus e, depois, a tela dividida em duas diminuiu ainda mais a dimensão daquela breve imagem. Ainda antes do dia 12 de Junho, quando da preparação e organização do que viria a ser esta abertura, a equipe de Nicolelis foi informada que deveria seguir o tão temido Padrão Fifa, alvo de piadas, críticas e temores antes, durante e após a Copa.

Em entrevista dada ao jornal Zero Hora, Juliano explica que a expectativa inicial – levantar, caminhar e enfim chutar a bola – não poderia ser realizada dentro do tempo especificado pela Fifa.

> Como o próprio Miguel Nicolelis abordou, o tempo foi muito curto para que isso viesse a acontecer. A gente se enquadrou dentro de um roteiro da Fifa. Muita gente questionou por que fizemos o que fizemos na abertura e também nos ensaios, mas foi porque o tempo era aquele. Para a gente fazer tudo isso *(levantar, caminhar e chutar)*, teríamos que ter um tempo maior, não tinha como. É como o doutor Nicolelis falou, não existe na história uma demonstração da parte robótica dessa maneira em 29 segundos. Conseguimos fazer em 16 segundos, e menos apareceu na mídia (Juliano Pinto, entrevista ao Jornal *Zero Hora*)

O esperado não aconteceu, graças ao Padrão Fifa, para quem a demonstração de um grande avanço científico merecia menos tempo do que a apresentação musical de Pitbull, Jennifer Lopez e Claudia Leite, ou do que as mal ensaiadas coreografias daquela abertura. Contudo, algo aconteceu.

Se o fato tão aguardado foi negligenciado pelas câmeras, não foi pelas redes sociais. Imediatamente após a imagem da televisão, proliferaram mensagens pelo Facebook e Twitter carregadas de indignação. Uma busca rápida no Google nos dá muitos resultados de portais de notícia, blogs, perfis pessoais e afins repercutindo a ausência do chute. Por exemplo, o site esportivo *Impedimento*, em sua conta no Twitter, demonstra a descrença na pouca relevância dada ao chute "Sério que o exoesqueleto já foi? Sério que não conseguiram dar destaque ao único momento que interessava?". O diretor Fernando Meirelles foi outro que usou o Twitter para lamentar: "o genial exoesqueleto usado pelo rapaz

que daria o primeiro chute infelizmente se perdeu na transmissão da abertura. Uma pena".

Na mídia, o fato foi noticiado pela sua ausência, como mostram algumas manchetes:

Veja: Demonstração do exoesqueleto decepciona na cerimônia de abertura

Gizmodo: O exoesqueleto de Nicolelis fez uma brevíssima aparição na abertura da Copa

UOL: Exoesqueleto não ganha destaque na abertura da Copa

Esporte Interativo: Globo 'ignora' chute de deficiente com exoesqueleto em transmissão

Numa abertura de pouco impacto, o exoesqueleto em sua invisibilidade acabou se tornando um de seus aspectos mais visíveis; este quase "não-acontecimento" acaba por acontecer de fato no discurso de indignação que se alastra pela web.

O acontecimento fez e ainda faz falar, por exemplo, através do humor. A Copa do Mundo no Brasil gerou uma série de elementos de humor. Momentos como a mordida de Suárez, as comemorações animadas de David Luiz, performances heroicas de goleiros, tudo era passível de se tornar uma piada na web, principalmente na forma de *memes*. É claro que o exoesqueleto se tornou um deles. Após a segunda partida do Brasil, o empate em 0x0 com a seleção mexicana, surgiram muitas sugestões para que Fred, o camisa 9 brasileiro, entrasse em campo utilizando um exoesqueleto para conseguir enfim chutar a bola ao gol. O site de humor esportivo *Olé do Brasil* foi um dos responsáveis pela sugestão que logo viralizou e foi repetida diversas vezes graças às péssimas atuações do jogador durante os jogos. A lesão de Neymar após o jogo contra a Colômbia também reviveu o exoesqueleto, sugerindo que o jogador utilizasse o equipamento para retornar a campo.

A reverberação não se dá apenas pelo humor, mas também pela política. Miguel Nicolelis é um petista assumido. Numa época de ataques constantes contra o Partido dos Trabalhadores, em que toda mazela do país é "culpa do PT"[1], a mídia oposicionista tentou por diversas vezes desqualificar a pesquisa de Nicolelis, refletindo na ciência o embate político que seria travado nas eleições de outubro daquele ano. Destacam-se nesse ponto as trocas de tuítes entre Nicolelis e dois oposicionistas assumidos, Diogo Mainardi e Reinaldo

1. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 30: *A Culpa é do PT*, nesta obra (Parte 8).

Azevedo (colunistas da revista *Veja*)[2], além de Roger (vocalista do grupo *Ultraje a Rigor*), que acusou o exoesqueleto de "propaganda comunista" dentre outras coisas em sua conta no Twitter (@roxmo).

Não apenas na política partidária, mas também na científica há controvérsia. A não visibilidade do acontecimento pela televisão foi celebrada pela ala da comunidade científica que contesta os achados de Nicolelis, do ponto de vista técnico (há duvidas se o método utilizado por ele dá independência ao paraplégico ou se é somente a máquina fazendo o sujeito se mexer) e político-científico, com discussões sobre fraudes, plágios, a invisibilidade da participação de outros cientistas brasileiros no projeto e o ineditismo da proposta.[3]

O acontecimento fala, reverbera, deixa-se fluir nas discussões dos sujeitos ordinários, nas suas inserções bem humoradas em outros acontecimentos, nas discussões políticas e técnicas da ciência. Reverberou antes, no instante e continuou a afetar outros acontecimentos dentro da Copa do Mundo. O que ainda pode revelar o exoesqueleto de Miguel Nicolelis?

---

2. O cientista respondeu às acusações de charlatanismo, de ser um "novo Santos Dumont" como insinuou Mainardi, para quem Nicolelis havia criado o que já foi inventado

3. Segundo matéria divulgada no jornal Zero Hora, em 2011 a equipe de Nicolelis passou por um racha. Com isso, um novo núcleo de pesquisa em torno do exoesqueleto se formou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Um manifesto de cientistas da área de neurociência afirmou que "Ao privar a Ciência Brasileira de uma parceria justa e prometida, o INCeMaq (Interfaces Cérebro-Máquina), na figura do seu coordenador Prof. Miguel Nicolelis, não agiu pelo interesse coletivo, como seria de se esperar de um coordenador de Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, mas exclusivamente em proveito próprio." Um dos pivôs desse questionamento é a existência de um artigo feito por um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sobre um experimento de estimulação cerebral. Três anos depois, Nicolelis e seu grupo na Duke University apresentaram um artigo com ideias semelhantes. Os pesquisadores que assinam a carta questionam o porquê da ausência de uma parceria com o grupo da UFMG que já pesquisava o mesmo assunto, com avanços significativos, preferindo o trabalho na Duke University em detrimento da valorização da ciência no Brasil através da parceria com os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT).

Capítulo 7

A Copa do Gol Contra?

André Melo Mendes

O GOL CONTRA DO ESTADO

O dia da abertura da Copa do Mundo no Brasil foi marcado por muita expectativa e tensão. Após uma cerimônia pouco empolgante, as seleções de Brasil e Croácia entraram em campo. O jogo iniciou nervoso e se tornou mais ainda após a marcação do gol contra do lateral da seleção brasileira, Marcelo. Muitos brasileiros entenderam esse gol contra, logo no início da partida, como uma metáfora do que consistiu a organização da Copa do Mundo para a sociedade brasileira, associando-o tanto com o desacerto e desorganização no encaminhamento das obras (a tradicional ineficácia brasileira) quanto com a má administração do dinheiro público.

O GOL CONTRA DA MÍDIA – PARTE 1

Durante o jogo, ainda sob o impacto do primeiro gol (contra), alguns torcedores brasileiros postaram mensagens racistas nas redes sociais, vinculando o erro do lateral Marcelo à cor da sua pele. A frase "tinha que ser preto" foi uti-

lizada por usuários do Twitter para criticar o lateral da seleção.[1] Em resposta outro internauta escreveu "se fosse branco não faria uma merda dessas".[2]

Um machismo velado também pôde ser percebido nos comentários de alguns apresentadores de televisão e jornalistas que criticaram os jogadores por se emocionarem antes de entrarem em campo ou durante a execução do hino brasileiro, entendendo esse comportamento como um sinal de fraqueza. No caso dos comentários racistas, é interessante notar que quando Neymar, que também é afrodescendente, marcou o gol de empate e o gol da virada, não houve associações desse êxito ao fato dele ser negro.

O GOL CONTRA DA MÍDIA – PARTE 2

Apesar da bela atuação de Neymar merecer destaque na imprensa, a maioria dos jornais nacionais e estrangeiros vinculou a vitória de 3 a 1 da seleção brasileira a uma falta que, para a grande maioria de comentadores esportivos, inclusive internacionais, não existiu. Não é preciso ser um grande conhecedor de futebol para ter ciência de que, ao longo da história, várias partidas decisivas, em campeonatos nacionais e mundiais, foram definidas por lances polêmicos – no Brasil, aliás, isso é bastante comum no Campeonato Brasileiro.

Historicamente, principalmente no que diz respeito à imprensa brasileira, o enquadramento dado a esses lances polêmicos sempre tendeu a privilegiar a dificuldade do lance em questão, ou a incompetência do árbitro, sendo raras as ocasiões em que se defendeu unanimemente a tese de má fé do árbitro, como ocorreu no jogo de abertura da Copa.

(IN) CONCLUSÃO

Os discursos veiculados nos meios de comunicação têm grande potência para influenciar a forma como os sujeitos percebem o mundo e constroem suas subjetividades. Ao optar por repercutir de maneira polarizada o episódio do pênalti, enquadrando-o como uma ação premeditada, em vez de centrar na natureza polêmica da jogada, como é de praxe, a imprensa nacional contribui

1. Disponível em: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,tinha--que-ser-preto-dizem-torcedores-apos-gol-contra-de-marcelo,1510927

2. Disponível em http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/marcelo-sofre-racismo-apos--gol-contra-tinha-que-ser-preto,a5f1c4b9da296410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html

para uma desvalorização simbólica dos eventos ligados à Copa do Mundo, de sua organização e mesmo para uma deslegitimação de uma possível conquista do título pela seleção brasileira.

Essa postura reflete a indignação de grande parte da sociedade diante da organização da Copa e da maneira como a FIFA participou dessa organização, mas, ao mesmo tempo, contribui para a consolidação, no imaginário nacional e mundial, de que no Brasil "tudo", inclusive os êxitos, estão vinculados à corrupção. A reificação desse discurso contribui para sua cristalização e dificulta a proposição (e aceitação) de ações diferentes. Por outro lado, as diversas manifestações de repúdio à Copa, nas ruas ou nos comentários da imprensa, sugerem uma mudança de postura do povo brasileiro que, em outras ocasiões, em nome da paixão pelo seu esporte favorito, aceitou manipulações ou se absteve de protestar. Essas expressões de descontentamento tensionam a representação do povo brasileiro como um povo passivo, que não questiona o que lhe é imposto.

PARTE 3

MANIFESTAÇÕES

RUÍDOS

CONFORME ERA DE SE ESPERAR, com todos os prognósticos críticos e sentimentos negativos, o início da Copa foi marcado por contestações. Em Belo Horizonte, conforme analisa Raquel Dornelas, houve **Um cinema "quebrado". Uma biblioteca "destruída"**, seguidos de muitas críticas aos "vândalos" que passaram dos limites.

Mas afinal, o quê mesmo aconteceu naquele dia? No Facebook, vários movimentos e iniciativas populares convocaram para uma manifestação no dia da abertura da Copa, o 12J. Os manifestantes, que se reuniram no centro da cidade, caminharam até a Praça da Liberdade, e lá houve enfrentamento com a política e violência. Entre outros episódios, pedras foram atiradas no prédio que abriga a Biblioteca Pública da cidade, bem como na vitrine do Cine Bela Artes. Este foi o "acontecimento" que fez falar, colocando em cena de forma indistinta, manifestantes, black blocs, raiva política, raiva social. A manifestação propriamente dita, o ato de protesto e o que estava em pauta foram esquecidos pela cobertura midiática.

E manifestações que se seguiram também não alcançaram nenhuma repercussão. **Cadê o pessoal do #nãovaitercopa?** foi a pergunta que circulou em muitos fóruns da internet; e a resposta irônica, comenta ainda Raquel Dornelas, era que o gigante (aquele que teria acordado em 2013) foi assistir aos jogos... Na verdade, as manifestações, embora com

menor fôlego, e em número mais reduzido, continuaram em várias capitais do país – só que não foram noticiadas. Em Belo Horizonte houve inclusive dois protestos contra a queda de um viaduto, denunciando a irresponsabilidade da administração municipal e da construtora da obra.

As manifestações (mais de uma centena delas) não impediram a realização da Copa nem comprometeram a imagem festiva do país. Aconteceram de forma quase silenciosa, ignorada pela mídia e pela maior parte da sociedade, registrando, mesmo sem alarido, que as coisas não continuavam bem no país do futebol.

Um país não só verde-amarelo (que foi a cor predominante dos estádios e nas ruas das cidades), mas um país de muitas cores, conclui Raquel Dornelas em sua terceira análise, sobre a **Aquarela de blocos na Copa**. O bloco negro, ou black bloc, que se tornou conhecido no Brasil nas manifestações de 2013, se fez presente, com suas bandeiras contra o capitalismo, contra a FIFA e os gastos da Copa, fazendo críticas ao governo e cobrando qualidade dos serviços públicos. Vistos desde o início do ano como ameaça à realização dos jogos, tiveram vários ativistas presos na véspera do jogo final, no Maracanã.

Com menor expressão, e menos conhecidos, havia também os white blocs, de linha "pacificista", cobrando melhoria nos serviços públicos e denunciando a corrupção. Em publicações na internet, intensificaram a crítica ao governo Dilma e chegaram inclusive a acenar para a volta dos militares...

O terceiro bloco marca presença nas áreas vips dos estádios: são os yellow blocs, de posição conservadora, clara oposição ao governo Dilma, e manifestando-se pelo direito da distinção (e contra as misturas). Tonalidades ideológicas se opõem e conflitam na paleta de cores.

A análise de Maíra Lobato chama a atenção para sentidos e acontecimentos que confluem em torno da **Queda de um Viaduto**, em Belo Horizonte. Inicialmente, ênfases distintas das manchetes na cobertura da tragédia por jornais de alcance nacional e da imprensa mineira. Nos primeiros, a associação com a Copa (foi uma obra da Copa que ruiu); nos jornais mineiros, a dimensão humana da tragédia, a cobrança de responsabilidades.

Outras questões são convocadas na rede de sentidos acionada pelo desastre: outros jogos, outras obras, e inclusive a eleição que aconteceria no mês de outubro são relacionados. Até que um novo acontecimento relega a queda do viaduto a um segundo plano: o jogador Neymar sofre uma lesão na coluna. Comoção, preocupações - os holofotes se dirigem para outro lugar.

Capítulo 8

Um cinema "quebrado". Uma biblioteca "destruída". Abertura da Copa em BH

Raquel Dornelas

"QUEBRARAM A BIBLIOTECA PÚBLICA. E o Cine Belas Artes também! Gente, esses vândalos já passaram dos limites há muito tempo!". Frases como essas povoaram as redes sociais no dia 12 de junho de 2014 – data da abertura da Copa do Mundo FIFA. Em Belo Horizonte e em diversas outras localidades do país, a ocasião foi marcada pelo início dos protestos (já aguardados) simultâneos ao campeonato. A primeira iniciativa dessa natureza na capital mineira foi o *12J – Ato Nacional: Copa sem povo. Tô na rua de novo*.[1]

No Facebook, um dos canais de divulgação do evento, a convocação para o ato foi assinada pelos seguintes movimentos e iniciativas: Comitê Popular dos Atingidos pela Copa (Copac/BH), Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte, Tarifa Zero BH e UFMG Contra a Copa. A motivação do *12J* foi descrita da seguinte forma: "Dia 12 de junho retomaremos às ruas, espaço de expressão da luta legítima do povo. Não nos calaremos diante da FIFA e do estado de exceção instaurado no país". Na pauta, encontram-se reivindicações ligadas ao processo de organização e realização da Copa do Mundo FIFA,

1. Disponível em <www.facebook.com/events/276283719211230/>. Acesso em 02 de ago de 2014.

além da defesa do transporte público gratuito, da desmilitarização da polícia e da democratização dos meios de comunicação, entre outros.

Naquele dia, os participantes do protesto em BH saíram da Praça Sete (hipercentro da cidade) e se deslocaram em direção à região da Praça da Liberdade – onde está localizado o relógio da Copa e importantes pontos turísticos e culturais do município, como os dois espaços citados na abertura desse texto.

Ao chegar à Praça da Liberdade, a marcha encontrou o relógio da Copa totalmente cercado por policiais. Segundo relatos, nesse momento uma bomba foi jogada (não se sabe por quem) em direção aos militares. A partir daí, a polícia lançou bombas de gás lacrimogênio, balas de borracha e o confronto foi instaurado. Em meio à confusão e à correria, os manifestantes se dividiram. Um grupo jogou pedras nas vidraças do Cinema Belas Artes e em agências bancárias, destruiu uma viatura da Polícia Civil, atacou uma banca de revistas, pontos de ônibus e de aluguel de bicicletas coletivas, além de outros locais[2] até retornarem ao hipercentro. O *12J* teve uma repercussão considerável mas, infelizmente, pouco se falou nos grandes veículos da imprensa sobre a manifestação que ocorreu antes do tumulto. Na internet, o ato e as reportagens sobre ele também foram assunto para muito debate. E, a partir dele, gostaríamos de destacar alguns pontos.

Em primeiro lugar, impressiona a quantidade de análises precipitadas que circulam pelo mundo virtual sempre após qualquer ocorrência dessa natureza. Claro que, em meio a eventos que mexem conosco, tentativas de fornecimento de respostas rápidas (mesmo que equivocadas) fazem parte do próprio processo de assimilação do acontecimento. Mas, em tempos de redes sociais, é preciso ter ainda mais cautela com as versões disponibilizadas (e replicadas). Muitas delas podem apresentar equívocos e, uma vez compartilhadas, se perderão na velocidade da rede, reverberando uma visão deturpada dos fatos. Entre essas análises precipitadas, encontramos internautas que saíram em defesa da suposta depredação da biblioteca, com a tese de que o local simbolizaria nossa cultura elitista, bem como o acesso restrito à educação em nosso país. O argumento poderia até soar razoável se não fosse por um único detalhe: a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa até foi alvo de pedras lançadas, mas não sofreu nenhum tipo de dano naquela data. Os boatos de "destruição" do espaço foram

2. Entre as inúmeras reportagens disponíveis que fotografaram o episódio, destacamos: <www.em.com.br/app/galeria-de-fotos/2014/06/12/interna_galeriafotos,4311/quebradeira--nos-protestos.shtml>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

desmentidos no dia seguinte: "Após os atos de vandalismo presenciados na tarde de ontem (12/06) na Praça da Liberdade, informamos que os prédios da Biblioteca Pública Luiz de Bessa, bem como seu Anexo Prof. Francisco Iglésias, não sofreram nenhuma avaria. A biblioteca já está funcionando normalmente", esclareceu a nota enviada pela assessoria de imprensa do Circuito Cultural Praça da Liberdade.

Já o episódio da "quebradeira" no Cinema Belas Artes nos ajuda a pensar em outra questão. Segundo depoimentos de alguns manifestantes, as pessoas que atiraram pedras em vidraças do imóvel nem sabiam que o espaço se tratava de um cinema. De acordo com os relatos que circularam pelas redes sociais, as pedras foram lançadas por garotos e garotas que "encontraram no protesto uma oportunidade para expressarem certo ódio acumulado por vivenciarem anos de mazelas sociais e violência policial". Talvez tenhamos aqui um exemplo da relação que Slavoj Žižek (2014) estabelece entre a violência subjetiva, identificável, visível (dos que atiraram pedras) como sendo nada mais do que uma reação à violência objetiva: aquela sistêmica, anônima e simbólica (como a originada pelos sistemas econômico-político e pela imposição de sentidos do mundo). Seja como for, na rapidez dos comentários na internet, a ação foi associada à tática *black bloc*. Daí veio a indagação: estariam os ativistas do "bloco negro" desviando o foco de suas intervenções dos símbolos do capitalismo ou das instâncias governamentais para agora também atacarem cinemas?

Esse questionamento toca em uma das questões problemáticas acerca do assunto "*black bloc*". Em tese, a ação tem como uma das características o ataque a alguns espaços, mas nem todo mundo que depreda algo é adepto à tática. Porém, grande parte da população coloca o ato de quebrar vidraças (ou de simplesmente de estar mascarado) como sinônimo desse tipo de intervenção. Daí vem o ponto frágil dessa natureza de performance: por ser uma tática (e não um grupo) e, principalmente, por ocultar a identificação dos seus partidários, qualquer pessoa pode se apropriar dessa modalidade de ação como bem quiser: para quebrar o vidro de um cinema ou até mesmo para atirar um rojão desgovernado no meio de uma manifestação. Como bem explica Francis Dupuis-Déri (2014), estudioso dos ativistas do bloco negro há mais de quinze anos e autor de diversos trabalhos sobre o tema: "É fato que algumas pessoas entram em Black Blocs sob a influência de amigos ou pelo simples desejo de extravasar a raiva reprimida, mas ninguém pode forçar outra pessoa a adotar essa tática, que se baseia no respeito à autonomia de todos que dela participam" (Depuis-Déri, 2014, p.55).

À medida em que todos estão mascarados, que se preza pela autonomia dos envolvidos e que a apropriação é algo relativamente livre, torna-se uma tarefa muito mais complicada legitimar o viés político do *black bloc*. A consequência é que a criminalização é encarada como o caminho mais coerente para a maioria das pessoas. E foi justamente o que se percebeu por meio das críticas que vieram após o "quebra-quebra" da Praça da Liberdade, como é possível perceber por meio dos comentários que povoaram a rede social Facebook. É como se essas pessoas quisessem dizer: "Black Blocs, dessa vez vocês passaram dos limites".

[redacted] não consigo entender a relação positiva existente em quebrar patrimonios culturais como forma de protesto...isso não é repertório de luta de um mov social reflexivo/propositivo e muito menos uma estratégia de embate...pra mim é a mesma coisa que quebrar hospitais, escolas, orfanatos...
13 de junho às 16:12 · 3

[redacted] eu até tento ser 'compreensiva' com esse povo chamado de vândalos (quando ACHO q tem alguma proposta/argumento por trás, né), mas cara, isso aí não dá pra engolir. Palhaçada... povo não tem noção do quê q 'público' significa.
12 de junho às 20:30 · Editado · 2

[redacted] não animei ler porra nenhuma...minha OPINIÃO: Pau no cu desses filhos da PUTA. quer quebrar algo??? quebra a porra do estádio, que amanhã terá mais x BILHÕES disponíveis pra arrumar tudo (e vai sair do bolso do cara que quebrou ainda huahuauaua). Quebrar o Belas Artes em protesto??? protesto contra O Q? contra a copa???? Que lógica é essa??? Vou comer miojo para acabar com a fome na África então, andar de moto pra acabar com a seca no sertão... que desilusão, puta merda.

massss...vale lembrar q isso não é protesto, são crianças (mentalmente) precisando de algum argumento para colocar a adrenalina pra fora.

Protesto é coisa séria!!!

Queria ser PM pra meter a porrada nesses caras com bala de verdade
12 de junho às 22:23 · 5

Capítulo 9

Cadê o pessoal do #nãovaitercopa?

Raquel Dornelas

ONDE ESTÃO aqueles que disseram que não ia ter Copa? Cadê os protestos? Durante a realização do mundial da FIFA no Brasil, muita gente fez essas perguntas em fóruns da internet, nas redes sociais, nos bares da esquina, nas conversas em família. Na maior parte das respostas, percebia-se um tom de ironia, uma certa comemoração pelo que muitos consideraram o fracasso das manifestações: "O gigante acordou e foi assistir aos jogos", "Estão todos em frente à TV chorando pelo Neymar" ou "Foram trocar as figurinhas repetidas do álbum da Copa". Outras respostas traziam um sentimento de descrença na capacidade de mobilização do nosso povo: "No Brasil, é assim mesmo. O povo esquece tudo quando tem futebol" ou "É só dar pão e circo que o brasileiro se acalma".

De fato, em comparação ao que vimos nas ruas durante a Copa das Confederações, em 2013, ou mesmo antes do início dos jogos de 2014, o número de protestos e de participantes diminuiu durante o mundial. Segundo levantamento realizado pela *Folha de S. Paulo*, nas dez principais cidades das maiores regiões metropolitanas do país, houve uma queda de 38% no registo de manifestações. Ocorreram 106 atos durante os 30 dias de campeonato – contra 172 no mês que antecedeu os jogos[1].

1. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1484833-numero-de-protestos-cai-38-durante-o-mundial.shtml>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

Além do menor número, os eventos pontuais realizados em junho e julho de 2014 não se tornaram pauta para a grande imprensa e, quando isso ocorreu, ganharam destaque mais pelos chamados "atos de vandalismo" do que pelas reivindicações dos manifestantes.

Mas, mesmo com menor fôlego, as mobilizações se mantiveram durante a Copa do Mundo. Em Belo Horizonte, desde o início do campeonato, diversas iniciativas foram realizadas. Como exemplo, podemos citar os atos 12J, 14J, 17J, 28J (todos em junho); as sessões especiais da Assembleia Popular Horizontal especificamente contra a Copa; a instalação do "Manifesto das Flores" em homenagem aos feridos e mortos nos protestos brasileiros. Ainda durante os jogos, moradores de diversas ocupações da região metropolitana de BH acamparam em frente à prefeitura e ocuparam os prédios da Advocacia Geral do Estado e da Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel), sob o lema #vaitercasa. Também na capital mineira, a queda de um viaduto, que deixou dois mortos e diversos feridos, motivou a realização de pelo menos dois protestos: "Do luto à luta: ato em solidariedade aos atingidos pelo descaso do Lacerda" e "Grande manifestação contra Cowan e Marcio Lacerda" – em repúdio à administração do prefeito e à construtora responsável pela obra.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, diversas manifestações também foram organizadas durante os meses de junho e julho de 2014. Entre elas[2], podemos citar os protestos "Luta pela reintegração dos metroviários demitidos: ato na abertura da Copa!", "A festa nos estádios não vale as lágrimas nas favelas" e "20J: O Retorno do Gigante (1 ano) e a Festa Junina #FifaGoHome".

Fora da região sudeste também foram registrados vários atos. O portal "Onde na Copa Brasil"[3] monitorou importantes informações a respeito do mundial e divulgou mapeamentos sobre diversas temáticas a respeito do campeonato, como "O que o povo está falando da Copa 2014", "Conheça as Cidades-Sedes Brasileiras da Copa do Mundo" e "Protestos no Brasil". Sobre esse último levantamento, é possível perceber que aconteceram manifestações em diversas partes do país: em Palmas (TO), a plataforma registrou 19 protestos. Em Porto Velho (RO), o site detectou a realização de 14 protestos. Em Macapá (AM), foram registradas 22 manifestações durante a Copa.

---

2. Para saber mais sobre os protestos em São Paulo, Rio de Janeiro e outras localidades do Brasil, acesse a cobertura completa em <www.midiaindependente.org>.

3. Disponível em: <http://ondenacopabrasil.maps.arcgis.com/home/index.html>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

OLHAR ESTRANGEIRO

Dave Zirin, que escreve para a revista norte-americana *The Nation.*, foi um dos participantes que comprovou *in loco* a manutenção dos atos durante o mundial. No relato, ele desmente a versão de que os gritos de gol nos estádios ou nas salas de TV tivessem substituído a voz que vinha das ruas. Zirin trouxe alguns exemplos de manchetes que estariam ecoando essa visão deturpada dos fatos, como "No Brasil, sorrisos e festas tomaram o lugar dos protestos" e "Ricos e pobres de uma nação unidos por uma causa comum", ambas do jornal *The Washington Post*.

Testemunha dos atos, o jornalista contou um pouco da sua experiência: "De fato é verdade que os protestos de milhões de pessoas não têm acontecido durante a Copa do Mundo como ocorreu durante a Copa das Confederações em 2013. Mas a conclusão de que agora está tudo maravilhoso e que 'festas tomaram o lugar dos protestos' simplesmente não é verdade. Eu recentemente retornei do Brasil e vi uma realidade diferente. O fato é que há protestos, greves e confrontos com a polícia acontecendo todo dia. Nas favelas há protestos contra a ocupação policial que acontece por causa da Copa".[4]

Um ativista brasileiro, adepto à tática *black bloc* e que preferiu não se identificar, também contesta a afirmação de que o período da Copa foi incapaz de motivar mobilizações: "Tivemos manifestações em 90% das capitais, manifestações com mais de 5 mil pessoas, das quais temos fotos, vídeos e depoimentos. Mas a mídia opressora não quis mostrar o grito do oprimido".[5]

UMA CAUSA

Mas, afinal, por que essas pessoas insistiam no bordão "FIFA, vá para casa" enquanto o campeonato ocorria de vento em popa? Para que gritar "não vai ter Copa" quando de fato estava tendo Copa? Segundo ativistas, o grito de guerra persistiu porque simbolizava uma causa: "Ora, o 'não vai ter copa' é uma bandeira de luta, uma bandeira de grupos que se levantaram contra as

---

4. Traduzido pela Frente Independente Popular (FIP), iniciativa que reúne diversos movimentos e ativistas. Disponível em: <http://frenteindependentepopular.wordpress.com/2014/07/12/a-midia-contara-a-verdade-antes-que-a-copa-do-mundo-termine/>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

5. Em entrevista concedida à autora.

injustiças da sociedade na qual vivemos. Trata-se de uma bandeira radical sim, que aponta para o fato de que muitos estão insatisfeitos com esta copa e que, para muitos, de fato quase toda a população média e a classe trabalhadora, não há copa de fato", explicam os administradores de uma página[6] no Facebook que reúne defensores da causa.

Portanto, mesmo com menor comparecimento da população e menor repercussão, alguns ativistas persistiram em suas lutas. Não vem ao caso discutirmos aqui a pertinência ou não das pautas nem vamos entrar no mérito dos protestos que ocorreram no dia da eliminação do Brasil (cujas motivações eram outras). O fato é que, mesmo enquanto todos ainda estavam eufóricos na torcida, muitos manifestantes não deixaram suas reivindicações morrerem. Mesmo sem o apoio do grande público que saiu às ruas em 2013, esses brasileiros e brasileiras provaram que o gigante nunca esteve na sala apenas assistindo aos jogos ou acordado somente durante as Jornadas de Junho. Para esses ativistas, como já foi muito bem dito por aí, ele nunca esteve dormindo.

6. Disponível na página Não vai Ter Copa – MG: <www.facebook.com/naovaitercopamg>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

Capítulo 10

Aquarela de blocos na Copa do Mundo FIFA

Raquel Dornelas

VERDE E AMARELO. Nos estádios, nas ruas, nas janelas dos carros, essas foram as cores mais vistas pelo Brasil durante a Copa do Mundo de 2014. Mas outras colorações (como o preto e o branco) também marcaram presença no campeonato, nomeando agrupamentos de diversas naturezas (e tons). São blocos que surgiram para explicar e categorizar grupos específicos de brasileiros e brasileiras, com suas respectivas posições, ideologias, causas e inimigos declarados.

Por ordem cronológica, o primeiro a sair nas ruas durante a Copa foi o bloco negro. Mas ele não surgiu apenas no mundial de 2014. Na verdade, já existe há algumas décadas pelo mundo e se tornou conhecido pelo grande público do Brasil nos protestos de 2013. Foi nas Jornadas de Junho que a maior parte da população brasileira viu, pela primeira vez, homens e mulheres vestidos de preto e com rostos cobertos quebrando vidraças, lixeiras, placas de sinalização e defendendo manifestantes dos excessos policiais. Estamos falando dos adeptos à tática *black bloc* – nome dado à ação direta que, em linhas gerais, se opõe ao que consideram a opressão causada pelo Estado e pelo capitalismo e à violência militar nos protestos[1]. Esse eixo de luta que agrega

1. A origem e a transformação da tática ao longo do tempo são assuntos extensos. Para mais, recomenda-se a leitura de DUPUIS-DÉRI, Francis. Black Blocs. Trad. Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

sujeitos de movimentos distintos, toma forma por meio de um amplo leque de intervenções, como o ataque a símbolos do capitalismo (agências bancárias e concessionárias de veículos), do poder público e a defesa de manifestantes (como ocorreu na greve dos professores do Rio de Janeiro em 2013)[2].

Antes do início dos jogos de 2014, os ativistas *black bloc* chegaram a ser considerados uma das grandes ameaças à realização do campeonato mundial. O jornal O Estado de S. Paulo divulgou uma reportagem[3] com a manchete "Black blocs prometem caos na Copa com ajuda do PCC". Já a edição de 12 de março da revista *Veja* afirmou ter tido acesso a um relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), no qual os adeptos à tática teriam sido citados como um dos seis grupos "potencialmente capazes de atrapalhar ou até impedir a Copa do Mundo".

O caos não se instalou e, durante os jogos, o bloco negro deu continuidade aos seus atos, desfilando bandeiras que já estavam hasteadas antes do campeonato começar. Pelo lado dos ativistas, a Copa foi uma nova oportunidade para continuar demonstrando clara oposição à FIFA; denunciando possíveis atos de corrupção no processo de organização do mundial; cobrando mais atenção à população e aos serviços públicos; defendendo manifestantes dos excessos da polícia militar; se opondo ao PT e à presidente Dilma Rousseff.

Mas o fato que talvez tenha sido mais marcante para o bloco negro nessa Copa foi a prisão[4] de dezenas de ativistas um dia antes da grande final no Maracanã. A operação "Firewall 2", da Polícia Civil do Rio de Janeiro, foi uma tentativa de evitar protestos marcados para o último dia de jogos no Brasil. A ação foi classificada como arbitrária por ativistas e órgãos de defesa dos direitos humanos e funcionou como novo combustível para a pauta de reivindicações dos adeptos à tática.

---

2. Em função disso, os adeptos à *black bloc* ganharam a simpatia dos docentes do RJ – o que pode ser comprovado nesse vídeo de agradecimento: <www.youtube.com/watch?v=sCFxY-FjUxcc>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

3. Disponível em <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,black-blocs-prometem--caos-na-copa-com-ajuda-do-pcc,1503308>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

4. Para mais, recomenda-se a leitura de <www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/07/mandados-de-prisao-sao-executados-contra-militantes-e-ativistas-no-rio-8381.html>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

OUTROS TONS

A segunda cor a compor a aquarela da Copa foi o branco, representado pelos *white blocs*. O bloco tomou forma de um grupo[5] do Facebook e também não veio a surgir somente em 2014, mas nasceu em setembro de 2013. Na descrição, apresentam-se como uma nova forma de manifestação, "um grupo de protestos com o objetivo de realizar ações sociais, reportagens, denúncias e a defesa dos direitos humanos e constitucionais". O discurso geral dos *white blocs* gira em torno da pacificidade, da luta contra a corrupção e pela melhoria dos serviços públicos. Por isso mesmo, uma das ferramentas sugeridas pelos integrantes para unir e ganhar o apoio de mais pessoas é a produção e divulgação de vídeos caseiros que retratem episódios de falta de atendimento em hospitais e postos de saúde, por exemplo.

Nas primeiras publicações dentro da rede social, os *white blocs* diziam que "violência só gera violência", mas não chegavam a adotar um discurso de criminalização da tática *black bloc*. Até mesmo alguns adeptos a essa modalidade de ação direta interagiam nas postagens do grupo. O bloco branco chegou até a se alinhar ao negro no que se refere à declarada oposição aos excessos policiais nos protestos.

Na Copa do Mundo FIFA, o bloco branco manteve seu discurso contra a corrupção e de cobrança por melhorias nos serviços. Denominando o mundial como Copa do vexame, da corrupção e das imposições, reivindicavam hospitais "padrão FIFA". Pela insatisfação com o governo, alguns integrantes do grupo apoiaram a vaia que a presidente Dilma Rousseff recebeu de torcedores no jogo de abertura em São Paulo. Atualmente, as publicações do grupo têm intensificado a rejeição ao governo PT, à presidente Dilma Rousseff e até a defesa da intervenção militar no país.

O terceiro bloco a desfilar durante os jogos também apoiou as vaias e xingamentos que a presidente recebeu no Estádio do Itaquerão. Estamos falando dos *yellow blocs* – este sim fruto da Copa do Mundo FIFA 2014. A expressão surgiu após uma reportagem[6] da *Folha de S.Paulo* intitulada "Coro anti-dilma

---

5. Há diversos outros grupos no Facebook com o nome *white blocs*. Alguns até pregam o ataque aos ativistas *black bloc*. Escolhemos analisar o que abriga o maior número de integrantes da rede social. Disponível em <www.facebook.com/groups/whiteblocprotestos>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

6. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/multimidia/videocasts/2014/06/1472240-coro-anti-dilma-e-coxinha-de-ossobuco-recheiam-festas-de-yellow-blocs-veja.shtml>.Acesso em 02 de ago. de 2014.

e coxinha de ossobuco recheiam festas de yellow blocs", publicada seis dias após a abertura do mundial. A matéria mostrava duas festas na capital paulista, que reuniram uma torcida de alto poder aquisitivo. O pessoal do bloco (e camisas) amarelo é apresentado como os típicos representantes do jeito-coxinha-de-ser – para usarmos a expressão[7] que se popularizou entre os esquerdistas a partir das Jornadas de Junho.

De posição política mais conservadora, uma das características dos "coxinhas" é prezar pela diferenciação – fato comprovado pela valorização pelos *yellow blocs* das áreas vips das duas festas em questão. "Todo mundo esbarrando, todo mundo com todo mundo. Não que eu seja melhor do que ninguém, mas eu paguei mais caro", reclamou uma das entrevistadas pela reportagem.

No mundo camarotizado dos *yellow blocs* e apresentado pela matéria, o Brasil é acusado (erroneamente) de ser o único país-sede a isentar a FIFA de impostos. Os integrantes do bloco de camisas amarelas também conseguem traçar um prosaico paralelo: um dos entrevistados pela Folha reclama dos banheiros e das filas para comprar fichas de consumo e compara esse "baixo retorno" frente ao alto valor dos ingressos com a baixa qualidade dos serviços públicos brasileiros frente à carga tributária do país.

No Facebook, também há um grupo denominado *BlackYellow Bloc*[8]. Por ser um grupo fechado[9], não se pode afirmar com certeza sua ligação com a reportagem da Folha. Mas a hipótese positiva se fortalece em função da forma como eles se apresentam: na descrição, acessível para qualquer usuário do Facebook, está escrito "*We are not a bunch of socialists!*", algo como "Não somos uma cambada de socialistas".

TOM SOBRE TOM EM CAMPO

Para os defensores da tática *black bloc*, o mundial da FIFA não inaugurou nenhuma luta, apenas configurou-se como nova oportunidade para protestar

7. Uma das explicações mais difundidas sobre o termo encontra-se em <http://poucodeprosa.wordpress.com/2012/ 06/26/o-coxinha-uma-analise-sociologica/>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

8. Disponível em <www.facebook.com/groups/577709748930854/>. Acesso em 02 de ago. de 2014.

9. A autora solicitou autorização para fazer parte do grupo a fim de entender melhor do que se tratava. Mas até o fechamento da edição desse livro, não foi obtido nenhum retorno por parte dos administradores.

sob bandeiras já compartilhadas. Já os *white blocs* ficaram meio à deriva durante o campeonato, remando com suas reivindicações em marés até contraditórias, não sabendo muito bem aonde queriam chegar (contando que não fosse na praia do PT). Para os *yellow blocs*, a situação é bem pontual: os torcedores não abriram mão da Copa VIP.

Se traçarmos um paralelo entre os três blocos desse campeonato, vemos que o *black bloc* é a perfeita oposição do *yellow bloc*. Por um lado, grande parte dos ativistas do primeiro atribui ao capitalismo a maior parte das mazelas da humanidade e o considera como um modo de produção falido. Veem a FIFA como parte de um maquinário que só visa o lucro em detrimento de enormes violações à população dos países-sede. Para o segundo, é graças ao capital que foi possível assistir aos jogos nos camarotes regados a champagne e salgadinhos gourmet. Para os *white blocs*, tudo é culpa da Dilma.

Apesar da enorme diferença ideológica, existe um impensável encontro desses blocos na avenida: fica logo ali, em uma esquina onde serviços públicos de melhor qualidade, um país sem corrupção e o fim do governo PT os esperam. São pontos que unem pessoas com posições e filosofias de vida imensamente distintas. Nesse local de convergência, a aquarela de cores se dissolve e dá origem a uma (improvável, mas real) nova coloração com reivindicações e anseios semelhantes, apesar de partirem de brasileiros e brasileiras que saem em blocos tão diferentes entre si.

Capítulo 11

A queda de um viaduto: uma costura de vários acontecimentos

Maíra Lobato

BELO HORIZONTE, 3 de julho de 2014. Uma das alças do viaduto Batalha dos Guararapes, na avenida Pedro I, no bairro Planalto, despenca sobre um micro-ônibus, um carro e dois caminhões. Duas pessoas morrem e outras 22 ficam feridas. O acontecimento repercutiu em todo o país. Até o filme com o exato momento da queda da estrutura circulou pelas redes sociais na internet. O Brasil vivia mais uma tragédia. Contudo, este acontecimento teve um tempero diferente dos demais. Ele emergiu de um oceano de significados intitulado, Copa do Mundo da FIFA. Além disso, o Brasil vivia às vésperas das eleições, pleito que escolheria o presidente dos próximos quatro anos.

O cenário estava formado. Enquanto os órgãos de segurança contabilizavam o número de vítimas, se havia risco da outra alça sucumbir ao chão e, claro, procuravam os motivos para o acidente, os meios de comunicação, nos seus mais variados formatos, publicações impressas, TV, rádio e internet iniciavam e enriqueciam uma disputa de sentidos. No dia seguinte, jornais mineiros e de todo o país estampavam com destaque em suas capas o ocorrido na avenida Pedro I.

Vale, entretanto, notar uma recorrência entre as manchetes nacionais e uma distinção com relação à abordagem das publicações mineiras:

Folha de S. Paulo: Obra inacabada da Copa desaba e mata 1 em BH
O Globo: Viaduto de obra da Copa desaba e mata 2 em BH
O Estado de S. Paulo: Viaduto planejado para Copa cai e mata 2
O Estado de Minas *(jornal mineiro)*: Tragédia em BH
O Tempo *(jornal mineiro)*: Viaduto cai sob peso do descaso
Hoje em Dia *(jornal mineiro)*: Desabamento deixa mais três viadutos sob suspeita em BH

Enquanto os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e o *Estado de S. Paulo* chamaram a atenção para o fato de que se tratava de uma obra feita para a Copa do Mundo, as publicações mineiras, *Estado de Minas*, *O Tempo* e *Hoje em Dia* optaram por não fazer essa relação. Podemos nos perguntar, no mínimo, a que se deve essa associação ou falta dela com o mundial de futebol; que sentidos são acionados por um ou outro jornal; o que está sendo convocado na construção dessas narrativa.

Uma leitura possível é que os jornais de circulação nacional, por meio de suas manchetes, procuraram associar o desastre e a má administração dos trabalhos de preparação, atribuindo ao governo federal a responsabilidade pela obra e, consequentemente, pela tragédia. O tom dessas manchetes é o mesmo de muitas notícias que vinham sendo publicadas às vésperas do mundial. Críticas ao descumprimento de prazos, falhas em construções e todo tipo de problema relacionado à organização do torneio no Brasil foram destacados em muitos jornais do país. O tom pessimista, destacando o mau funcionamento de tudo que se relacionava à Copa e a incompetência do governo era recorrente.

Por outro lado, os principais jornais mineiros não relacionaram o acidente ao conjunto de melhorias feitas para a Copa. Um dos enfoques dado por eles foi direcionado para a tragédia vivida pela população da cidade, com destaque para o drama das pessoas que vivenciaram o acontecimento. Já em relação à responsabilidade pelo acidente, os jornais mineiros trouxeram na capa falas que questionavam a atuação das autoridades municipais na fiscalização e acompanhamento da obra.

A partir desta reflexão, percebemos como um acontecimento, ao emergir, instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, convoca-os a se posicionarem de várias maneiras e aciona diferentes aspectos para produzir explicações. Imediatamente após o instante em que o acontecimento surge, outros vários acontecimentos são convocados, formando uma rede de relações complexas.

No caso do viaduto, o acontecimento Copa do Mundo, que estava "em andamento", foi convocado. O jogo da seleção brasileira que aconteceria no dia seguinte à queda também fez parte dessa rede. As eleições previstas para o segundo semestre no país foram citadas. As diversas outras obras feitas na cidade para os jogos do mundial, já concluídas e em andamento, entraram também na rede, notadamente a implantação do novo sistema de ônibus da capital mineira (BRT-MOVE[1]). Uma série de outros acontecimentos são convocados para explicar, descrever, narrar e contextualizar a queda do viaduto. E esse movimento vai se desdobrando, ganhando diversos contornos e perdendo ou ganhando força a medida que outros acontecimentos emergem.

No dia seguinte à queda do viaduto em BH, a seleção brasileira entrou em campo para enfrentar a Colômbia nas quartas de final do torneio. Durante o jogo, em Fortaleza (CE), o jogador Neymar, considerado a grande estrela do time, sofreu uma falta e fraturou uma das vértebras da coluna. A lesão o tirou do mundial[2]. O acontecimento suscitou inúmeras reações tanto nas redes sociais quanto na mídia, e passou a ser o principal assunto no país e no mundo. Assim como a queda do viaduto foi noticiada na capa dos principais jornais do país, a fratura na coluna de Neymar também ganhou as manchetes do dia seguinte.

Nas duas ocorrências, houve uma grande comoção por parte dos sujeitos. Mas é interessante perceber como acontecimentos que a principio não estariam relacionados, ganham um elo, que afeta o sentido de ambos. A partir da repercussão da lesão de Neymar, emergiram falas que comparavam a comoção do país nos dois acontecimentos[3]. Comentários observados nas

---

1. O Bus Rapid Transit (BRT), em Belo Horizonte nomeado de Move, foi uma das soluções encontradas pela administração municipal para melhorar a mobilidade local. A via sob o viaduto que despencou é também utilizada pelo novo sistema de ônibus

2. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói Caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

3. "Dois morreram nessa tragédia. Não vejo nenhum jornal chorando pelas vítimas nem a brasileirada preocupada com isso… mas as costas do neymar?… essas tem toda a atenção, de quase todos, e de toda a imprensa. Fica o desabafo contra esse país, contra essa nação! E não é partido ou ideologia que faz ou desfaz isso. É cultura! Somos uma nação de tolos, deslumbrados com seu próprio talento no futebol, mas ignorantes do resto de nossa estupidez cultural. Gostem ou não gostem, isso é o brasileiro!!!" (Comentário publicado no dia 4 de julho de 2014 no blog Reinaldo Azevedo, no site da Veja.com. Disponível em http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-desabamento-do-viaduto-de-belo-horizonte-e-a-engenharia-politica/).

redes sociais criticavam a grande importância dada para a fratura do jogador e a pouca atenção ao acidente em BH. Questionava-se como um país poderia se preocupar tanto com a saída de um jogador da Copa e tão pouco com a morte de pessoas em consequência da queda de um viaduto. O desabamento do viaduto perdeu espaço nos jornais para a notícia do jogador. Certamente, os veículos de comunicação teriam repercutido a tragédia em BH por mais tempo e com mais destaque, não fosse o impacto e maior importância dados ao outro acontecimento.

Essa costura entre os acontecimentos, que chamamos simploriamente de rede, vai se dando continuamente. Os acontecimentos de hoje convocam os de ontem e até mesmo os de amanhã (quando estes são previstos) numa trama de fios que se entrelaçam em muitos pontos. Algumas vezes pontos estreitos, justos, apertados, outras, pontos largos, soltos, com folga. Mas sempre pontos costurados pelos sentidos atribuídos por nós, sujeitos do acontecimento.

PARTE 4

ELIMINAÇÃO

DESASTRE EM CAMPO

NA MEMÓRIA MIDIÁTICA da Copa do Mundo de 2014 um acontecimento parece se perpetuar com mais força: a goleada que a seleção brasileira sofreu para a Alemanha no jogo de semi-final. O famoso 7 x 1 se tornou expressão, adjetivação, piada. Aqui se apresentam diferentes perspectivas a partir deste marcante evento e suas reverberações, tanto em relação a suas consequências futuras quanto ressignificações do passado.

Em **Herói Caído: Neymar e a Narrativa Épica de um Torneio de Futebol**, Renné França investiga as narrativas midiáticas sobre o principal jogador de futebol do Brasil a partir do momento em que ele se machuca no jogo contra a Colômbia e acaba fora da Copa do Mundo, impedido de disputar a semi-final com a Alemanha que viria a se transformar em goleada histórica. Buscando perceber o tom épico construído ao redor do jogador em seu momento de tragédia, França remete a um tipo de narrativa tradicional de ufanismo e heroísmo que é constantemente atualizada em eventos esportivos.

A hipervisibilidade das lágrimas dos derrotados e dos vencedores do torneio de futebol frente à invisibilidade da dor de brasileiros vítimas do

megaevento Copa do Mundo é o foco de Gáudio Bassoli em **Lágrimas que Acontecem, Lágrimas que Não Acontecem**. Desta vez desconstroem-se as lágrimas dos jogadores "guerreiros" brasileiros frente à ausência de comoção e empatia com o Outro periférico ao discurso midiático. Bassoli compara as narrativas de superação e dor de jogadores como Julio César e David Luiz em relação à dor ignorada de membros da construção civil, pessoas removidas de suas casas, ambulantes e moradores da periferia que foram impactados pelo acontecimento Copa 2014.

Tragédia Mineira: O choro é livre? A memória não é o título da análise na qual Renné França discute acontecimento e memória para perceber como o relato jornalístico, após a derrota para a Alemanha, produz um engajamento coletivo na criação de um trauma que virá substituir a derrota na final da Copa do Mundo de 1950 como a maior tragédia do futebol brasileiro.

Rodrigo Portari continua esta percepção de "tragédia" no discurso do jornalismo impresso brasileiro no dia seguinte à derrota para a Alemanha em **Sentimentos e personalização da culpa: a eliminação do Brasil na Copa.** Analisando as capas de jornais ao redor do país ele propõe compreender as maneiras como o jornalismo busca dar forma a sentimentos e emoções como vergonha e surpresa, em sua tentativa de formatar o acontecimento.

E um jornalista, por sua vez, apresenta um relato pessoal, em forma de crônica, para mostrar como o acontecimento 7 x 1 possui uma força desestabilizadora, capaz de provocar seu autoquestionamento no papel de torcedor. Em **A destituição do torcedor: testemunho de um repórter frente a nossa maior derrota,** Rodrigo Franco, repórter do Globo Esporte na TV Globo, e que estava trabalhando durante a Copa do Mundo de 2014, relata sua tarde de folga em que foi ao Mineirão presenciar, ao vivo, a "maior derrota do futebol brasileiro".

Capítulo 12

Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol

Renné Oliveira França

NEYMAR DEIXA A SALA da coletiva de imprensa sob o aplauso dos jornalistas ali presentes. O herói ferido havia reaparecido pela primeira vez desde a tragédia. Apesar de não estar em campo durante a maior derrota da seleção brasileira, foi ele o jogador escolhido pela Confederação Brasileira de Futebol para dar explicação a respeito do 7 x 1 contra a Alemanha. Mas mais do que a coragem de aparecer em um momento tão delicado e de não fugir das perguntas feitas, os aplausos pareciam ser de admiração por sua superação. Afinal, Neymar estava praticamente morto de acordo com a própria seleção e os meios de comunicação. Bonés com o escrito "força Neymar" e a camisa do jogador levada para ser exibida durante o hino nacional antes da semifinal eram os indícios mais claros do luto nacional pela perda de nosso maior craque. Os aplausos brotaram naturalmente, talvez porque não é todo dia que se vê um herói renascido.

O sensacionalismo em torno de uma fratura de vértebra na quarta de final contra a Colômbia e que o tirou da Copa do Mundo de 2014 – mas que em nada afetou sua carreira futura – foi um reflexo da forma como a mídia brasileira e a seleção andaram juntas na criação de uma mitologia própria

dentro da narrativa da competição. O tom épico foi dado desde o início: A Copa das Copas. Semelhanças com a *Ilíada* não seriam mera coincidência: se Tróia foi a "guerra das guerras", para o Brasil também vieram os invasores em busca da desejada Penélope, aqui congelada em ouro, na forma de taça. O técnico Luiz Felipe Scolari, o general, deixou claro desde o início: "Nós vamos ganhar a Copa"[1]. E as chamadas da Rede Globo de Televisão convidavam os grandes jogadores do mundo na forma de uma chamada de aeroporto: "Atenção senhor Cristiano Ronaldo, comparecer à Arena Fonte Nova em Salvador para o primeiro jogo da seleção portuguesa...", e foi assim com o argentino Messi, o holandês Van Persie... E a chamada terminava em clima de desafio: "Pode vir Schweinsteiger, nós estamos preparados pra te receber. O Brasil joga em casa, agora somos um só". Que venham os inimigos, estamos preparados para defender a "nossa" taça, na "nossa" Copa.

Na narrativa épica que se formou, a torcida cantou o hino à capela nos estádios, aceitando o chamado para a batalha. A publicidade recuperou uma antiga crônica de Nelson Rodrigues sobre Pelé (nosso deus inalcançável), agora usando a imagem de Neymar como o craque menino[2]. O jogador, por sua vez, fez também sua parte, escolhendo a camisa 10 (até então jogava com a 11), o mítico número do rei-deus do futebol. A coisa toda ganhou ares de profecia: mais uma vez um jovem camisa 10 iria redimir nosso futebol, apagar a derrota em casa na Copa de 1950 e conquistar pela sexta vez a taça do mundo. O sentimento de grandiosidade era tal que após a derrota na semifinal para a Alemanha, David Luiz chorou em entrevista ao dizer que "queria dar uma alegria ao meu povo". Lutavam realmente por um país. E Neymar era mesmo perfeito para personificar todo este sentimento: jovem vindo do mesmo Santos de Pelé, a miscigenada mistura da pele escura com os olhos claros, a união do talento brasileiro do passado com a identidade pós-moderna de cabelos camaleônicos e muitas tatuagens.

Então não foi nenhum espanto quando a vitória nas quartas de finais contra a Colômbia se tornou uma tragédia. Atingido nas costas pelo jogador colombiano Camilo Zuñiga, Neymar caiu gritando de dor e foi levado direto

---

1. Iannaca, Márcio. "Após goleada sobre Honduras, Felipão diz: O Brasil vai ser campeão". Globo Esporte. 17/11/2013. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/11/apos-goleada-sobre-honduras-felipao-diz-o-brasil-vai-ser-campeao.html Acessado em 10/08/2014.

2. Comercial da rede de telefonia Claro criado pela Ogilvy Brasil a partir de crônica "O Craque", de Nelson Rodrigues.

para um hospital. Horas depois, a notícia: estava fora da Copa do Mundo. No twitter foram 13.845 mensagens por minuto comentando o fato. Mais de 700 mil mensagens com a hashtag #ForçaNeymar mais de 5 milhões de mensagens citando o jogador[3]. Personalidades de todo o mundo manifestaram apoio ao jogador, nosso Aquiles ferido em seu calcanhar, a derrota improvável de um semideus.

3. "Twitter se une em apoio a Neymar". *Meio & Mensagem*. 07/07/2014. Disponível em: http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/07/07/Twitter-se-une-em--apoio-a-Neymar.html. Acessado em 08/08/2014.

Criticou-se a solidariedade ao jogador em comparação à não-solidariedade com as vítimas da queda de um viaduto em Belo Horizonte[4]. Mas o drama personificado parece atingir com mais força as pessoas, ainda mais em se tratando de um rosto tão conhecido, envolto em um acontecimento tão poderoso em sua afetação como a Copa do Mundo. No mundo das imagens, o grito de dor de Neymar chocou mais do que a morte.

Sua queda acabou com a comemoração de ir a uma semifinal, um choque que reverberou pelos dias seguintes. Criticado por muitos por ser apenas uma construção publicitária, com seus cortes e pinturas de cabelo, Neymar vinha fazendo uma boa Copa do Mundo, carregando algumas vitórias quase sozinho, exibindo um futebol bonito de se ver. Encaixou-se bem nas

4. Ver LOBATO, Maíra. Capítulo 11: *A queda de um viaduto*, nesta obra (Parte 3).

expectativas criadas, assumiu seu papel na narrativa, e de herói épico, tornou-se herói trágico.

Logo o jogador Zuñiga da Colômbia, que o acertou com uma joelhada nas costas, se tornou o vilão, bombardeado por mensagens racistas no twitter, apontado como o monstro que derrubou o salvador. Neymar não era mais Aquiles, era Heitor tombado, arrastado sem piedade, corpo dilacerado pelo ódio na batalha. Começaram a surgir notícias desencontradas de que ele poderia entrar em campo na final, tratamentos milagrosos que o recuperariam a tempo se o Brasil vencesse a Alemanha[5]. Para além de qualquer razão, a magia era agora bem vinda, o milagre esperado, a fé desesperada de que contaríamos com o herói na batalha final. E o próprio apareceu, em vídeo, olhos vermelhos, inchados, a dor estampada no rosto. O guerreiro caído se erguia para falar ao "seu povo": "O meu sonho ainda não acabou. Foi interrompido por uma jogada, mas ele continua. Tenho certeza que os meus companheiros vão fazer de tudo para que eu possa realizar o meu sonho, que é ser campeão".

Rapidamente os jogadores iniciaram o discurso de que jogariam por ele na semifinal: vingança, honra, fraternidade, tudo misturado em um sentimento que parecia ser o de se sacrificar pelo companheiro póstumo. O detalhe é que Neymar estava vivo. Mas para a narrativa já não importava mais.

Na imprensa criou-se a busca pelo novo Amarildo. De tal forma havia sido bem construída a relação entre Neymar e Pelé que a memória atuou novamente para relembrar a Copa de 1962. Conforme cânticos de guerra, os jornais relembraram a lesão sofrida pelo rei do futebol, e como o reserva Amarildo surpreendeu a todos, sendo imprescindível para aquela conquista. Quem seria capaz de substituir nosso guerreiro? O técnico parece ter sido também contaminado pela grandiosidade do momento, substituindo Neymar não por um jogador de meio-campo mais defensivo, mas pela promessa Bernard, por coincidência ou não carregando nas costas o mesmo número 20 do surpreendente Amarildo em 1962. Um jogador talentoso que com "alegria nas pernas" iria ser nosso jovem Arthur que arranca a espada da pedra apesar do aspecto franzino. A torcida entoou o hino contra a Alemanha, os jogadores gritaram segurando a camisa do herói caído e então... Então a realidade apareceu.

---

5. "Neymar agradece apoio: Meu sonho ainda não acabou". G1. 05/07/2014. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/07/neymar-agradece-apoio-meu-sonho--ainda-nao-acabou.html Acessado em 09/08/2014.

As narrativas épicas normalmente se constroem a partir de acontecimentos passados. Exagera-se de um lado, corta-se do outro. Contada por vencedores ou vencidos, ele adquire um tom próprio desde o início uma vez que o final é conhecido. Mas construir a narrativa durante o acontecimento exige uma constante rearticulação de personagens e situações, e o massacre dos 7 x 1 não entrou para a história como a derrota honrosa dos 300 de Esparta. Foi uma humilhação, sem nada épico para sobrar.

A não ser, claro, Neymar. Se de Aquiles havia se transmutado em Heitor, agora era Páris. Tal qual Afrodite fez o amante de Helena desaparecer em meio à névoa no momento em que seria derrotado por Menelau, alguma mágica do destino tirou Neymar da maior derrota de seu país. A mancha da vergonha não o sujou, pelo contrário, teve início a lenda do "e se ele estivesse lá?". Foi este herói poupado pelos deuses que ganhou o aplauso dos jornalistas. Épico, trágico, reerguido, intocado. Traído por sua Helena dourada, mas pronto para uma segunda chance dali a quatro anos[6].

Durante a entrevista, o herói chorou. "Deus me abençoou naquele lance. Se fossem dois centímetros para dentro, eu hoje poderia estar numa cadeira de rodas. Complicado você falar. Num momento tão importante na minha carreira[7]". Mas logo recuperou seu papel de herói que foi um divisor de águas: "Resgatamos a alegria do povo brasileiro de se encantar com o futebol. Não é por causa de uma goleada que sofremos que essa história terminará".

Não apenas Neymar, mas os outros jogadores da seleção brasileira pareciam sofrer uma pressão de não apenas "fazer História", mas de fazer uma história épica. O choro de Júlio César após a vitória contra o Chile[8] e as comemorações raivosas de Thiago Silva e David Luiz contra a Colômbia eram performances que não se pareciam com a emoção do momento, mas de algo destinado à eternidade. Sangue, suor e lágrimas. No mesmo discurso em que

---

6. Dois anos após a derrota para a Alemanha, Neymar gritou "Eu estou aqui!" (talvez em referência à sua ausência do jogo decisivo em 2014) ao comemorar o primeiro gol contra a mesma Alemanha na final do torneio de futebol das Olimpíadas de 2016, realizada no Rio de Janeiro. O jogador foi apontado como o herói da conquista inédita do futebol brasileiro, ainda marcando depois o último gol da disputa de pênaltis que deu o título ao Brasil.

7. "Neymar chora ao comentar lesão". Globo Esporte. 10/07/2014. Disponível em: http://m.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/07/neymar-da-primeira--entrevista-coletiva-apos-lesao-e-eliminacao-vai-passar.html. Acessado em 07/08/2014.

8. Ver BASSOLI, Gáudio. Capítulo 13*: Lágrimas que Acontecem, Lágrimas que Não Acontecem*, nesta obra (Parte 4).

pronunciou esta famosa frase, Winston Churchill faz a chamada para a II Guerra Mundial:

> "Perguntam-me qual é a nossa política? Dir-lhes-ei; fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa dar-nos; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. -; essa a nossa política. Perguntam-me qual é o nosso objetivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória – vitória a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz; porque sem a vitória não sobreviveremos" (Churchill, 1942).

Sem a vitória parecemos mesmo não sobreviver. E nem sem a derrota honrosa. A fratura de Neymar seguida pela goleada da Alemanha nos jogou em um limbo. O discurso épico bélico se transmutou em dramalhão e na tentativa de nos recuperar de alguma forma, poupamos a todo o custo o herói. Afinal, precisaremos dele para a próxima batalha. Agora do outro lado do mundo. Na Rússia nosso herói não irá liderar a defesa, mas a invasão. Renascido dos mortos e protegido pelos deuses. A nova narrativa já começou.

Capítulo 13

Lágrimas que acontecem, lágrimas que não acontecem

Gaúdio Bassoli

AS LÁGRIMAS do goleiro Júlio César, após a vitória nos pênaltis contra o Chile, comoveram boa parte do público: era um momento de superação de um atleta desacreditado pela torcida. As lágrimas do herói David Luiz, após a eliminação da seleção brasileira, também foram marcantes. No entanto, a Copa também provocou outras dores, perdas e choro sem a mesma comoção do público.

Júlio César, goleiro da seleção brasileira, entrava para a história como mais um caso de superação no futebol. Ele foi decisivo nas cobranças de pênaltis na partida contra o Chile, pelas oitavas de final. Na Copa anterior, na África do Sul, Júlio César foi um dos "vilões" da eliminação do Brasil, ao falhar no jogo em que o Brasil perdeu para a Holanda por 2 a 0 nas quartas de final. O goleiro vinha de ótima fase e acabou sofrendo uma derrocada na carreira. A postura em suas declarações, que costumava ser de arrogância e prepotência, passou a ser de desânimo. Um dia após a derrota, Júlio declarou em entrevista: "Isso é que dói mais. Ver um Gilberto Silva, um pentacampeão do mundo, chorando daquele jeito. Ele e esse grupo não mereciam passar por isso". Quatro anos depois, Júlio foi o primeiro convocado pelo técnico Felipão. Mesmo com o bom

desempenho na Copa das Confederações, havia desconfiança pelo jogador estar atuando num time do Canadá tido como inexpressivo, o Toronto.

Na partida contra o Chile em Belo Horizonte, o guarda-redes teve a chance de se redimir. O jogo foi dramático, empatado em 1 a 1 no tempo normal. Júlio César foi o único jogador que teve seu nome ovacionado pelos torcedores, após uma difícil defesa. Na prorrogação, assistiu o chute de Pinila bater no travessão do seu gol, num lance que assustou o time e a torcida. Então vieram os pênaltis. Antes das cobranças, o goleiro recebeu o apoio dos colegas e chorou compulsivamente. Ele defendeu duas cobranças e viu a última dos chilenos bater na trave. Mais uma vez numa entrevista emocionada, Júlio lembrou o pior momento da Copa anterior e declarou: "Só Deus sabe, e a minha família, o que eu passei e o que passo até hoje. Mas eu sei que minha história na seleção não acabou. Meus companheiros estão me dando muito força pra eu chegar dentro de campo e dar o meu melhor. Faltam três degraus. Eu espero dar uma outra entrevista pra você de felicidade e com o Brasil todo em festa, esse é meu grande sonho".

É interessante lembrar que outros jogadores traçaram roteiros similares de superação: Ronaldo foi campeão da Copa em 2002 após se recuperar de uma grave contusão no joelho, e Dunga foi capitão do time que venceu em 94, quatro anos depois de dar nome para o time eliminado pela Argentina, o time da "era Dunga". Mas o final da história de Júlio César não foi do jeito que ele esperava: na semifinal que também aconteceu em Belo Horizonte, a seleção sofreu sete gols contra a Alemanha, marcando apenas um. Embora um ou outro jornalista tenha aproveitado o momento para contestar novamente a convocação, a "personalização" da derrota recaiu mais sobre o técnico Felipão do que sobre Júlio[1], diferente da derrota de 1950, cujo vilão foi o goleiro Barbosa[2].

David Luiz, o "herói" da seleção brasileira[3], foi outra figura marcante, cujas lágrimas comoveram o país. Embora também tenham surgido críticas pontuais, no sentido dele ter saído de sua posição pra atacar e não ter cumprido bem sua função de zagueiro nos momentos mais difíceis do jogo, a imagem que ficou foi a do rapaz simpático muito abalado, quando deu entrevista após

---

1. Ver PORTARI, Rodrigo. Capítulo 15: *Sentimentos e Personalização da Culpa: a eliminação do Brasil na Copa,* nesta obra (Parte 4)

2. Idem nota 51

3. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 19: *David Luiz: valente, charmoso, bom moço*, nesta obra (Parte 5).

a derrota para a Alemanha. No desabafo que não tardaria a ser parodiado em tom de humor, o jogador declarou que "só queria poder dar alegria para o meu povo" e "só queria ver meu povo sorrir", o que mais tarde viraria piadas como as da página de humor "Desimpedidos": "eu só queria... que a Copa não acabasse nunca". David pediu desculpas, reconheceu a superioridade do adversário e procurou explicar porque o time sofreu quatro gols em poucos minutos. Curiosamente, ele fala que queria ver seu "povo sofrido pelo menos feliz por causa do futebol", numa provável referência à política.

Se as lágrimas de Júlio e de David causaram comoção na mídia e nas redes sociais, outras lágrimas derramadas quase dois meses antes não tiveram a mesma repercussão. No 1º Encontro dos Atingidos por Megaeventos e Megaempreendimentos, que teve como mote principal a Copa do Mundo, vários grupos compartilharam suas experiências: membros da construção civil, pessoas removidas de suas casas, ambulantes, moradores da periferia e da rua, profissionais do sexo. Também estiverem presentes uma grega (Chará Tzouma) e um sul-africano (Niren Tolsi), falando sobre os impactos das Olimpíadas de 2004 em Atenas e da Copa de 2010 na África do Sul.

Atingidos por Megaeventos e Megaempreendimentos. Foto do site Brasil de Fato.

A atingida Sheila Mota contou a sua história, protagonizando um dos momentos mais marcantes do evento. Por causa das obras do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre (RS), ela e sua comunidade foram removidas de suas

casas e realocadas numa região conhecida como "Faixa de Gaza", devido ao conflito de facções criminosas. Sheila, como muitos vizinhos, perdeu o filho. Ela nem mesmo pode participar do encontro, ao receber mais uma trágica notícia que revelou aos presentes. "Meu genro foi assassinado hoje (1º de maio) pela manhã, então eu queria pedir desculpas a todos os companheiros que vieram aqui por estar me retirando. E por que ele foi assassinado? Por conta da Copa! Por quê? Porque o governo não nos dá saúde, nem segurança e quer nos retirar da comunidade".

Como lembrou Vera França[4], a realização do megaevento no Brasil foi motivo de controvérsia antes mesmo de acontecer efetivamente. Especialmente após as agora chamadas "Jornadas de Junho", ela foi muito questionada por ser considerada desperdício de dinheiro, oportunidade para a corrupção, não ser prioridade num país em que faltam serviços públicos de qualidade, render bilhões de lucro para a Fifa que não ofereceria contrapartida. Sob esta perspectiva, todos nós brasileiros fomos atingidos pela Copa, ao menos indiretamente. Os gritos de "brasileiro, vamo acordar, os professores valem mais do que o Neymar" talvez expressem bem este sentimento.

Mas muitos dos impactos e dos impactados ficaram invisíveis neste processo, como os 250 mil removidos de suas casas, segundo mapeamento divulgado na Suíça pela Ancop (Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa) em parceria com a ONG Conectas. Os motivos da invisibilidade são muitos: a nossa insensibilidade com os problemas dos mais fragilizados; as contradições de uma mídia que crítica um mega-evento ao mesmo tempo em que o promove; a dificuldade dos movimentos sociais de colocar problemas complexos como este na esfera pública. No país dos emocionados e emocionantes heróis Júlio César e David Luiz, há muitas histórias desconhecidas e lágrimas que não acontecem. Lágrimas de heróis como Sheila, cuja vida cotidiana já é um enorme sofrimento e superação.

4. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo *3: Antes do acontecimento: às vésperas da Copa*, nesta obra (Parte 1)

Manifestação em Belo Horizonte durante a Copa. Foto retirada do site O Tempo.

Capítulo 14

Tragédia mineira: O choro é livre? A memória não.

Renné Oliveira França

É COMUM torcedores adversários provocarem uns aos outros após uma derrota com a expressão "o choro é livre". Trata-se de uma brincadeira com a tristeza de quem acabou de ver seu time perder um jogo de futebol. Mas quase não se viu choro após a derrota de 7 x 1 que o Brasil sofreu para a Alemanha em Belo Horizonte, na semifinal da Copa do Mundo de 2014. Com a exceção de alguns poucos jogadores e torcedores, o que se viu no Mineirão foi, no lugar de lágrimas, olhos arregalados e bocas abertas. Alemães e brasileiros, dentro e fora de campo, em estado de choque. Estávamos todos no centro do acontecimento.

Uma partida de Copa do Mundo é um acontecimento programado, com data e hora marcada. O resultado também não foge do esperado: inevitavelmente será a derrota de um, ou a vitória do outro ou um empate. Claro que surpresas acontecem, e causam saliências no cotidiano. Mas uma das seleções favoritas levar sete gols na semifinal de um torneio em seu próprio país é inesperado, rompe com qualquer expectativa. Ao se dar, a maior derrota da história da seleção brasileira de futebol provoca tal ruptura que nos faltam referências para organizar os fatos.

A natureza do inesperado foi tal que deixou em segundo plano um choque que se tornou menor: o alemão Miroslav Klose se tornou o maior artilheiro da história das Copas do Mundo com 16 gols logo contra o Brasil, país que

possuía o então artilheiro, Ronaldo. Mais do que isso, o próprio Ronaldo estava lá, presente, comentando o jogo pela TV Globo, no mesmo estádio Mineirão em que se tornou conhecido jogando pelo Cruzeiro em início de carreira. Um enredo sem dúvida dramático, mas que perdeu sua força de ruptura da experiência frente ao que se viu ao longo daquela partida.

Após a vitória contra a seleção da Colômbia pelas quartas de finais, no dia quatro de julho, o jornalista esportivo Juca Kifuri escreveu em seu blog: "O Brasil vai a Belo Horizonte enfrentar a Alemanha. Acabou o risco de vexame! E foi bom e foi justo!". O texto dá uma dimensão da surpresa, do impensável: a ideia era de que perder uma semifinal em uma Copa do Mundo é um resultado normal, dado o nível de dificuldade da competição. Como agora já sabemos, o vexame poderia sim ser ainda maior. Mas até então ele era irreal, pois era improvável.

Segundo Deleuze (1982), o acontecimento liga-se diretamente à ideia de provável, funcionando como força que rompe com as expectativas, efetuando-se sobre o sujeito, que é incapaz de uma contra-afetação, pois não há sentido na ação que se dá. A derrota da forma como se deu contrariou o senso comum, isso porque o trauma maior, repetido à exaustão ao longo de 64 anos, era a derrota na Copa de 1950 para o Uruguai no Maracanã. Este era o maior pesadelo, o pior cenário possível criado a partir de um acontecimento definidor que se tornou regra a partir dali. Mas naquela ocasião a seleção perdeu em casa, por 2 a 1, e na final. Entretanto, foi essa capacidade midiática de reforçar a memória na repetição excessiva de suas imagens inexistentes (não há um bom arquivo de vídeo da derrota de 1950, e apenas algumas poucas fotografias de resolução ruim) que fizeram com que aquele acontecimento deixasse de ser dependente de seu contexto, passando intacto de um contexto social para outro: a dor de 60 anos atrás sobrevivendo na época atual. Mas o que aconteceu na semifinal da Copa do Mundo de 2014 criou uma nova articulação entre contextos. O já chamado "Mineirazo" (em substituição ao "Maracanazo" de 50) foi algo novo, um momento constituidor.

Ao acontecer, fomos obrigados a reconhecer possibilidades que julgávamos impossíveis, que excediam nosso sentido do provável. O possível está relacionado com o momento presente da experiência do sujeito: não se pode definir uma possibilidade sem levar em conta o momento singular a partir do qual se abrem possíveis (QUÉRÉ, 2005). O corte na continuidade provocou a possibilidade de novos possíveis serem configurados. A "Grande" derrota *possível* deixa de ser aquela para o Uruguai no Maracanã, e na construção

de uma memória coletiva, a derrota por 7 x 1 possui força enquanto acontecimento para atualizar o trauma de 1950 com uma memória recente que abre novas possibilidades, dando a esta geração seu próprio luto coletivo. Para Bergson (1999), a memória cumpre o papel de ligar a percepção pura com a lembrança pura, acionando imagens da lembrança que se somam às imagens da percepção imediata, contraindo uma série de imagens na duração da experiência. Assim, a memória seria o tempo todo atualizada, pois as novas percepções se transformariam em imagens que seriam evocadas em percepções futuras, como um constante progresso do passado no futuro. O trabalho da memória seria então de condensação e contração, conferindo duração à experiência dos sujeitos, e tendo a coisa lembrada sempre identificada a um acontecimento singular, que não se repete.

Morin (1988) já tratou da importância cultural destes momentos de tragédias coletivas, que reforçam o sentimento de identidade e pertencimento. Enquanto força hermenêutica o acontecimento resignifica, varrendo não apenas o entorno do Mineirão, mas também os sentidos ligados à própria Copa no Brasil. Após um breve momento de otimismo, críticas contra o governo federal retornaram com força[1], assim como uma atenção maior para problemas que a festa parecia eclipsar. Tudo isso enquanto os jornalistas tentavam em vão construir uma intriga que explicasse o vexame em campo[2]. Mas o acontecimento também muda seu anterior, e na substituição de uma memória traumática, a derrota de 1950 não parece mais tão cruel, e um novo passado se constrói frente aos nossos olhos, irrigado por essa memória baseada na dor.

> A memória social é uma fonte de conhecimento. Isso significa que faz mais do que fornecer um conjunto de categorias através do qual, de um modo inconsciente, um grupo habita o seu meio; dá também ao grupo matéria de reflexão consciente. Isso significa que devemos situar os grupos em relação às suas próprias tradições, descobrindo como interpretam os seus próprios 'fantasmas' e como os utilizam para fonte de conhecimento (Fentress e Wickham, 1992, p. 42).

---

1. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 30: *A Culpa é do PT*, nesta obra (Parte 8).

2. Frente a um acontecimento, nosso movimento de designação passa por essa tentativa de buscar particularidades para definir o estado de coisas que foi "quebrado" por esse acontecimento. O jornalismo, em sua busca por ordenação da realidade, faz escolhas dentro dos vários corpos e relações para representar aquilo que aconteceu e disponibilizá-lo para o público.

Na mesma cidade do "Mineirazo" ocorreu uma tragédia maior cinco dias antes. Uma das obras de infraestrutura para a Copa do Mundo, o viaduto Batalha dos Guararapes caiu sobre a Avenida Pedro I, deixando dois mortos[3]. O acontecimento teve destaque na imprensa, mas a saída do jogador Neymar da competição[4] acabou obtendo maior repercussão, e a derrota da seleção brasileira para a Alemanha suplantou a ambos, com o luto coletivo pelo esporte sendo mais forte do que pela vida. Em sua sede por acontecimentos diários para alimentar jornais, blogs e sites, os meios de comunicação desfazem-se rapidamente de uma notícia em busca de novidade, e em meio a um evento como a Copa do Mundo, acontecimentos de diferentes intensidades de acumulam, dificultando a repercussão insistente de um mesmo fato.

A verdade é que a derrota para a Alemanha uniu os brasileiros (seja em revolta ou espanto) mais do que a queda do viaduto. E não por acaso. No embate de sentidos em torno do acontecimento Copa, a narrativa de valorização do evento e seus heróis foi de tal forma avassaladora (tanto nas representações do presente quanto do passado) que quando aquela derrota quebrou com qualquer expectativa ficamos todos sem chão, buscando explicar o inexplicável que é a natureza própria do acontecimento. Por mais incrível que pareça, o acontecimento 7 x 1 foi maior do que a acontecimento queda do viaduto.

Em sua relação na representação de acontecimentos, memória e esquecimento são indissolúveis, e quando nos lembramos de algo é no lugar de alguma coisa esquecida. Ainda na esteira da derrota para a Alemanha parece-nos que este será um jogo a ser lembrado com frequência. Um mês após a semifinal, programas esportivos já se dedicavam por completo ao acontecimento enquanto data histórica: o oito de julho de 2014. Mas a valorização desta data não significa apenas o esquecimento da derrota de 1950, ela diz de um acontecimento que encobre muito mais.

Na memória do recente drama brasileiro, os infinitos gols da seleção alemã em sua eterna repetição nos canais de TV suplantarão a memória dos mortos e feridos na capital mineira. O choro é livre para que todos soframos com nossas mais variadas perdas. Mas a memória socialmente partilhada não. Ela depende de um engajamento coletivo. E que a memória da grande tragédia mineira de 2014 seja o Mineirazo diz muito de nossa noção de coletividade. Para o bem ou para o mal.

---

3. Ver LOBATO, Maíra. Capítulo 11: *A queda de um viaduto: uma costura de vários acontecimentos*, nesta obra (Parte 3).

4. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

Capítulo 15

Sentimentos e personalização da culpa: a eliminação do Brasil na Copa

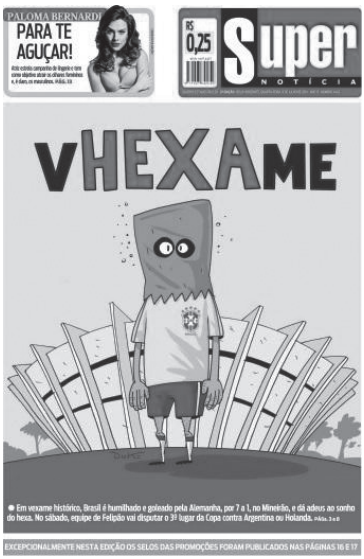
Rodrigo Portari

A SELEÇÃO BRASILEIRA de futebol foi eliminada nas semifinais da Copa do Mundo de 2014 após ser goleada por 7 x 1 pela equipe da Alemanha em pleno Mineirão, em Belo Horizonte. O fato de a seleção perder, certamente, não causaria tamanho estranhamento não fosse o placar elástico que, no jargão do futebol, é uma verdadeira goleada. Mais do que depressa, mesmo antes da partida ter o seu apito final, começaram milhares de manifestações na mídia sobre o que se passava e, principalmente, a necessidade de apontar um "culpado" pela derrota. Essa tônica foi confirmada no dia seguinte, dia 9 de julho, nas capas de jornais por todo o país e, posteriormente, ao final da Copa do Mundo, quando a seleção perdeu por 3 x 0 na disputa do terceiro lugar contra a equipe da Holanda, que culminou com a demissão do treinador Luís Felipe Scolari.

VERGONHA, VEXAME E HUMILHAÇÃO

Essas foram as principais palavras para descrever o sentimento dos torcedores nos jornais impressos um dia após a fatídica eliminação e do sepultamento do

sonho do sexto título mundial para o Brasil. Essas três palavras estamparam a capa do jornal *O Globo* (RJ), assim como apareceram em chamadas e linhas finas de jornais como o *Meia Hora de Notícias* (RJ); *Super Notícia* (MG), *Folha de S.Paulo* (SP); *Diário de Santa Catarina* (SC); *Diário de São Paulo* (SP) *O Dia* (RJ); *A Tarde* (BA) e *Extra* (SP).



Considerado como o país do futebol e um dos favoritos ao título, a seleção nacional não havia apresentado o belo espetáculo esperado por torcedores e imprensa esportiva até aquele momento. Mesmo assim, foi mantida, jogo após jogo, a esperança de acabar com o fantasma da derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950 conquistando o título em casa. Esses elementos fizeram com que a mídia esperasse a cada rodada uma grande atuação, especialmente quando a competição caminhava para suas etapas finais. Diante da goleada sofrida, mais que depressa a mídia passou também a direcionar as interpretações do leitor, adicionando emoções (*pathos*)[1] às notícias para além do discurso de objetividade naturalmente esperado. Dessa forma, foi inserido o elemento "emoção" no relato da derrota sem que isso prejudicasse a interação entre mídia e leitores, como observa Jáuregui (2010, p.3): "...deixamos de considerar a emoção como contraditória à seriedade e à credibilidade, mas como algo constituinte do discurso midiático, existindo de mãos dadas com a informação e, por conseguinte, com a razão".

Dentre as várias editorias presentes no jornalismo, possivelmente a que mais se destaca no quesito emoção é a esportiva. Vitórias são celebradas, derrotas são lamentadas e empates, normalmente, criticados. Dado à predileção dos brasileiros pelo futebol, é de se esperar que quando o assunto em pauta é a seleção brasileira, essas emoções estejam mais afloradas. Afinal, não se valorizará uma parcela de torcedores em detrimento de outros (tal como seria se a goleada ocorresse em um clássico futebolístico como Atlético Mineiro x Cruzeiro ou Corinthians x Palmeiras), mas sim, todos que, juntos, vestiram as cores da pátria para mandar suas vibrações positivas em favor da vitória.

Após o fiasco, o sentimento de vergonha, vexame e humilhação são assumidos pela mídia impressa, que reforça essa mensagem por meio das cores e imagens: o popular *Meia Hora*, conhecido principalmente pela construção de manchetes com duplo sentido ou pejorativas, publica a primeira página em preto e branco, com a cor preta tomando praticamente todo o fundo da página com o texto, em branco: "Não vai ter capa" e justifica que "Hoje não dá para fazer graça, a gente ficou com vergonha. Amanhã voltamos*" para, logo ao final da linha fina, contradizer o próprio discurso com "*Enquanto você lia isso... mais um gol da Alemanha".

1. Optamos pela utilização do termo grego *pathos* que engloba noções como emoção, sentimento, paixão. Faz-se necessário esclarecer que não utilizamos o termo em seus sentidos negativos ou pejorativos.

A publicação não perde a sua essência e ativa os sentimentos de vergonha e do riso cruel em poucas linhas, enquanto a cor de fundo escolhida tanto remete ao luto pela drástica derrota como, ao mesmo tempo, faz referência à justificativa apresentada pelo treinador em entrevista coletiva pós-jogo de que seu time sofreu um "apagão" de seis minutos que resultaram em quatro gols consecutivos do adversário.

A cor preta também predomina na capa da *Folha de S.Paulo*, porém, seu discurso tende a ser mais "seco" ao dizer que "Seleção sofre a pior derrota da história". Por outro lado, o *Super Notícia* e *O Globo* apelam para imagens que se ligam diretamente ao sentimento de vergonha: uma caricatura de um jogador com a cabeça coberta por um saco de embalar pão, enquanto que na publicação carioca vê-se David Luiz com a cabeça "enterrada" no chão, talvez, envergonhado pelo placar. A escolha da imagem do atleta também é simbólica, já que nas duas partidas anteriores foi considerado pelos torcedores e pela mídia um líder dentro de campo, apoiando os atletas antes de uma disputa de pênaltis com o Chile na fase de oitavas de final e marcando gol decisivo para a classificação em partida contra a Colômbia, nas quartas-de-final. Na semifinal, David Luiz entrou em campo com a faixa de capitão e, desabado no chão após o apito final, demonstra a impotência diante dos gols sofridos.

Ao adotar essas estratégias, o discurso midiático reforça as manifestações observadas em redes sociais durante e após o jogo: o sentimento de vergonha por ser goleado jogando "em casa" e com a torcida a favor.

PERSONALIZAÇÃO DA CULPA

Como em todo acontecimento que provoca estranhamento no mundo dos esportes, há a necessidade de se personalizar a culpa. Na Copa de 1950, quando os torcedores viveram a derrota para o Uruguai na partida final no episódio conhecido como "Maracanazzo", atribuiu-se a derrota ao goleiro Barbosa. Durante 64 anos, sempre que se falava em Copa do Mundo no Brasil, lembrava-se a derrota diante dos 173 mil espectadores e das falhas do goleiro.

Em 2014, no que já tem sido chamado "Mineiraço", rapidamente buscou-se a personalização da culpa pela derrota. A comparação não tardou em ocorrer, sendo o jornal Extra o responsável por lembrar a fatídica derrota há 64 anos, ao republicar em sua capa uma foto do segundo gol uruguaio junto com o seguinte texto: "*PARABÉNS aos vice-campeões de 1950, que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem, conhecemos o que é vexame de verdade*".

Desta vez a culpa não foi atribuída a um atleta ou à equipe, mas ao técnico da seleção, Luís Felipe Scolari, como nos apresenta as capas de *O Dia* e *Diário de S.Paulo*. Talvez pelo fato de seu comportamento agressivo em entrevistas coletivas dias antes (quando mandou "pro inferno" aqueles que não concordavam com suas escalações), torcedores e, posteriormente a mídia, reforçaram o discurso de que o fiasco não foi da equipe, da coletividade, mas sim de seu "cérebro", o treinador que teria a função de armar taticamente e selecionar os jogadores que melhor pudessem garantir o resultado positivo para o Brasil.

A mídia impressa, em suas capas, reforça o discurso da "personalização" da culpa e começa a "desenhar" a demissão do técnico como uma forma de "compensar" a derrota sofrida, ao passo que isenta a culpa de um ou outro jogador em específico. A maior prova de que a "caça as bruxas" promovida contra o técnico alcançou resultados positivos se deu no dia 14 de julho de 2014, quando foi anunciada oficialmente a demissão de Luís Felipe de seu cargo devido ao insucesso da equipe no Mundial. Para torcedores e mídia, esse era o único modo de se fazer "justiça" diante do "vexame", "vergonha" e "humilhação" sofridos em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento da eliminação do Brasil da Copa do Mundo foi visto como uma "tragédia" tanto por torcedores como pela mídia em geral. As primeiras páginas de importantes jornais brasileiros reforçaram esse aspecto do fato e se aproximam do emocional em suas manchetes e demais textos nas capas. Assim, sentimentos como "vergonha" ou "humilhação" se transformados em imagens e são reforçados no discurso verbal, ao mesmo tempo em que

atribuem a uma única pessoa toda a culpa pelo fracasso do jogo no Mineirão, fazendo coro a milhões de torcedores, como se observou em redes sociais mesmo durante o desenrolar da partida.

O jornal impresso atua como um dispositivo midiático que nos permite observar "um modo de manifestação material dos discursos; um processo de produção de significação e estruturação de sentido" (Antunes e Vaz, 2006, p.48). Inserido no cotidiano de milhões de pessoas, seus discursos, no caso em específico, estrutura os sentidos de apreensão desse acontecimento, com a tentativa de traduzir em palavras, cores, imagens e diagramação a emoção negativa de ver a Seleção Brasileira sofrer um revés de tal magnitude, com o agravante de ter maior parte da torcida a seu favor na capital mineira. Ao materializar a humilhação e o vexame em suas páginas, aproxima-se do leitor e, ao mesmo tempo, aponta o culpado para todos os sete gols sofridos diante da Alemanha: o treinador, isentando os atletas que estiveram dentro de campo, canalizando toda a frustração de se perder a chance do hexacampeonato para um único responsável que, dias antes, havia entrado em atrito com a mídia em geral.

Capítulo 16

A destituição do torcedor: testemunho de um repórter frente a nossa maior derrota

Rodrigo Franco

AQUELA TERÇA-FEIRA começou cedo, às cinco horas da manhã. Banho, passagem do uniforme na medida em que o sono permite, café com leite e pão com queijo devorados rapidamente. Mais vinte minutos de trajeto e tinha início uma rotina cujo embrião se formara catorze anos antes, com um alerta. "Tem certeza que quer fazer da paixão pelo futebol o seu trabalho, meu filho? Vai conseguir deixar de ser torcedor para ser apenas profissional quando estiver perto dos seus ídolos?".

"Sim, mãe. Acho que é mesmo jornalismo esportivo o caminho que quero seguir". A resposta tinha convicção, teve continuidade, mas não trazia uma ideia precisa da realidade que iria se impor a partir da escolha profissional. No dia a dia de repórter de TV esportivo - menos por convicção, mais por precaução no trabalho que mexe com a paixão de muitas pessoas e com algumas pessoas que não entendem ser possível o distanciamento entre profissão e paixão - adotei o segredo em relação ao clube que, com tudo de melhor que o futebol pode oferecer, acendeu em mim a paixão pelo esporte mais popular do mundo, e fiz adormecer o torcedor fanático que fora alertado pela minha zelosa mãe.

Naquele dia, porém, o mundo e o Brasil respiravam ares diferentes de qualquer rotina. Era Copa do Mundo, mágica licença poética que reanimou o torcedor e permitiu que ele convivesse, sem censura, ao lado do jornalista durante pouco mais de um mês. Foram sete horas juntos, ali, na porta de um hotel no Belvedere, bairro nobre de Belo Horizonte, transmitindo ao vivo informações da seleção alemã, a adversária de ambos na semifinal. Uma manhã de grande recompensa pessoal e profissional, sem dúvida, que tem como lembranças mais marcantes os rostos de duas adolescentes.

Cabelos, peles, olhares, bocas e traços brasileiros estavam parcialmente escondidos pelas cores preta, vermelha e amarela que predominavam nas faces delas. Ambas tinham quinze anos e a convicção estampada nas camisas que vestiam: seus corações pertenciam à Alemanha, apenas as certidões de nascimento delas pertenciam ao Brasil. O talento de um time de futebol pode ser medido pela capacidade de driblar rivalidades e ignorar fronteiras. A Alemanha de Joachim Low recebia elogios em diferentes línguas, conquistava fãs de várias partes do mundo. Era de fato uma grande adversária, mas, ao sentir tudo isso no instante de leitura dos rostos juvenis das jovens torcedoras alemãs, não imaginei mais do que um jogo difícil dali a algumas horas. Mal sabia que imaginar aquele dia seria mais fácil do que acreditar no que de fato aconteceu nele.

Terminado o trabalho, jornalista e torcedor se despediram ali, na porta do hotel. Era hora de o torcedor viver sozinho o restante do dia, renascer de fato. O filho alertado pela mãe vivia o momento especial de ser, apenas, torcedor de novo. Será que ainda se lembrava de como era? Os sorrisos dos amigos, seis brasileiros e dois alemães que ele hospedava, denunciavam que sim, era, de novo, torcedor, com tudo que um torcedor tem direito: camisa, bandeira, paixão, esperança, cerveja, resenha. Nela, brasileiros otimistas, apesar do adversário que supera fronteiras, e alemães ainda mais confiantes. Seguiram-se os últimos preparativos, mais sorrisos e fotos que servem de prova: o jornalista agora parecia mesmo só um torcedor.

Trinta minutos de muita ansiedade se passaram no trajeto da casa do momentâneo ex-jornalista até o palco do jogo, o Estádio Governador Magalhães Pinto. O imaginário coletivo preferiu deixar de lado o nome do político que teve apoio da ditadura militar brasileira e chamá-lo apenas e carinhosamente de Mineirão. Nele, o inigualável clima de Copa do Mundo, com suas confraternizações, fotos, cantos e atmosfera que deixam um gostinho especial só por estar ali. Gostinho realçado pelo feijão tropeiro, prato tradicional no estádio,

que ficou de lado por alguns instantes com a divulgação da escalação oficial da seleção brasileira.

O jovem Bernard era o escolhido do técnico Luis Felipe Scolari para substituir Neymar, atingido por Zuñiga, da Colombia, nas quartas-de-final, desfalcando o país inteiro[1]. Escolha ousada do treinador, mas que teve sabor de risco grande demais contra a forte, técnica, rápida e entrosada seleção alemã. Últimas garfadas no tropeiro e era chegada a hora da semifinal tão aguardada pelo mundo inteiro e pelo antigo torcedor, cujo coração batia como se fosse a primeira vez.

O pulso acelerou no hino nacional. Sessenta mil brasileiros cantaram toda a primeira estrofe da bela composição, que a Fifa insistia em executar apenas parcialmente. Um espetáculo inesquecível e importantíssimo. Sim, apesar de tudo, o que muitos sentem pelo Brasil é amor. O desafio talvez seja fazer com o esse sentimento seja vivido no dia a dia, além do esporte, também em política, educação, saúde e ética para gerar grandes mobilizações. Torcedor, lembrei-me, não pensa só em futebol. Sua mente migra entre realidade e imaginação, fica no estádio, mas viaja para fora dele por alguns instantes.

Quando os times se formaram e a bola foi colocada no centro do campo, finalmente havia chegado a hora de torcer como manda o dicionário: vibrando, acreditando e cantando. O torcedor que andava incomodado com certa quietude da torcida brasileira nos outros jogos da seleção havia preparado a alma para apoiar sem parar, incondicionalmente, como sempre fizera antes do alerta da mãe. Com cinco minutos de bola rolando já estava rouco, com os pulmões ofegantes. Com nove minutos de jogo seguia cantando, ainda que a voz, algumas vezes, já não saía mais. Quando ela não aparecia o orgulho crescia no peito: era a prova de estar deixando tudo ali, naquele momento. Sentia-me torcedor como imaginava que deveria ser, apaixonado incondicionalmente.

Aos dez minutos, a voz se calaria. A escalação arriscada de Bernard era o que faltava para que a seleção brasileira, fragilizada emocionalmente pela pressão de jogar em casa, sucumbisse de forma avassaladora. Erros primários, generalizados, foram implacavelmente punidos pela Alemanha. Aos vinte e oito minutos, os alemães já venciam por inimagináveis cinco a zero. Com uma velocidade muito maior do que os nervos e neurônios precisam para produzir o sentimento de dor, a seleção do coração das jovens brasileiras da

1. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

porta do hotel fez gols em quantidade e facilidade, garantiram a vaga na final da Copa do Mundo e acabaram com o jogo.

Havia ainda mais sessenta e dois minutos, que pareceram durar dias. No intervalo veio a dúvida: voltaria a seleção brasileira para o segundo tempo? Voltou, mas o jogo já havia terminado. A Alemanha fez mais dois gols na etapa final, diante de um adversário que pareciam não acreditar que pudesse ser tão frágil. Para o renovado torcedor esses gols foram como os outros cinco: absolutamente indolores. Não houve tempo sequer para reação, para pedir raça ao time, de cantar pela seleção brasileira, nada. Não houve tempo de sofrer. Nenhuma lágrima foi derramada pelo torcedor que, pelo destino, havia conquistado o raro direito de torcer de novo.

Era a maior derrota do Brasil em todos os tempos. Era o maior vexame que presenciara na vida. Perdia o jogo, a vaga na final da Copa do Mundo em casa, mas não era possível sequer entristecer-se. Era o inerte, o vazio, o nada. Quase que de forma esquizofrênica, comemorei muito o gol de honra de Oscar, aplaudi a seleção no fim do jogo. A tristeza predominava, mas havia algo diferente misturado àquele sentimento.

Pude fazer tudo que um torcedor tem direito de fazer, mas, mesmo assim, sentia-me incompleto. Um torcedor incompleto como os dois amigos alemães que junto de seus compatriotas cantaram a vitória no "Mineirazzo", mas, depois, só conseguiam consolar os brasileiros. Quando o jogo terminou se transformaram em "meios-torcedores". Constrangidos, não comemoravam de fato. Estavam felizes, mas não compartilhavam a felicidade pela vitória histórica por pena dos anfitriões. Pena… Mais do que os gols em profusão, mais do que a tristeza, talvez este sentimento tenha destituído o jornalista do cargo de torcedor naquele dia. Não ser motivo da gozação do adversário, não poder assistir à celebração do vencedor e receber dele apenas compaixão levaram à dura constatação de que, ao contrário do que imaginava, do que sentia, não havia sido torcedor em plenitude naquele dia.

Um brilhante integrante mineiro da família Andrade, Eduardo Gonçalves, contribuiu com o crescimento da humanidade em três vertentes: no campo, como jogador de futebol de extremo talento, maior ídolo da história do Cruzeiro, tricampeão mundial com a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, no México; na medicina, como médico e professor; e no jornalismo, com colunas críticas e didáticas sobre o futebol e sobre a vida. Na aula que proferiu com as palavras após a derrota histórica, Tostão recorreu a outro gênio do clã mineiro dos Andrades: "…Depois da hora radiosa a hora dura do

esporte, sem a qual não há prêmio que conforte, pois perder é tocar alguma coisa mais além da vitória, é encontrar-se naquele ponto onde começa tudo a nascer do perdido, lentamente" (Andrade, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2005).

Em 8 de julho de 2014, além da vaga na final da Copa do Mundo que iria conquistar na decisão contra a Argentina, a Alemanha levou também consigo o direito do Brasil, país, jogadores, todos de tocar o algo além da vitória revelado pelos olhos poéticos de Carlos Drummond de Andrade: o direito de alcançar o ponto onde o futebol brasileiro poderia renascer. A derrota se perdeu no tempo e no espaço. Foi para uma dimensão particular, que vamos levar muito tempo para encontrar e, então, a partir dela, poder recomeçar. Com gols em quantidade e velocidade, revogou-se também o meu sonho de, pelo menos por um dia, voltar a ser torcedor, matar a saudade daquilo que minha mãe alertara que eu poderia perder. Quando me avisaste, mãe, não seria capaz de imaginar que a derrota poderia ser muito maior.

PARTE 5

CELEBRIDADES

ELAS (AS CELEBRIDADES) QUEREM “ACONTECER” JUNTO

“SER VISTO” é a palavra de ordem; em **Competindo pelo olhar do Outro - a importância da visibilidade na contemporaneidade**, André Mendes discute o empenho de jogadores e torcedores para chamar a atenção, projetar sua imagem. Cortes de cabelo, tatuagens, poses, adereços – tudo vale para ganhar as telas. E junto com as celebridades da bola, também as marcas da indústria esportiva entram em campo e na disputa por visibilidade, buscando afirmar sua identidade e sua preferência na lógica desenfreada da sociedade de consumo.

Gáudio Bassoli não trata de celebridades, mas do desacerto jornalístico no trato com elas. Em **Quando o jornalista vira notícia: a “barriga” de Mario Sergio Conti**, Bassoli relata a entrevista feita por Conti com um sósia do técnico Felipão – publicada como se fosse o próprio. Com grande repercussão nas redes sociais, essa “barriga” entrou para a antologia dos erros jornalísticos, comprometendo a imagem do profissional, mas, sobretudo, arranhando a já fragilizada credibilidade jornalística.

Em **David Luiz: valente, charmoso, bom moço**, Vera França reflete não apenas sobre a figura e a projeção alcançadas pelo zagueiro David

Luiz na Copa de 2014, mas sobre a própria dinâmica de procurar e construir heróis, celebridades do esporte que projetam, para além de sua performance em campo, valores caros à nossa sociedade. É uma dinâmica levada a cabo pela imprensa, mas claramente apoiada na demanda de seu público, desejoso de referências que apontem para as qualidades que fazem falta no mundo contemporâneo. O futebol é um terreno de disputas onde emergem grandes estrelas; o apelo de David Luiz ultrapassava o papel do herói em campo para significar também valores como camaradagem e solidariedade – um antídoto e uma defesa frente à forte competitividade que nos oprime cotidianamente.

Os craques do futebol (Cristiano Ronaldo, Messi, Neymar) e artistas diversos (de Fernanda Takai a Gaby Amarantos) foram os protagonistas centrais dos anúncios das empresas patrocinadoras do evento, atuando em enredos ufanistas e de incentivo à vitória e aos valores da competição. André Mendes e Juliana Ferreira analisaram, em **Copa SADIA**, uma campanha diferente, voltada e protagonizada por crianças que se dirigem aos heróis dos gramados com o apelo: "Joga pra mim". Os comerciais exploram o tema da primeira experiência de ver sua seleção ganhar. A seleção não ganhou, os heróis não jogaram o que era necessário; apesar disso, e enquanto as outras marcas tiraram do ar seus comerciais, a Sadia enfrentou a derrota e retomou o diálogo em uma segunda campanha, na qual a voz dos pequenos é substituída por uma voz paternal, que fala de futuro e da importância de manter a esperança: "no fim tudo dá certo e, se não deu certo agora, é porque não chegou ao fim". Ou seja, vamos em frente – outras experiências virão.

Capítulo 17

Competindo pelo olhar do Outro: a importância da visibilidade na contemporaneidade

André Melo Mendes

NESSA ÚLTIMA COPA pudemos perceber que, cada vez mais, os jogadores de futebol estão com a "cabeça feita". Com essa afirmação não quero dizer que eles têm ficado mais politizados ou "resolvidos", que fizeram anos de análise e não têm mais "questões". Nesse caso, estou me referindo apenas aos diversos cortes e penteados que foram exibidos pelos atletas que participaram dessa Copa do Mundo de Futebol no Brasil.

Os penteados criativos e cortes excêntricos dos jogadores têm se tornado matéria obrigatória durante as coberturas jornalísticas desse evento mundial. Copa após Copa, esse assunto vem ganhando força devido à imaginação sem limite dos *personal stylist* desses artistas da bola. Mais do que a simples expressão de uma singularidade, de um estilo, ou mesmo de uma posição política, essa tem sido uma estratégia utilizada pelos "craques" para serem identificados com facilidade pelos milhões de espectadores que acompanham esse evento mundial. No meio de vinte e duas cabeças em que predominam cabelos convencionais, um corte moicano ou um *black power* é facilmente discernível a metros de distância, permitindo que o público, e também os narradores, saibam exatamente *quem* está conduzindo a bola ou envolvido numa jogada de efeito.

Um dos primeiros a utilizar dessa estratégia de visibilidade foi Ronaldo "Fenômeno", ao adotar a cabeça raspada (até então algo incomum para os atletas de futebol) como sua marca quando jogava no Barcelona (1996). Essa estratégia foi aperfeiçoada na final da Copa do Mundo de 2002, organizada pelo Japão e Coréia, quando ele entrou em campo na partida decisiva com o corte "samurai", conhecido no Brasil como "Corte do Cascão". Daí para frente vários jogadores passaram a usar a cabeça raspada como estratégia para se diferenciar dentro de campo e cortes mais ousados começaram a ser vistos com mais frequência dentro das quatro linhas.

O FUTEBOL SE RENDE À MODA

Não são apenas os jogadores que se aproveitam de eventos dessa magnitude para conseguir visibilidade; as grandes indústrias esportivas também compreendem muito bem o potencial publicitário que esse tipo de evento possui e buscam seu quinhão de exposição por meio do material esportivo utilizado por esses atletas. É bom lembrar que a exploração dessa potencialidade de visibilidade pelas marcas é bem anterior aos cortes de cabelo.

Pelé se tornou o melhor jogador do mundo não apenas por suas habilidades com a bola, mas também pelo seu apurado senso de marketing. A artimanha usada por ele na Copa do Mundo de 1970 para promover a marca que o patrocinava é um bom exemplo de como uma boa estratégia de marketing pode render uma enorme visibilidade. Pouco antes de o juiz autorizar o início da partida com a seleção do Peru, o craque sinalizou a ele pedindo um momento, abaixou-se, afrouxou os cadarços das chuteiras Puma e voltou a atá-los. As câmeras de televisão fecharam suas lentes nos pés do camisa 10 e, por trinta segundos, a marca alemã foi vista com destaque por pelo menos 200 milhões de pessoas, ao vivo.[1]

Dentro da estratégia de promoção das marcas esportivas nas Copas, as chuteiras continuam sendo as grandes estrelas. Na Copa do Brasil, as tradicionais, de cor preta, foram quase que totalmente substituídas por outras de cores cítricas e pelas botinhas *retrô* criadas pela *Nike*. A *Puma*, outra potência do marketing esportivo, apresentou chuteiras com cores distintas para cada pé – novidade também vista nas luvas de alguns goleiros, como o famoso Gianluigi Buffon, da seleção italiana.

---

1. Disponível em: http://notactico.blogspot.com.br/2011/11/primeira-jogada-de-marketing-do-futebol.html#.U9DsqZq5eP8

TELÕES E TELINHAS

O desejo pela visibilidade não se limita às quatro linhas. Sempre fez parte da tradição do futebol os torcedores se vestirem com as cores do seu time, tocarem instrumentos musicais e agitarem bandeiras no estádio. É comum também, no contexto dos jogos, que alguns torcedores mais "apaixonados" usem chapéus excêntricos, gorros com o escudo do time e pintem o corpo com as cores da sua equipe do coração, tudo dentro de um espírito de alegria, identificação e apoio.

Entretanto, o advento do "Telão" nos campos do futebol e a prática das câmeras do estádio de mostrar em close certos pontos da torcida fizeram aumentar significativamente o número de torcedores fantasiados, muito provavelmente seduzidos pela possibilidade de ter sua imagem exposta para milhões de pessoas dentro e fora do estádio. Na Copa do Mundo no Brasil não foi diferente e as câmeras registraram as presenças animadas de belas torcedoras, do fantasma uruguaio da final de 1950, do *Incrível Hulk*, da *Mulher Maravilha*, entre outros personagens famosos.

O desejo de se ver no telão se repete também na "telinha" dos celulares, como é possível notar no recente (e avassalador) fenômeno dos *selfies* que também aconteceram com grande frequência dentro e fora do estádio. Nessa composição a pessoa pode estar sozinha ou acompanhada de um grupo de amigos. O objetivo desse tipo de retrato é compartilhá-lo imediatamente em uma rede social (o *Facebook*, por exemplo).[2] No Brasil participaram alegremente dessa prática tanto os torcedores quanto os jogadores, repórteres e apresentadores.

O surgimento dos *selfies* é mais um momento da história do desejo de visibilidade em que sujeitos comuns não dependem de uma boa soma de dinheiro e da habilidade de um artista talentoso para registrar sua imagem. Estipula-se que os primeiros autorretratos tenham surgido com o Renascimento, no século 16. Até aproximadamente o final do século 19, os retratos eram um privilégio acessível apenas a reis, aristocratas e aos burgueses ricos que podiam arcar com as despesas para ter sua imagem eternizada. Com o surgimento da fotografia, houve uma democratização do retrato e, com os celulares com câmera no início do século 21, houve uma massificação do autorretrato.

2. Disponível em: http://www.significados.com.br/selfie/

Um outro dado importante para entender esse fenômeno da busca por visibilidade nos dias atuais é atentar para o fato de que, se, nos dias de hoje, os retratos e autorretratos das redes sociais procuram comunicar basicamente alegria e espontaneidade, no início da história do retrato, as imagens possuíam um padrão de posturas completamente diferente. Os modelos eram figurados de modo a sugerir uma imagem imponente e séria, com o objetivo de imortalizar o retratado numa pose confiante. Nos dias de hoje essa regra não se aplica, sendo mais importante que as pessoas sejam vistas/representadas felizes e contentes, realizando coisas incríveis e exclusivas como assistir a uma partida da Copa do Mundo.

CONCLUSÃO

Não há dúvidas de que, na contemporaneidade, a visibilidade é algo muito importante tanto para as empresas quanto para os indivíduos. Não que não fosse importante antes; desde os primeiros agrupamentos humanos, ser "visível" sempre significou privilégios dentro de um grupo social. O mesmo pode ser dito a respeito de uma marca – não é por mero acaso que as prateleiras de um supermercado têm preços diferentes, conforme a posição em que o produto fica exposto. Visibilidade, nesse caso, significa maior possibilidade de vendas e, consequentemente, mais lucro.

No caso das indústrias, é no final do século 20 que esse imperativo de visibilidade veio a ser mais importante, devido ao fato de os produtos concorrentes se tornarem praticamente iguais no que se refere às suas qualidades materiais. No caso das pessoas, podemos dizer que essa necessidade surgiu um pouco antes, em torno do início do século 19, com o surgimento das cidades modernas. A aparição desses agrupamentos de indivíduos com interesses e costumes distintos mudou radicalmente a relação entre as pessoas, como bem destacaram os pensadores da Escola de Chicago que dedicaram extensa bibliografia a esse tema no início do século passado.

Esses pesquisadores perceberam que, nas urbes modernas, ser notado por um "Outro" tem se tornado cada vez mais raro. Isso ocorre em parte porque, nas grandes cidades, predomina uma divisão do trabalho que demanda dos sujeitos muito tempo de dedicação dentro e fora do emprego. Além disso, os longos deslocamentos para chegar ao trabalho, bem como o enfraquecimento dos laços de parentesco e de vizinhança, têm contribuído para que os contatos entre as pessoas sejam cada vez mais impessoais, objetivos e transitórios. Ou

seja, numa sociedade em que os laços são efêmeros, ser notado é algo extremamente relevante, uma forma de sentir-se vivo, existente.

A importância de ser notado também pode ser explicada a partir do pressuposto de que as identidades não são naturais, mas construtos sociais que devem ser articulados pelo indivíduo ao longo da sua vida. Essa ideia tem sido desenvolvida nos últimos tempos por teóricos como de Stuart Hall, Anthony Giddens e Zygmund Baumman. Por esse ponto de vista, a identidade de um indivíduo seria uma espécie de "projeto" sempre em construção, distanciando-se, pois, da noção que o circunscreve em torno de referenciais simbólicos e/ou quadros de sentidos supostamente estáveis, homogêneos, coesos e unificados.

Esses pensadores consideram que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram a vida social, estariam em declínio e que a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes e relativamente fixos não têm mais força para determiná-las. Sem conseguir definir e localizar suas ações a partir de referenciais estáveis, a identidade é entendida não como algo que deva ser revelado; antes, deve ser ativamente produzida, na medida em que o *eu* é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o próprio indivíduo é responsável. Nesse sentido, essa reflexividade do *eu* seria contínua, de maneira que a intervalos não necessariamente regulares, o indivíduo seria instado a agir de modo a fixar e fazer valer sua identidade da melhor maneira possível. Ser visto pelo outro é uma maneira de ter sua identidade e existência confirmadas.

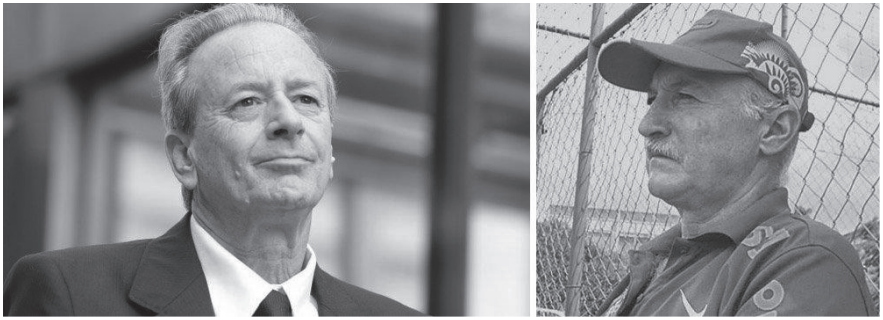
Capítulo 18

Quando o jornalista vira notícia: a barriga de Mario Sergio Conti

Gáudio Bassoli

NÃO CUSTA EXPLICAR o jargão para quem não está familiarizado com o meio jornalístico: "barriga" é quando uma matéria falsa ou errada é publicada, muitas vezes com grande estardalhaço. Seria o oposto do "furo", a informação - obviamente correta - publicada em um veículo antes de todos os demais. No imaginário do meio, costuma-se culpar os estagiários e os "focas" (jornalistas em início de carreira) pelos erros muitos grosseiros. Mas durante a Copa coube ao experiente Mario Sergio Conti, que foi editor da revista *Veja* e do *Jornal do Brasil*, entrar para a antologia dos "vacilos" do jornalismo brasileiro, ao lado do "boimate".

Em 1983, a revista *Veja* publicou matéria sobre um híbrido genético de boi com tomate. A matéria repercutia reportagem publicada pela revista *New Scientist* quase um mês antes, em 31 de março, dia em que a mídia (principalmente a inglesa) tradicionalmente costuma publicar matérias falsas, antecipando as brincadeiras do dia da mentira, 1º de Abril. O boimate era considerada a maior barriga do jornalismo brasileiro até o dia 18 de Junho de 2014, quando Conti entrevistou Palomo, sósia de Luiz Felipe Scolari, achando que estava conversando realmente com o técnico da seleção brasileira...



O jornalista Conti e o sósia de Felipão, Palomo. Imagem retirada do portal Brasil 247

Após *Folha de S. Paulo* e *O Globo* assumirem o erro da publicação, tentarem explicar o inexplicável, a história ganhou as redes sociais. Vários textos interpretaram de diferentes formas e criticaram o acontecimento. Comecemos pela própria *Folha*, que deu mais detalhes do incidente. O veículo entrevistou Palomo, o sósia, procurando entender o que tinha acontecido. "Não houve maldade, em nenhum momento eu disse que era o Felipão ou que estava dando entrevista. Eu achei que ele tinha entendido que eu era sósia do técnico quando dei meu cartão, em que está escrito sósia". Nem o cartão adiantou: Conti pensou que se tratava de uma brincadeira de Felipão.

Em meio à situação embaraçosa, o jornalista conseguiu até fazer humor com a história. "Eu adoraria ser sósia e homônimo do Mario Sergio Conti dando essa entrevista para você. Não houve má fé e pelo menos esse erro não prejudicou ninguém, nem influenciou a eleição ou derrubou a Bolsa". Outros detalhes do texto também são curiosos: a matéria reconhece que era implausível Felipão ter criticado a zaga de seu time, considerado um dos pontos fortes da equipe, e Palomo alega que deu suas opiniões sem fingir que era Scolari, mas que "todo brasileiro se acha técnico da seleção".

O jornal *Zero Hora* também falou com Conti e Palomo. Mario Sergio contou que sua inusitada entrevista durou cerca de meia hora, o tempo de voo do Rio a São Paulo, e que não desconfiou de seu entrevistado, porque lera em algum lugar que a seleção estava de folga. "Nunca estive com Felipão. Sequer vi entrevistas dele na televisão; só nas partidas, ao lado do campo. Achei todas as respostas dele sensatas". Segundo a reportagem, o sósia é quem ficou mais desconfortável ao dar entrevista por telefone. "Foi uma conversa com uma pessoa comum, como eu converso com você. Cinco a dez minutinhos no voo, só isso. E outra coisa: nem sabia que ele era jornalista." Wladimir Palomo, que voltava de uma

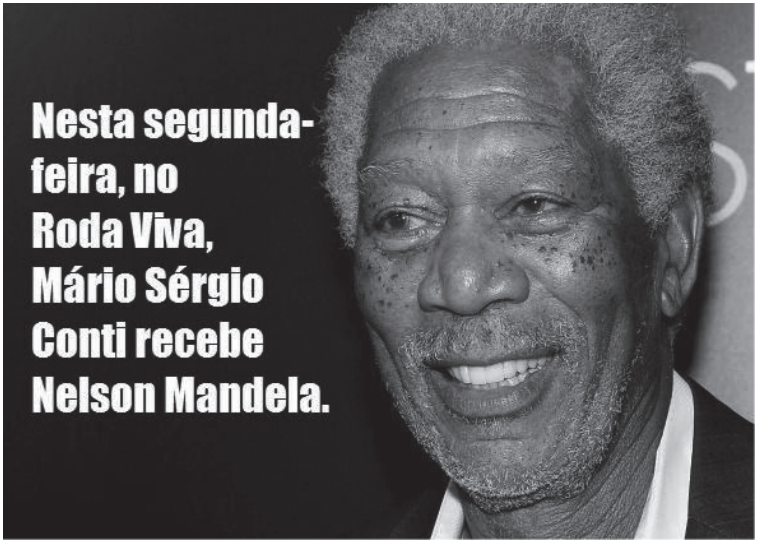
gravação do programa de humor *Zorra Total,* da Rede *Globo,* junto com um sósia de Neymar, disse que não faz imitação. Ainda perguntou "você acha que o Felipão ia ficar andando sozinho em um avião no dia da Copa?"

Em meio ao episódio, algumas controvérsias da história do jornalista foram resgatadas. Retomamos aqui Quéré (2005), que nos lembra como o acontecimento, ao irromper no cotidiano, aciona um horizonte de possibilidades futuras, mas também descortina seu passado, sendo o passado e o futuro "relativos a um presente".

O site de curiosidade *Trazcafe.com* lembrou que, ao entrevistar o locutor Silvio Luis dois anos antes no *Roda Viva*, quando ainda comandava o programa, Conti disse que "a imprensa esportiva me passa a impressão de ter muitas páginas, muitos programas, mas não tem nenhuma apuração". Felipe Moura Brasil, blogueiro da *Veja*, lembrou que Mario Sergio já tinha cometido uma barriga ao descrever em detalhes o enterro de Lúcia Carvalho na revista *Piauí* – e a arquiteta mandar uma carta na edição seguinte. Também criticou o episódio em que Conti decidiu "apontar uns errinhos na biografia do mensaleiro petista José Dirceu – escrita por Octávio Cabral -, usando o expediente-padrão das esquerdas de tentar invalidar uma obra por conta de imprecisões isoladas".

Paulo Nogueira escreveu um texto – "O verdadeiro pecado de Mario Sergio Conti" - republicado no blog de Luis Nassif, onde acusa o colega de ter comandado "uma das coberturas mais abjetas e mais canalhas do jornalismo nacional: a que levou ao impedimento de Collor." O texto alega que "ali a *Veja* mostrou, sem que ninguém percebesse, o que faria depois: o abandono completo do compromisso com os fatos na sede de derrubar inimigos. [...] A revista se baseou, essencialmente, em declarações. Mais que tudo, o depoimento envenenado e raivoso de Pedro Collor foi vital no material jornalístico que a revista produziu naqueles dias".

Além das críticas com um tom sério, as redes também refletiram o episódio com humor. Se os internautas criaram a máxima "a zueira não tem limites", e a Copa do Mundo foi um momento ímpar de sátiras nas redes sociais, a barriga de Conti não ficaria de fora dessa. O site *Contexto Livre* publicou fotos com as grandes entrevistas do jornalista: sósias de Felipão, Obama, Elvis. Numa foto de Inri Cristo, a legenda indica "Jesus Cristo", e na foto do procurador geral da república, Roberto Gurgel, "Jô Soares".



Morgan Freeman confundido por Conti. Imagem retirada do site Contexto Livre.

Para além do impressionante desleixo, tanto do jornalista quanto dos editores, o que chamou a atenção nesse acontecimento foi a dinâmica da repercussão da barriga. No dia seguinte o assunto já tinha rendido numa tal proporção que talvez não fosse possível antes das redes sociais, por exemplo, quando a *Veja* deixou passar a barriga do boimate. Soma-se isso a um cenário relacionado, de questionamento constante da credibilidade jornalística, e o erro de Conti é uma peça com uma importância que ele parece não ter se dado conta, ao dizer que "não prejudicou ninguém, nem influenciou a eleição ou derrubou a Bolsa".

O acontecimento continuou reverberando mesmo depois da Copa: o portal de notícias *Brasil 247* comentou uma coluna de Conti no dia 8 de agosto daquele ano, sobre as biografias que, para ele, seriam um "gênero literário menor que virou indústria". A matéria ironiza o jornalista, apresentando-o como "escritor de *Notícias do Planalto* e recentemente conhecido pela entrevista com o técnico Luiz Felipe Scolari (ou melhor, com seu sósia)". Paulo Nogueira parece ter acertado quando cravou que o colega "vai passar para a história como aquele jornalista do Felipão".

Se para alguns o erro de Mario Sergio foi imperdoável, vale ressaltar que ele também continua apresentando "Diálogos" na emissora *Globo News*, onde realiza entrevistas. Talvez ainda esteja esperando que "Felipão" aceite seu convite para participar do programa.

Capítulo 19

David Luiz: valente, charmoso, bom moço

Vera Veiga França

A TRÁGICA FINALIZAÇÃO da seleção brasileira na Copa de 2014 tirou momentaneamente de cena nossos heróis nacionais; o resultado foi tão deprimente que encobriu e neutralizou o carisma que até na véspera do jogo com a Alemanha exalavam alguns de nossos jogadores (manchando-os com a vergonha de uma derrota sem igual).

Este fato, no entanto, não desloca a importância de ter (e de se criar) heróis. A sociedade precisa deles; o futebol é um campo propício para fornecê-los. Estrelas povoam o mundo do futebol, e o Brasil é um expert em cria-las e cultiva-las. Temos nomes inesquecíveis – Heleno, Pelé, Garrincha, Zico, Ronaldo. Claro que, ao deixar de jogar, e com o passar do tempo, sua fama fica esmaecida. Mas enquanto duram, seu brilho é intenso.

Nesta Copa, tivemos vários candidatos ao pódio dos heróis. A cada dia, ao longo dos jogos, um narrador resgatava um salvador da pátria, um feito sobre-humano; ao final das partidas, os comentaristas não apenas destacavam os grandes lances e as melhores performances, mas procuravam ressaltar, para além do bom jogador, esta figura completa que suscita admiração. Nas redes sociais, o debate em torno da projeção de ídolos foi intenso; processos embrionários de mitificação foram intensivamente disparados.

Por que se ocupar tanto desses tipos exemplares? A que vem e a que serve a figura do herói? Naturalmente, esta questão demanda uma discussão aprofundada, e neste breve texto apenas pretendemos extrair alguns "ganchos" suscitados particularmente pelo aparecimento de um personagem novo, que foi David Luis.

Os ídolos do futebol, evidentemente, se consagram em campo, a partir de seu desempenho como jogador. Mas é preciso mais para atingir os corações. É claro que um jovem com o talento de Neymar, candidato a figurar entre os melhores do mundo, desponta e alcança popularidade. Além dos gramados, ele passa a ser visto em comerciais, confere importância àquilo que toca, ganha espaço na cena pública, é seguido em sua vida privada, copiado em seu penteado. Torna-se uma celebridade, e passa a se comportar como tal.

A passagem a herói, no entanto, implica outros ingredientes além de alta performance; é preciso um ato de coragem, é preciso enfrentar e vencer um perigo, e se doar pelos outros. Sobretudo, é necessário portar alguns valores. E nesta Copa, o candidato a herói não foi tanto Neymar, mas David Luiz. Jogando bem, espírito de equipe, alto astral, visual atraente, jeitinho de bom moço, ele provocou consenso junto a vários tipos de público. Foi flagrado e retratado em vários momentos de sua atuação – demonstrando seu empenho, sua garra, sua energia.

A fragilidade da seleção brasileira era conhecida de antemão; temos bons jogadores individuais, e mesmo um craque, como Neymar, mas tanto o conjunto quanto o técnico suscitavam sérias dúvidas (e apreensões). O torcedor brasileiro (e aqui trata-se do grande coletivo – o Brasil) queria ser surpreendido; era preciso aparecer alguém que significasse pelo menos a possibilidade do grande salto de qualidade desejado. E David Luiz, sério, dedicado, mostrando seu bom desempenho desde o início, se tornou o candidato ideal. Seu comportamento com os colegas, nas entrevistas, irradiava uma simpatia serena, indicava uma pessoa de bem. E mais: era bonito e distinto, e descolado do estilo "classe popular" que permanece em vários jogadores.

Dentre as várias cenas protagonizadas por ele, uma particularmente foi marcante, e inclusive eleita por vários comentadores como "o fato grandioso da Copa". Trata-se do abraço e das palavras de conforto ao craque da seleção colombiana, James Rodríguez, após o jogo Brasil - Colômbia. Em lugar de se entregar à euforia da vitória, David Luiz volta-se para o outro – no caso, o ídolo derrotado – e sua atitude é de solidariedade, camaradagem. Por que esta cena foi tão apreciada, comoveu tanto? Num esporte viril, de alta competiti-

vidade, por que valorizar assim uma atitude de delicadeza e cuidado – mais identificada, inclusive, com o feminino?

É do contraste que podemos extrair o interesse dessa passagem, que nos fala da aproximação e apreço a valores opostos. Nossa sociedade e nossa ação no mundo é movida por competências, mas também e antes de tudo por valores: aquilo que apreciamos ressalta os valores que estão em alta. A prática do esporte não apenas é também atravessada por eles como, inclusive, é utilizada para promovê-los, cumprindo uma clara função educativa e socializante: o esporte deve ajudar a formar a boa cidadania.

E, claro, o futebol – nosso esporte nacional – é palco de muitos valores, é visto como retratando, em vários aspectos, uma cultura e identidade brasileiras (conforme vem sendo estudado por alguns pesquisadores que se dedicam à temática). Mas ele fala também de um quadro mundial; não é sem razão a adesão (e paixão) que suscita nos vários continentes. Seria muito dizer que o futebol contém (e espelha) valores universais – mas, sem dúvida, dialoga com eles, revestindo-os das cores das culturas locais e da contemporaneidade.

De forma muito evidente, o esporte explora a competição. Apesar da máxima "o importante é competir", é a vitória que se almeja; o importante é ser o melhor de todos. Nisto a competição esportiva hoje, e o futebol em particular, traduzem muito claramente os valores da sociedade capitalista, consumista e de ostentação de nossos dias, na qual cada um deve se superar (e superar seu vizinho, que se torna concorrente). Esta competição torna o mundo muito difícil – e nossa tarefa muito árdua. É muito duro manter uma alta performance, ostentar um perfil de vencedor, se mostrar sempre forte e realizado.

É aí que outros valores se sobressaem. Talvez não tanto os que exercitamos, mas aqueles dos quais necessitamos. Entre eles, a solidariedade, o apoio, a compaixão. Um herói humilde, que não tripudia, mas fortalece... É tudo o que precisamos!

Parece-nos que foi neste nicho que David Luiz se sobressaiu: não apenas como bom jogador, mas como uma figura humana exemplar. Um grande esportista pode provocar um mecanismo de projeção: suscita admiração, ele é o que gostaríamos de ser. Mas aquele que, além de portar características e desempenho excepcionais, é também generoso e pensa nos outros, vai mais longe. Ele ganha admiração e respeito, e passa a ser cultuado.

Pena que a trajetória de David Luiz foi curta: o herói magnânimo e bonzinho não pôde assegurar a vitória da seleção brasileira em campo. De acordo com algumas críticas, inclusive, foi por querer fazer mais do que podia – ser mais

do que o bom zagueiro, mas o artilheiro, e aquele que ia garantir a vitória do time - que ele se perdeu, e não foi uma coisa nem outra nos dois últimos jogos. No entanto, ele ainda comoveu o público por sua tentativa. Não por acaso, suas lágrimas foram as mais focalizadas pela mídia no dia da trágica partida com a Alemanha: David Luiz chorando, pedindo desculpas – não tanto por ter perdido, mas por não ter sido capaz de fazer seu povo feliz...

A Copa acabou e, com a derrota, os candidatos a herói se diluíram. David Luiz já saiu de cena (até porque o preço exorbitante com que foi vendido ao *Paris Saint-Germain* destoa da imagem que quisemos guardar dele). Porém no breve período em que sua estrela brilhou, ele representou mais do que outros craques podem representar apenas com sua excepcionalidade no campo: não apenas uma celebridade, mas o herói humano e bonzinho. Precisamos pensar que, num mundo marcado pela disputa e pelo egoísmo, alguns comportamentos nos indicam que nem tudo está perdido.

Ainda que passageiro, David Luiz - valente, charmosos, bom moço – apareceu como um modelo, uma ilusão que torna mais real o mundo de nossos sonhos.

Capítulo 20

Copa SADIA

André Melo Mendes
Juliana Ferreira

NO FINAL DE MAIO DE 2014, a apenas duas semanas do início da Copa do Mundo, causou certa surpresa a ausência do verde e amarelo pelas ruas do país. Mais de meio século depois, um dos eventos mais esperados pelo nosso povo voltou a ser realizado no Brasil, mas grande parte da população e do meio empresarial não aderiu explicitamente ao clima eufórico, mesmo nas cidades que sediariam os jogos.

Parte dessa hesitação se deveu ao fraco desempenho do escrete canarinho ao longo dos últimos anos. Verdade seja dita, há tempos não conseguimos repetir o belo futebol pelo qual gostamos de ser reconhecidos, e as recentes conquistas não foram suficientes para empolgar o exigente torcedor brasileiro. A postura antipática e prepotente da FIFA na organização do evento contribuiu para diminuir o nosso envolvimento.

Por fim, a desconfiança também pode ser creditada ao fantasma das manifestações ocorridas durante a Copa das Confederações, em junho de 2013, que assombrou os preparativos do Mundial até o último dia. Muitas empresas que sofreram atos de vandalismo naquele período de protesto hesitaram em assumir seu apoio ao evento com medo de novas represálias. Mesmo os patro-

cinadores oficiais optaram pela discrição ao divulgar suas campanhas vinculadas à Copa, apelando para diversas estratégias a fim de compreender como estava o "humor" do brasileiro. Nos bastidores havia um forte sentimento de apreensão devido à elevada soma de dinheiro investida.

MOSTRA SUA FORÇA, BRASIL!

Para a alegria dos patrocinadores, empresários do ramo hoteleiro e comerciantes, as ameaças de protesto não se concretizaram. Após a estreia vitoriosa do Brasil, as ruas se encheram de alegria e otimismo, o que estimulou as marcas a veicularem suas campanhas relacionadas para a Copa do Mundo. De um modo geral, elas apostaram na imagem de um país unido em nome do futebol, a paixão nacional, dando ênfase ao orgulho de ser brasileiro e à expectativa de nos tornarmos novamente campeões, dessa vez, na nossa casa. Essa ideia pôde ser vista, por exemplo, no jingle criado pelo Banco *Itaú*, no qual dois importantes artistas da música brasileira, Fernanda Takai e Paulo Miklos, enalteceram a torcida e apoiaram o time cantando: "Mostra tua força, Brasil, e amarra o amor na chuteira, que a garra da torcida inteira vai junto com você, Brasil". No comercial apareciam também outros cantores, ídolos do esporte, atores globais e pessoas comuns cantando a mesma música.

Outros patrocinadores preferiam dar destaque a craques como Cristiano Ronaldo e Messi. Daniel Alves, Neymar e David Luiz foram os "escalados" para representar nossa seleção nas propagandas da *Nike* e da *Adidas*, enquanto o *Itaú* aproveitou para consolidar sua marca junto aos turistas de toda a América. A *Coca-Cola* seguiu seu slogan "A copa de todo mundo" juntando Gaby Amarantos, Monobloco e David Correy, artistas de cores e estilos diversos, para divulgar sua mensagem. Em todas as peças, o tom épico e a evocação de sentimentos de união e alegria predominaram. A propaganda da Sadia foi um caso à parte.

JOGA PRA MIM!

Diferente dos outros patrocinadores que focaram no "povo brasileiro", um conceito mais geral, a *Sadia* optou por destacar as crianças brasileiras que ainda não haviam visto o país ser campeão mundial de futebol. Além disso, foi a única empresa na mídia tradicional a apresentar uma propaganda de apoio após a derrota acachapante para a Alemanha na semifinal.

Segundo Andrea Napolitano, diretora de marca e inovação da *BRF* (Brasil Foods, associação entre *Perdigão* e *Sadia* desde 2009), o conceito da comunicação da *Sadia* para a Copa se baseou em "uma visão única sobre o tema, mostrando que nem todos os brasileiros já vivenciaram a emoção de ver o Brasil campeão". A empresa apostou que essa escolha possibilitaria destaque entre os anunciantes, o que de fato aconteceu, já que a propaganda figurou entre as cinco mais lembradas da Copa. Segundo os dados da *Millward Brown*, o comercial, criado pela *F/Nazca Saatchi & Saatchi*, foi lembrado por 71% dos entrevistados, que a classificaram como original e positiva[1].

Não é nenhuma novidade no mundo publicitário que propagandas com crianças e cachorros têm uma alta taxa de recall. Entretanto, não foi apenas esse detalhe o responsável por fazer a campanha da *Sadia* memorável. Durante 32 segundos, embalado pelo slogan "Joga Pra Mim", diversas crianças pediam à seleção canarinho que se esquecesse dos adultos e se concentrasse em ganhar o hexacampeonato para que eles pudessem ter a primeira experiência de ver/sentir o Brasil ganhar.

Com a saída de Neymar da seleção, após uma lesão na coluna na partida contra a Colômbia[2], a marca viu uma oportunidade de dar mais visibilidade ao slogan. Jogadores do time brasileiro, como Marcelo, Willian e David Luiz, postaram em suas redes sociais uma foto do camisa 10 rodeado pelos companheiros com a seguinte legenda: #jogapraele. No dia seguinte, Neymar agradeceu às mensagens de apoio e pediu que todos jogassem por ele, lançando a hashtag #jogapramim. Curiosamente, a mesma da propaganda da Sadia. Não era apenas coincidência. A ação foi patrocinada pela empresa, que viu a estratégia funcionar. Uma hora depois que Neymar fez a publicação, já havia mais de dois milhões de curtidas e 100 mil compartilhamentos no Facebook.

A PRIMEIRA VEZ A GENTE NUNCA ESQUECE

Depois do apito final do árbitro mexicano que sacramentou a nossa maior derrota em Copas do Mundo, os patrocinadores adotaram estratégias distintas. O *Itaú* retirou do ar sua mensagem de otimismo naquele mesmo dia enquanto

1. Disponível em: < http://revistabrf.com.br/consumidor-atesta-originalidade-de-campanha-da-sadia/>. Acesso em: 09 de agosto de 2014.

2. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

a *Adidas* pareceu não se importar muito com o fato, mantendo a peça em que Daniel Alves (à época, reserva da equipe) provocava Messi. No dia seguinte, as mensagens de apoio das propagandas do início dos jogos foram trocadas por comerciais em que não mais faziam referência à disputa – o Itaú, por exemplo, apresentou uma peça sobre seu aplicativo para celular durante a semifinal entre Argentina e Holanda. A Sadia escolheu outro caminho.

Usando imagens da propaganda anterior, substituindo a fala das crianças por uma narração em off, a Sadia lançou a campanha #tamojuntinho, na qual uma voz masculina com ar paternal consolava as crianças ao mesmo tempo em que prometia um futuro com mais títulos. A narração era a seguinte: "A primeira bandeira na janela. O primeiro muro pintado. A primeira camisa da sorte. A primeira virada épica. O primeiro gol inesquecível. A primeira comemoração na rua. Valeu a pena torcer. E se não deu pra papar mais um título agora, nossa torcidinha tem tempo pela frente pra ver o sexto, o sétimo, o oitavo títulos. Quem tem alma de criança nunca perde por esperar. Seleção, tamo juntinho". Enquanto as outras marcas pareciam "ter nos abandonado", sem se preocupar com o orgulho nacional em frangalhos, espalhado pelo chão, a impressão que o comercial da Sadia provocou foi de que ela se importava e queria nos ajudar a juntar os cacos e a seguir em frente – ponto para a *F/Nazca Saatchi & Saatchi*.

Do ponto de vista retórico, podemos dizer que a primeira campanha foi baseada na fala dos pequenos, já a segunda foi marcada por uma voz em off, com a interpretação da marca sobre o fracasso da seleção. Essa pequena mudança é muito significativa porque a voz das crianças, uma voz da "inexperiência", é substituída por uma voz "experiente" que assume um lugar de autoridade. Essa campanha dialoga com outra, da Seagran (1973), na qual um menino branco, loiro e de olhos azuis, o "típico" brasileiro, encara a câmera, mudo, enquanto um narrador explica em off a posição (responsável) da empresa em relação ao consumo de bebidas. Em ambas as propagandas, a voz masculina se apresenta como aquela que tem poder para explicar ao espectador o certo e o errado.

OUTRAS COPAS VIRÃO

O discurso veiculado pela empresa de Santa Catarina apelou para um conjunto de consensos facilmente identificáveis, dos quais o mais conhecido é o "mito da primeira vez a gente nunca esquece". Este valoriza e destaca o caráter

singular da experiência inaugural, dando ênfase aos aspectos positivos de esses garotos terem vibrado pelo seu país e assistido ao espetáculo da Copa.

Ao mesmo tempo em que lançou essa "nova" peça publicitária, a Sadia publicou em seu site que o sonho do hexa não havia morrido e que acreditava na redenção da nossa equipe nos próximos campeonatos. Ao associar a marca à possibilidade de redenção do Brasil em um futuro próximo – a próxima copa (ou a outra, ou a seguinte – quem saberá?) – a Sadia adota um discurso de esperança, o que faz muito sentido, já que tem um contrato de patrocínio com a Fifa até 2022. A posição apela para a ideia de que *no fim tudo dá certo e, se não deu certo agora, é porque não chegou ao fim*. O argumento pode ser também percebido em grande parte das propagandas veiculadas durante a Copa, e pertence ao que se costuma chamar de Paradigma Humanista Eufórico, cuja característica principal é a afirmação dos valores humanistas, celebrando o homem e sua potência, a vida, a nobreza do povo e a beleza do mundo que pode ser encontrada nos momentos mais banais.

Apelar para o valor da experiência de ver/sentir seu país campeão mundial está diretamente ligado à tendência da publicidade contemporânea em enfatizar a importância de um "consumo da emoção", próximo ao que foi defendido pelos românticos do século 19. Estes europeus ensimesmados sustentaram que uma experiência singular permitiria ao ser humano conhecer melhor a realidade e a si mesmo, além de proporcionar prazer estético. Como afirma Lívia Barbosa, a partir das ideias de Colin Campbell, na contemporaneidade "o desejo dos consumidores é experimentar na vida real os prazeres veiculados na imaginação" (BARBOSA, 2004, p.53). O discurso veiculado pela *Sadia* defendeu que a experiência de ver pela primeira vez o Brasil vencedor significava a possibilidade de as crianças entrarem em contato com sensações singulares e importantes na sua formação, assim como foi para seus pais.

Ao adotar uma estratégia elaborada e ousada, aceitando a derrota e projetando uma vitória no futuro, a *F/Nazca Saatchi & Saatchi* contribuiu para melhorar o moral do povo brasileiro ao mesmo tempo em que projetou a marca do seu cliente sobre as outras. Não há dúvida de que a Sadia saiu da Copa do Mundo com sua imagem mais fortalecida.

PARTE 6

PARADOXOS DA TORCIDA BRASILEIRA

BRASILEIRO COM MUITO ORGULHO, COM MUITO AMOR?

APÓS O APITO FINAL que deu o título de tetracampeã mundial de futebol para a seleção da Alemanha, abordagens mais amplas a respeito do acontecimento Copa do Mundo puderam ser feitas a partir do acompanhamento do evento ao longo de cerca de um mês. Leandro Lima se debruçou sobre as performances – muitas vezes contraditórias - da torcida brasileira em **Com muito orgulho e amor, o paradoxo torcedor**, que parte de uma análise do comportamento das torcidas nos jogos da Copa 2014 para traçar uma espécie de geopolítica dos sentimentos envolvidos no futebol.

Já **Alemães, os heróis da Copa** recorta a relação do torcedor brasileiro com a seleção campeã, na tentativa de compreender os valores, normas e sentidos implicados na forma como o jogadores da Alemanha conquistaram a torcida brasileira. Maíra Lobato percebe uma exaltação da cultura alemã que passa ao mesmo tempo por uma desvalorização da cultura brasileira em uma renovação do chamado complexo de vira-lata.

A brasilidade (ou a falta dela) na abertura e encerramento da Copa do Mundo é onde Rodrigo Portari evidencia o tensionamento da cultura

brasileira em relação ao formato de um evento como a Copa do Mundo. Recuperando alguns aspectos da Cerimônia de Abertura da Copa para completar as representações dadas ao torcedor em seu Encerramento, Portari discute como a identidade brasileira se apresentou nestas festas de início e fim.

A performance dos brasileiros nas arquibancadas é o tema de **A Copa das Vaias**, de Maíra Lobato. Voltado para as formas como a então presidente do Brasil, Dilma Roussef, foi hostilizada pela maioria da torcida em suas aparições públicas na Copa do Mundo, o artigo discute como, em uma ano de eleição presidencial, o acontecimento Copa pôde ser aproveitado como discurso político e reverberar em outras instâncias para além da esportiva.

Capítulo 21

Com muito orgulho e amor, o paradoxo torcedor

Leandro Augusto Borges Lima

UMA COPA DO MUNDO é definida como tal pela presença de países dos cinco continentes que compõem a divisão geopolítica atual do planeta. O mundo já se viu dividido de diversas formas a depender de guerras, imbróglios territoriais, embates econômicos, noções de nação e pertencimento étnico, dentre outros, e estas divisões refletiram também na composição das Copas. Um clássico exemplo disso no âmbito boleiro é a antiga União Soviética que já participou como uma seleção unificada. Contudo, desde o fim da guerra fria, a URSS se dissipa em vários países em que cada um possui uma seleção, muitas delas presentes em Copas do Mundo. Em 2014, Bósnia e Croácia foram os adolescentes dentre as 32 seleções, já que ambos passaram na década de 90 por processos separatistas e guerras civis.

A Copa do Mundo, em sua diversidade, reflete também determinadas rusgas de ordem social. É o momento em que o "terceiro mundo" pode ganhar do "primeiro mundo", como ocorreu com Brasil, Argentina e Uruguai. É a hora em que pequenos países podem se impor contra grandes nações, como foi a Costa Rica em 2014. É um dos raros momentos em que os Estados Unidos da América se conformam - por enquanto - a não serem vistos como favoritos,

como os mais poderosos. O imponderável do futebol permite que essas coisas aconteçam. Que a Argélia quase tire a futura campeã Alemanha do páreo, ou que no grupo da morte a Costa Rica seja a mais mortal das seleções, eliminando três campeãs do mundo. Que Nigéria chegue às oitavas de final, que uma financeiramente instável Grécia passe pela primeira vez da fase de grupos e seus jogadores doem sua renda para o incentivo do futebol em seu país.

Nesse contexto multiétnico, a torcida brasileira tem um curioso comportamento. Como os maiores campeões do mundo no futebol, adotamos as seleções de menor porte e força dentro dos estádios. Na Copa das Confederações de 2013 o fenômeno já surgia com o apoio incondicional da torcida à carismática seleção taitiana, que pouco poderia fazer contra a poderosa Espanha. Já em 2014 a Costa Rica foi a primeira seleção nanica a ser adotada com paixão pelos brasileiros, após uma vitória de virada sobre os uruguaios, que seria seguida de uma vitória contra os italianos e um empate com os já eliminados ingleses. Argélia, Irã e Japão foram outros países agraciados com o apoio da torcida. Não raro, em qualquer duelo o time tido como mais fraco recebia este apoio.

As seleções sul-americanas também foram alvo de apoio dos brasileiros, em especial nos jogos que enfrentavam seleções europeias de primeira grandeza. Colombianos em especial ganharam a admiração dos brasileiros por terem uma torcida muito animada e que fez bastante festa nas cidades-sede. O Chile foi outro time que ganhou destaque, especialmente por apresentar um futebol superior ao espanhol, tidos até então como o modelo de futebol a ser seguido e temido, mesmo após a vitória brasileira na Copa das Confederações de 2013.

A relação dos brasileiros com os torcedores de modo geral foi extremamente bem vista pelos veículos de mídia internacional, como outras análises deste livro mostram. Foram proporcionalmente poucos relatos de confusão, dentro da média esperada para um megaevento, e que não foram capazes de obnubilar a receptividade calorosa típica do povo brasileiro. Foi dito na mídia que o Brasil até que enfim encontrava sua latinidade, por vezes esquecida pela barreira do idioma. Os modos de torcer e viver dos nossos vizinhos continentais muito espelham os nossos. Os sul-americanos foram os reis do improviso, se hospedando nas ruas, nas rodoviárias, em acampamentos. Viajaram longas distâncias de carro, trouxeram suas bebidas e comidas e levaram de lembrança algumas multas. Participaram também de uma ou outra confusão, como a briga de garrafas entre argentinos e brasileiros na Savassi, em Belo Horizonte, e a tentativa de invasão dos chilenos no Maracanã.

Entretanto o tal lampejo de latinidade brasileira parece não ter passado disso, um lampejo de amabilidade quanto ao estrangeiro que se dissipa no momento em que o outro é nosso rival.

Brasil e Chile, oitavas de final no Mineirão em Belo Horizonte. O hino chileno ficou quase inaudível graças às mal educadas vaias dos mineiros. A simpatia pelo Chile na fase de grupos foi logo esquecida quando este se tornou nosso rival e estava no caminho para o hexa canarinho, com relatos de chilenos sendo agredidos verbalmente em algumas cidades. Alguns dias depois, Brasil e Colômbia pelas quartas de final, um dos raros bons jogos da seleção brasileira naquela Copa do Mundo. No segundo tempo, uma falta de jogo: Zuñiga fez uma dura entrada nas costas de Neymar, com o joelho, que tiraria o craque brasileiro dos próximos jogos com uma pequena lesão na coluna[1]. O colombiano foi eleito de pronto como o vilão da nação, e rapidamente comentários de cunho racista proliferaram nas redes sociais, em especial no Twitter e no Instagram. Sua filha de cinco anos chegou a ser ameaçada de estupro por torcedores revoltados com o jogador. Novamente, o amor nutrido pelos fraternos continentais nas rodadas anteriores se esvai quando são uma pedra no caminho e, pior, quando um lance de jogo tira de campo e da Copa o principal jogador do Brasil.

Para cada jogo em que a torcida brasileira apoiava incondicionalmente os países sem tradição no futebol, havia um em que seu comportamento era vexaminoso ou, no mínimo, estranho. De vaias à Presidente Dilma aos fatos supracitados, a torcida parecia se comportar de maneira mais uniforme apenas num sentido: Argentina, jamais. Após a derrota para a Alemanha, em especial, veículos de mídia pelo mundo apontavam o temor dos brasileiros de ver a Argentina campeã do mundo no Brasil, os tais eternos rivais (se é que o são mesmo, como discutimos em outro texto deste livro[2]). Com a formação de uma final Alemanha x Argentina, o torcedor brasileiro pareceu entrar num estranho paradoxo. De um lado a equipe que impôs ao Brasil sua maior derrota na história do futebol. Do outro, os ousados hermanos que acreditam em Maradona como o maior do mundo e tratam mal torcidas adversárias em jogos da Libertadores da América, nossos jurados inimigos futebolísticos (ou ao menos é o que sempre nos disse Galvão Bueno).

---

1. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

2. Ver LIMA, Leandro. Capítulo 26: *Decime lo que siente: a experiência do acontecimento Copa do Mundo em Buenos Aires*, nesta obra (Parte 7).

Ingressos comprados, uma Copa em seu país, era o momento do torcedor fazer alguma escolha para o momento máximo do futebol, a final da Copa do Mundo. Torcer para um dos dois, torcer para nenhum? Das 32 seleções de diversos continentes, chegam à final uma europeia e uma sul-americana. Existia até um tabu: nenhuma seleção da Europa havia ganho uma Copa do Mundo fora de seu continente até então. Torceríamos para a seleção mais fraca? Impossível, não há essa opção num duelo com duas campeãs mundiais. Torcemos contra o "primeiro mundo" em prol da latinidade? "Mas ora, são argentinos ali! Nossos rivais!" é o que muitos esbravejaram naqueles dias. Ou vamos torcer para os alemães que, carismaticamente, disseram que jamais deixariam a Argentina ganhar uma Copa no Brasil, que entenderam a dor que seria este título ao brasileiro, talvez até maior que os sete gols (fora o baile) sofridos dias antes.

Foram dias curiosos, ainda que os argumentos não variassem muito: por um lado, a ojeriza a quem torcia pela argentina, visto como traidor da pátria. De outro, a gozação internacional quanto aos "bons perdedores" que optavam por torcer para a Alemanha apesar dos pesares. E ainda neste entrevero, uns bradavam que só torceriam pelo Brasil mesmo e acompanhariam a final unicamente pelo espetáculo, outros praguejavam que a culpa era da Dilma e do PT[3], uns assumiam seu ímpeto por torcer contra a seleção canarinho, e havia ainda os que apelavam para argumentos mais amorosos; "sempre torci para a Alemanha/Argentina", pelos motivos mais diversos. Este que aqui escreve teve uma alegria imensa ao ver ao vivo suas duas seleções favoritas disputando pela terceira vez uma final de Copa do Mundo, sendo que o primeiro duelo foi no ano em que nasceu, 1986, e o segundo quatro anos depois.

Numa Copa do Mundo de cinco continentes e 32 seleções, que mobiliza olhares e corações de bilhões de torcedores, tivemos ao fim o embate entre as duas mais tradicionais e fortes escolas de futebol, a europeia e a sul-americana. O eterno embate entre "ricos" e "pobres" da geopolítica nacional se repete com frequência no certame, e desta vez o tabu foi quebrado com o tetra alemão. O torcedor brasileiro, aparentemente com muito orgulho e muito amor, foi algo de paradoxal, algo de imponderável ao longo do campeonato inteiro, e a final refletiu este impasse comportamental que houve dentro e fora de campo.

3. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 30: *A Culpa é do PT*, nesta obra (Parte 8).

Capítulo 22

Alemães, os heróis da Copa

Maíra Lobato

FOTOS COM CRIANÇAS CARENTES, índios, ou vestindo a camisa de clubes brasileiros como o Bahia e o Flamengo. Assim, os jogadores da seleção da Alemanha chutaram de vez o estereótipo de frios e antipáticos. Durante a Copa do Mundo no Brasil eles demonstraram ser fãs incondicionais da cultura brasileira. Mesmo depois da acachapante goleada de 7 x 1 sobre o Brasil, os alemães postavam nas redes sociais o quão o país da bandeira verde amarela é lindo e sua seleção importante e digna de orgulho. E mais, levaram a cobiçada taça da Copa do Mundo diante dos argentinos. Viraram heróis nacionais!

A seleção alemã ficou hospedada por 35 dias em Santo André, distrito de Santa Cruz Cabrália, no sul da Bahia. Assim que deixaram as malas no complexo construído especialmente para eles, revelaram ter se rendido às belezas do litoral baiano. A comunidade no entorno foi recebida sem reservas, sobretudo, durante os passeios pela praia. Autógrafos e fotos eram solicitados aos montes, e todos prontamente atendidos.

A Alemanha já era favorita e seu futebol considerado como um dos destaques do mundial. Mas após a vitória contra o Brasil nas semifinais, os alemães foram ainda mais elogiados e considerados heróis. O comportamento dos jogadores e as mensagens direcionadas aos brasileiros em relação à derrota, divulgadas na internet, tiveram um papel importante nesse processo. Mesmo os

brasileiros, que em tese, devido ao resultado do jogo, teriam razões de sobra para não ter muita simpatia pela seleção germânica, começaram a considerá-los um bom exemplo em todos os aspectos. Bons exemplos de educação, de espírito esportivo, de solidariedade, de respeito pelo adversário, etc.

Várias matérias nos jornais e portais de notícias na internet começaram a repercutir e reforçar a simpatia dos brasileiros pelos alemães. Em uma matéria publicada no portal *UOL*, com o título "Jogadores alemães mandam mensagens de consolo para o Brasil após 7 x 1"[1], o início do texto já enfatiza o destaque dos alemães neste sentido. O trecho "Os alemães vêm se destacando na Copa do Mundo não apenas pelo futebol, mas pelas demonstrações de carinho e amor ao Brasil e suas belezas naturais" deixa bem claro este aspecto.

O site do Estadão, por meio de uma matéria da agência Reuters, também destaca o sucesso dos alemães. O título "Alemães são recebidos como heróis na concentração na Bahia"[2] e as falas dos brasileiros entrevistados na matéria apontam para como a seleção alemã estava sendo aplaudida no Brasil e tendo um desempenho considerado exemplar.

Essa admiração foi sendo construída com o desenrolar do acontecimento Copa do Mundo e com o desempenho das seleções que disputavam o mundial. É interessante perceber que mesmo em um contexto de competição entre times, valores como a solidariedade, o respeito, a humildade e a cordialidade emergiram a partir da relação entre as torcidas. Este ponto nos traz a seguinte reflexão: a que se deve essa grande simpatia e admiração pelos jogadores da Alemanha? Seria essa ênfase resultado de expectativa frustrada de que eles seriam mais frios? O imaginário cultivado pela cultura latina é de que os alemães são frios, sérios, sisudos. E de repente, durante a Copa do Mundo, o que se observou foi uma postura diferente desta expectativa. Talvez, por surpreender o que se esperava, a seleção alemã ganhou tamanho destaque em relação à simpatia de seus integrantes.

Outra análise possível é que exaltar tanto uma seleção com desempenho esportivo superior ao da seleção brasileira pode ser uma tentativa de justificar

---

1. "Jogadores alemães mandam mensagens de consolo para o Brasil após 7 x 1". Portal UOL, 9 de julho de 2014. Disponível em http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/09/jogador-alemao-podolski-manda-mensagem-de-consolo-para-o-brasil.htm Acesso em 27 de agosto de 2014.

2. "Alemães são recebidos como heróis na concentração na Bahia". Site do Estadão, 9 de julho de 2014. Disponível em http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,alemaes-sao-recebidos-como-herois-na-concentracao-na-bahia,1526001 Acesso em 27 de agosto de 2014.

e explicar uma derrota da seleção verde amarela, tal como foi. Muitos dos comentários observados nessas matérias sobre a seleção alemã nos mostram como o brasileiro, muitas vezes, tem uma baixa estima e uma tendência de valorizar e exaltar tudo que vem de países considerados mais desenvolvidos, principalmente europeus e norte-americanos. Em um dos textos publicado na coluna do jornalista e blogueiro Ricardo Setti no site da *Veja*, o comentário a seguir demonstra bem este ponto:

> Ainda bem que perdemos de uma seleção educadíssima, que não deitou e rolou com a vitória. Qualquer outra teria arrasado com o resto de dignidade que ainda tínhamos. Deu-nos uma lição de civilidade, humanismo, solidariedade, compaixão e humildade, virtudes essas que andam faltando nestes pagos, principalmente em certos políticos que nos governam. O ufanismo com que se entrou nesta Copa deu lugar ao senso de realidade, em que se pôde perceber claramente que o nosso futebol já era. E há muito tempo! Só a CBF e interessados não viram (Site da *VEJA*, 2014)[3]

Esse discurso de exaltação dos alemães também evidencia um discurso de desvalorização do Brasil e de ênfase nos problemas econômicos, políticos e sociais do nosso país. Os comentários observados nas redes sociais e nas próprias matérias publicadas nos portais mencionam o quanto "a educação dos alemães é exemplar"; "o PIB da Alemanha é superior"; "a qualidade de vida no país deles é superior ao Brasil"; "a saúde na Alemanha é melhor"; etc. Um dos leitores fez o seguinte comentário no site da Veja: "O futebol alemão representa o nível do país deles. Assim como o futebol brasileiro representa o nível deste país. O resultado de hoje é óbvio se levar em conta essa disparidade de técnica e preparação"[4]. Outro leitor, no mesmo site, afirma que a Alemanha.

> Hoje, têm um PIB invejável, têm educação e respeito, têm um sistema de saúde invejável, e são uma nação que muito ajuda no equilíbrio

3. "Os jogadores alemães, já queridos no Brasil por sua simpatia durante a Copa, mostram respeito e carinho pelo país e pela Seleção". Site da Veja, 10 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/os-jogadores-alemaes-ja-queridos-pelo-brasil-por-sua-simpatia-durante-a-copa-mostram-respeito-e-carinho-pelo-pais-e-pela--selecao/ Acesso em 27 de agosto de 2014.

4. "No maior pesadelo do futebol do Brasil, Alemanha faz 7 x 1". Site da Veja, 8 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/no-maior-pesadelo-do-futebol-brasileiro-alemanha-faz-7-a-1 Acesso em 27 de agosto de 2014.

> financeiro da Europa. Porquê. Porque são disciplinados. Tudo que entendemos foi que a seleção alemã não quis fazer mais gols. Não têm esse caráter essa atitude de humilhar ninguém. Seleção alemã, não só os admiramos, respeitamos, mas também torceremos por vocês nessa final. (Site da *VEJA*, 2014)[5]

Até mesmo o futebol, algo que os brasileiros têm orgulho de dizer que detêm o melhor do mundo, entrou na comparação com os alemães. O futebol da seleção verde e amarela passou a ser considerado ultrapassado e desorganizado, contrastando com a disciplina e a eficiência da Alemanha. Historicamente, a habilidade, o gingado e o improviso sempre foram alardeados como os grandes diferenciais do futebol brasileiro. Próprio da cultura do brasileiro, o conhecido jeitinho também se relacionava com o esporte. Não é a toa que o país é conhecido como a "Pátria de chuteiras". Entretanto, o revés frente aos alemães colocou em cheque até as características que outrora eram cultuadas no Brasil. No comentário a seguir fica bem claro este aspecto:

> De um lado, trabalho sério, planejamento, competência e respeito. Do outro lado, desorganização, arrogância, incompetência, politicagem e "jeitinho". Essas foram as causas da vitória de um time e da derrota humilhante do outro. (Site da *VEJA*, 2014)[6]

As comparações entre Brasil e Alemanha não ficaram restritas apenas às questões futebolísticas. A diferença vista dentro de campo entre os times, se estendeu para questões sociais, políticas, econômicas, culturais e até mesmo de postura e comportamento da população. E a partir da observação dos comentários em relação a essas diferenças, emergem valores marcantes na sociedade brasileira, como a desvalorização do que é nacional, o sentimento de descrença com o país e de inferioridade em relação à cultura de países considerados de primeiro mundo.

---

5. "Os jogadores alemães, já queridos no Brasil por sua simpatia durante a Copa, mostram respeito e carinho pelo país e pela Seleção. Coluna Ricardo Setti, Site da Veja, 10 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/os-jogadores-alemaes-ja-queridos-pelo-brasil-por-sua-simpatia-durante-a-copa-mostram-respeito-e-carinho-pelo-pais-e-pela-selecao/ Acesso em 27 de agosto de 2014.

6. "Os jogadores alemães, já queridos no Brasil por sua simpatia durante a Copa, mostram respeito e carinho pelo país e pela Seleção". Coluna Ricardo Setti, Site da Veja, 10 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/os-jogadores-alemaes-ja-queridos-pelo-brasil-por-sua-simpatia-durante-a-copa-mostram-respeito-e-carinho-pelo-pais-e-pela-selecao/ Acesso em 27 de agosto de 2014.

Capítulo 23

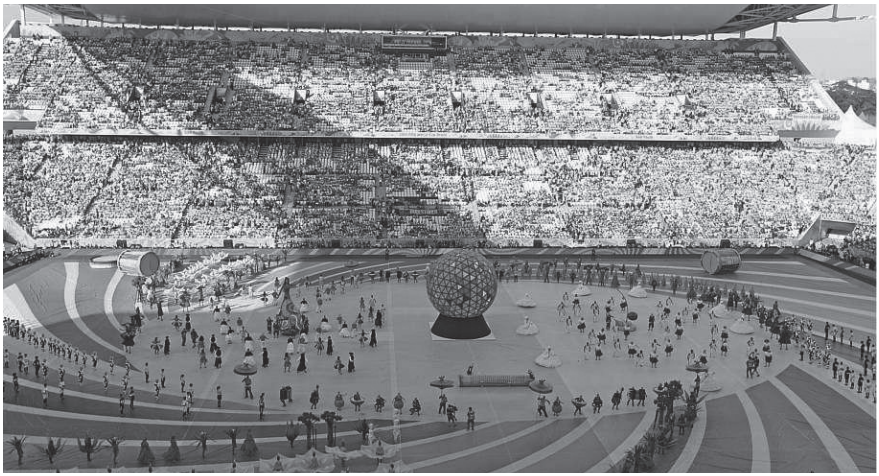
A brasilidade (ou a falta dela) na abertura e encerramento da Copa do Mundo

Rodrigo Portari

OS SHOWS MAIS ESPERADOS da Copa do Mundo são as cerimônias de abertura e encerramento da competição, quando, normalmente, espera-se um espetáculo à altura do acontecimento. Experiências de eventos anteriores fez com que o público brasileiro esperasse uma verdadeira "festa de arromba" especialmente na abertura, tida como o grande marco da competição e, principalmente, responsável por mostrar aspectos culturais e de identidade da nação ao mundo. No entanto, duas reações distintas foram percebidas nos dias 12 de junho – data da abertura – e 13 de julho – quando ocorreu o encerramento da competição. Enquanto a primeira foi amplamente criticada[1], seja pelo público ou pela mídia em geral, a última foi enaltecida como a verdadeira representação à altura do esperado para um país tido como multicultural, alegre e colorido.

1. Ver LARA, Eliziane. Capítulo 4: *Um grito na cerimônia de abertura*, nessa obra (Parte 2).

A ABERTURA DA COPA



Evento esperado por milhões de espectadores em todo o mundo, a abertura da Copa do Mundo do Brasil era recheada de expectativa que, no entanto, foi frustrada[2]. Pelo menos é a opinião do público em redes sociais e de boa parte da mídia.

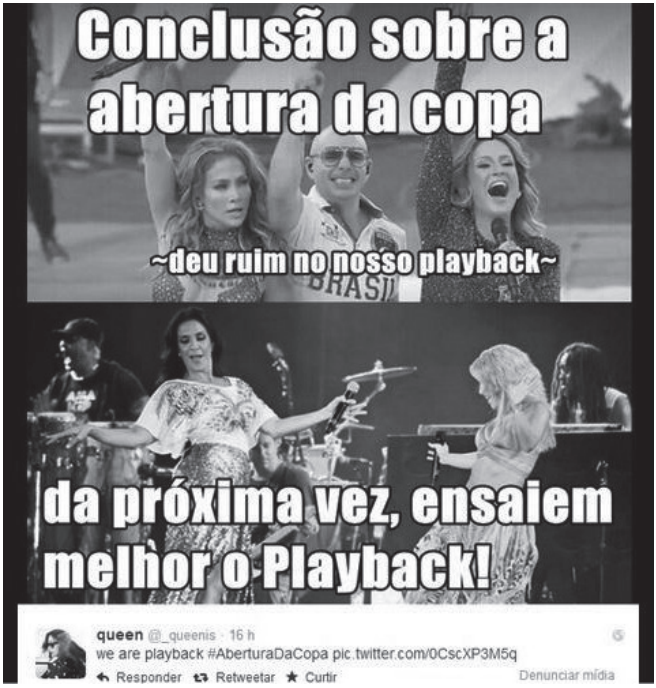
A cerimônia tinha todos os elementos para ser marcante: a confirmação de duas estrelas da música internacional, Pitbull e Jennifer Lopes (J-Lo), e da cantora brasileira Cláudia Leite. O trio foi o responsável por gravar a música-tema do evento nesse ano. Some-se a o espetáculo de cores e dança ocorrida na África do Sul no ano de 2010 que, naquele momento, reverberava na memória dos telespectadores.

Quando a encenação teve início, com as arquibancadas da Arena São Paulo contando com pouco público, o que se viu foi uma apresentação mais modesta em relação à sua antecessora. Ao centro do gramado uma bola de LED fazia diversas evoluções luminosas, enquanto bailarinos iniciavam suas evoluções. Foram necessários poucos minutos para que a reação nas redes sociais ocorresse, especialmente as comparativas e as queixas sobre o número reduzido de pessoas ou mesmo a falta de um fio-condutor para as apresentações que se seguiam, uma após a outra, sem uma sequência quer permitisse se construir uma história. Para agravar ainda mais esse quadro, uma plataforma que deveria içar os cantores convidados até ao palco para que pudessem entoar,

2. Ver LIMA, Leandro. Capítulo 6: *A bola fora do exoesqueleto*, nesta obra (Parte 2).

ao vivo, a música-tema, teve problemas, obrigando os artistas a saltarem um "degrau" criado entre a plataforma e o palco. No que diz respeito ao som, um atraso entre o microfone e as caixas de som passaram a sensação de que, na verdade, os artistas interpretavam a canção em "playback". O resultado foi uma sucessão de "memes" publicados na Internet rapidamente.

Sobre a abertura da copa:
@disneyironica
Prefiro não comentar...
nutrichristianearcari Fora Jlo, Claudia Leite e PitBull achei fraco demais!!!!
#aberturadacopa #naogostei #worldcup #muitofraco #Brasil #futebol #soccer
2 hours ago (Jun 13 2014 06:59:59) | Photo Filter: Normal


Conclusão sobre a abertura da copa
~deu ruim no nosso playback~
da próxima vez, ensaiem melhor o Playback!
queen @_queenis · 16 h
we are playback #AberturaDaCopa pic.twitter.com/0CscXP3M5q
Responder Retweetar Curtir
Denunciar mídia

E a reação dos portais de notícia e jornais não foi diferente acerca da cerimônia, como podemos observar em alguns exemplos:

À luz do dia, festa de abertura repete clichês e tem pouco impacto visual COMENTE

Mauricio Stycer e Fernando Duarte
Do UOL, no Rio de Janeiro e em São Paulo 12/06/2014 | 15h46 > Atualizada 13/06/2014 | 20h27

Futebol

Copa começou com festa morna (e xingamentos a Dilma)

A cerimônia de abertura foi acompanhada por um estádio parcialmente cheio – e o público só se animou quando Jennifer Lopez e Claudia Leitte apareceram

Giancarlo Lepiani

A partir dos exemplos acima, tanto dos memes como das notícias publicadas em portais na internet como *Uol*, *Veja* e do jornal espanhol *As*, percebe-se que a cerimônia não conseguiu agradar quem a acompanhou. Chama-nos a atenção, especialmente, a imagem comparativa entre as festas do "Bumba-Meu-Boi", Festa Junina, Carnaval do Rio de Janeiro e a abertura "Padrão Fifa", em uma sátira que demonstra, claramente, a falta de cores e da "alegria" tipicamente brasileira na festa promovida pela entidade. Essa falta de identificação e as críticas sucessivas ao show de abertura apresentam uma falta de identidade entre a expectativa e a realização dessa expectativa. Em outras palavras, faltou o "Brasil" na abertura.

Roland Barthes (1990), no texto "Retórica da Imagem", coloca-se a analisar um anúncio da marca Panzini (que vende massa de macarrão), a fim de entender o porque daquela peça publicitária causar tanta empatia entre seus receptores e, por conseguinte, consumidores. Assim, passa a observar todos os elementos

verbais e não-verbais capazes de criar tal identificação e a destacar a presença de elementos que remetem ao que ele chamou de "italianidade" da peça.

Assim, desde as cores cuidadosamente escolhidas que remetem à bandeira da Itália, como a disposição de elementos como cebolas, tomates, a cesta de feira, entre outros, o autor aponta que os receptores encontrarão naquela peça em específico, signos que se conectam, provocando significados que se associam entre si e faz com que o receptor encontre um "signo completo". Os ícones, símbolos e índices disponíveis na imagem se associam a objetos culturalmente conhecidos a ponto daquela peça publicitária traduzir o sentimento de pertencimento àquele contexto cultural.

Partindo da premissa de Barthes, podemos afirmar que a cerimônia de abertura não carregou consigo uma "brasilidade", agravada principalmente por uma música-tema cantada predominantemente em língua inglesa, com dois de seus intérpretes principais do exterior e uma montagem cênica que em nada lembrou as multicoloridas manifestações culturais brasileiras. Em um país considerado como um "caldeirão" de criatividade e cores, o espetáculo, provavelmente montado pensando na transmissão televisiva, fez com que receptores e mídia o considerassem "discreto" ou "morno". Consequentemente, as piadas e críticas foram inevitáveis.

O ENCERRAMENTO

Após a recepção negativa da abertura, o evento parece ter reencontrado o gosto do público brasileiro em seu encerramento. A cerimônia, em 13 de julho de 2014, trouxe ao estádio do Maracanã dois ícones musicais que, há muito, estão na "boca do povo" brasileiro: a cantora colombiana Shakira e a brasileira Ivete Sangalo. E o resultado foi o esperado: o show recebeu críticas positivas e muitos elogios tanto dos órgãos de imprensa quanto dos espectadores. É como se essa apresentação tivesse conseguido avivar a brasilidade daqueles que dispuseram suas horas para assisti-la. As manifestações nas redes sociais dão uma mostra dessa identificação alcançada no encerramento da Copa do Mundo.

13/07/2014 14:45:56 - **Atualizada às** 13/07/2014 17:10:36

Clima de Carnaval toma conta da cerimônia de encerramento da Copa

Show contou com a presença da bateria da Grande Rio, mestres-salas, portas-bandeiras e passistas; Artistas estrangeiros também se apresentaram

14/7/2014 às 00h15

Show de encerramento engrossa críticas à Claudia Leitte e Jennifer Lopez

Cerimônia agrada e internautas pedem Shakira em todas as copas

R7 Página inicial | Recomendar 9 | Tweetar 2 | g+1 3 | Pin it | RECEBA NOTÍCIAS NO SEU CELULAR | Texto: -A +A

As imagens acima são uma pequena amostragem de como o show de encerramento alcançou o sucesso entre o público brasileiro. A identificação com as estrelas, somados a um espetáculo onde o gramado esteve recheado de cores e com a presença de bateria de escola de samba, parece ter resgatado o sentimento de pertencimento dos brasileiros com o evento. E mesmo passados 31 dias entre os problemas da abertura e o último dia de competição, as comparações foram inevitáveis, fazendo com que aquele sentimento de "fiasco" pudesse ainda ecoar pelas redes e meios de comunicação.

CONSIDERAÇÕES

O que podemos perceber nos exemplos utilizados para a análise dos shows de abertura e encerramento é de que algo "faltou" no primeiro evento, enquanto o segundo conseguiu atender às expectativas da imprensa e do público brasileiro – quiçá do mundo.

É necessário lembrarmos que a Copa do Mundo é um grande acontecimento programado e que já é esperado a cada quatro anos pelos amantes do esporte. Como o campeonato é itinerante, espera-se que a cada abertura ou encerramento o público possa conhecer e se reconhecer culturalmente nas apresentações que são previamente preparadas e custam milhões à entidade organizadora, a Fifa.

As justificativas dos organizadores para o fiasco na abertura foi de que a produção foi preparada para ser televisionada e, portanto, utilizar-se das

técnicas de narrativa televisiva para dar conta dos espaços vazios no palco. Se essa foi a intenção, os produtores esqueceram da capilaridade midiática existente na atualidade, onde telefones celulares conectados à Internet também servem de palco para críticas e opiniões dos espectadores, que deixaram de ser meros consumidores de informação para se transformarem em produtores. E, nesse aspecto, quando algo é alvo de crítica, a rede social não perdoa: os "curtir" e "compartilhar" acontecem em uma velocidade praticamente imensuráveis.

Já para o evento de encerramento, a receptividade foi bem mais calorosa, apesar dos ecos da abertura ainda reverberarem ainda na memória dos receptores. Nesse aspecto, a escolha de cantoras, cores, coreografias e a presença de figuras carnavalescas reconquistaram esse público. A brasilidade se aflorou e se despontou, fez com que ocorresse a identificação e, portanto, os elogios à celebração do último dia da mais importante competição de futebol do planeta.

Capítulo 24

A Copa das vaias

Maíra Lobato

NO ENCERRAMENTO da Copa do Mundo 2014 no Brasil, a presidente Dilma Rousseff recebeu vaias e insultos nos momentos em que apareceu no telão do estádio do Maracanã e ao entregar a taça à seleção da Alemanha, campeã do mundial. Naquele momento, as vaias à presidente não eram exatamente uma novidade. Dilma já havia sido vaiada em outros momentos da competição, como por exemplo, na cerimônia de abertura[1].

O episódio das vaias, inicialmente é um acontecimento menor, parte de um grande acontecimento que é o jogo da final e a entrega da taça. Mas ao contrário do que ocorreu na cerimônia de abertura, no encerramento as vaias não provocaram tanta surpresa e nem suscitaram tantos comentários e críticas. Prova disso é que, no dia seguinte, as capas dos jornais *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* deram mais destaque a suada vitória alemã sobre os argentinos.

1. Ver análise sobre as vaias à presidente na abertura da Copa do Mundo em LOBATO, Maíra. Capítulo 5: *A Copa como uma lente de aumento*, nesta obra (Parte 2).

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 94 ★ SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2014 ★ Nº 31.148 EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA À 0H57 ★ R$ 3,00

TODOS OS CAMPEÕES DO MUNDO
- BRASIL 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002
- ITÁLIA 1934, 1938, 1982 e 2006
- ALEMANHA 1954, 1974, 1990 e 2014
- URUGUAI 1930 e 1950
- ARGENTINA 1978 e 1986
- INGLATERRA 1966
- FRANÇA 1998
- ESPANHA 2010

Alemães celebram após entrega da taça

Alemanha é tetra no Maracanã

★ SELEÇÃO ALEMÃ VENCE ARGENTINA POR 1 A 0 NA PRORROGAÇÃO E É 1ª EQUIPE EUROPEIA A TRIUNFAR NA AMÉRICA

★ MESSI, ELEITO MELHOR DA COPA PELA FIFA, TEM NOVA ATUAÇÃO APAGADA ★ DILMA É VAIADA AO ENTREGAR TAÇA

O GLOBO

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2014 ANO LXXXIX - Nº 28.581 *Irineu Marinho* (1876-1925) (1904-2003) *Roberto Marinho* RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

COPA 2014

Alemanha tetracampeã

GUSTAVO MENEZES

Festa alemã. A seleção tetracampeã do mundo celebra o título no Maracanã. O capitão Philipp Lahm ergue a taça. Atrás dele, à direita, o autor do gol, o meio-campo Götze, o jogador mais caro da Alemanha, comemora

Argentina é vice

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875 JULIO MESQUITA (1862 - 1927)

Segunda-feira 14 DE JULHO DE 2014 R$ 3,00 ANO 135 Nº 44058 EDIÇÃO DE 0H50 estadão.com.br

Recompensa. O capitão Lahm levanta a taça, confirmando o favoritismo da seleção alemã, que já havia eliminado o Brasil nas semifinais com goleada humilhante

ALEMANHA É TETRA

● Com gol na prorrogação, equipe confirma ser a mais competente ● Foi o primeiro título após 24 anos ● Capitão Lahm diz que 'mais vale ter o melhor conjunto que o melhor jogador' ● Messi, abatido, desdenha título de destaque individual

Com um gol já no segundo tempo da prorrogação, a Alemanha derrotou a Argentina por 1 a 0, no Maracanã, e ganhou o seu quarto título mundial. Tornou-se, assim, a primeira seleção europeia a vencer uma Copa do Mundo na América. O autor do gol, Mario Götze, entrou no jogo no final do segundo tempo, em substituição a Klose, o novo recordista de gols marcados em copas, deslancando Ronaldo Fenômeno. O capitão alemão Philipp Lahm disse que "mais vale ter o melhor conjunto do que os melhores jogadores". Eleito destaque da competição, o argentino Lionel Messi, abatido, afirmou que "ser o melhor da Copa e não levar o título não tem importância para mim". O colombiano James Rodríguez foi o artilheiro.

MÁRIO GÖTZE, ARTILHEIRO DA FINAL
"Você chuta e vê o que acontece"

JOSÉ ROBERTO DE TOLEDO
Volta às aulas
No Brasil, todo torcedor soube, sabe e saberá diferenciar futebol de política. POLÍTICA / PÁG. A3

VERÍSSIMO
A última
Uma seleção só representa a si mesma e os erros de quem a comandou e treinou. PÁG. E3

Luiz Felipe Scolari não é mais o técnico da seleção

Luiz Felipe Scolari não é mais o técnico da seleção brasileira. No sábado, depois da derrota para a Holanda pela disputa do 3º lugar na Copa, Felipão havia dito que, conforme acordo prévio com a CBF, colocaria o cargo à disposição. Ontem à noite, a demissão teria sido aceita. Segundo o assessor do treinador, ele ainda não tinha sido informado da decisão. ESPORTES / PÁG. D8

Dilma leva vaia de novo

Mesmo com um esquema para proteger-la, Dilma Rousseff foi vaiada e xingada pela torcida. Ela fazia com a taça por 3 segundos, antes de entregá-la ao capitão alemão, Lahm. POLÍTICA / PÁG. A4

Copa deixa legado menor e mais caro que o prometido

A Copa do Mundo deixa um legado de infraestrutura menor e mais caro que os R$ 33 bilhões previstos em 2010. Dos 83 projetos de mobilidade, estádios, portos e aeroportos, 71 foram mantidos, mas alguns simplificados. O gasto foi de R$ 29,2 bilhões, informam Lourival Sant'Anna e Marina Gazzoni. METRÓPOLE / PÁG. A12

Aos 113 minutos

Gol da Alemanha, Mario Götze, sobe mais que Garay

Contudo, mesmo numa escala menor que o registrado na abertura da Copa do Mundo, os insultos à presidente Dilma fizeram parte das matérias que contavam a história da decisão. Até porque, as vaias já eram previstas. Alguns dos principais portais do país estampavam em suas páginas iniciais as manchetes: "Em meio a festa, parte do público vaia Dilma na entrega da taça da Copa" (Portal *Folha de S. Paulo*)[2]; "Na hora da taça, aplausos a campeões e ofensas a Dilma" (site da revista *Veja*)[3]; "Dilma recebe vaias no Maracanã ao entregar taça à Alemanha" (portal *G1*)[4].

2. "Em meio a festa, parte do público vaia Dilma na entrega da taça da Copa". Portal Folha de São Paulo, 13 de julho de 2014. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1485394-dilma-e-vaiada-ao-entregar-taca-da-copa-para-alemao.shtml Acesso em 27 de agosto de 2014.

3. "Na hora da taça, aplausos a campeões e ofensas a Dilma". Site da Veja, 13 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/na-entrega-da-taca-aplausos-aos-campeoes-e-vaias-a-dilma Acesso em 27 de agosto de 2014.

4. "Dilma recebe vaias no Maracanã ao entregar taça à Alemanha". Portal G1, 13 de julho de 2014. Disponível em http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/07/dilma-recebe-vaias-no--maracana-antes-de-entregar-taca-alemanha.html Acesso em 27 de agosto de 2014.

Essa ênfase observada no enquadramento dado pelas manchetes das notícias dos portais aponta para um contexto maior no qual se insere a Copa do Mundo realizada no Brasil. Julho era o mês que terminaria a segunda Copa do Mundo realizada no Brasil e, simbolicamente, seria também a largada para outro grande acontecimento previsto para o país em 2014: o pleito que escolheria novos deputados estaduais e federais, governador, senador e presidente.

A cada aparição da presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff durante o torneio da FIFA, seja nos telões nos estádios por onde passou ou na mídia, a disputa eleitoral era convocada como pano de fundo. Mas eram nos estádios que tal convocação era mais evidente, afinal, parte dos torcedores que notava sua presença na área de autoridades não pensava duas vezes em vaiá-la e/ou gritar insultos. O comportamento da torcida demonstrava insatisfação com a gestão de Dilma e, porque não, convocava também à lembrança a onda de protestos que avançou pelo país há, praticamente, um ano[5].

É interessante perceber como os acontecimentos criam um encadeamento de sentidos e estabelecem diversas relações. Não há como analisar as vaias à presidente Dilma de maneira isolada, desprendida de outros acontecimentos. As aparições de Dilma durante o mundial foram noticiadas, enfatizadas ou não pela mídia, e comentadas pelas pessoas, com aprovação ou crítica, sempre com vistas ao futuro que se aproximava e trazia as eleições. Percebemos com clareza o caráter que os acontecimentos têm de convocar um passado, ou seja, nos remetendo a acontecimentos anteriores como, por exemplo, a abertura da Copa, e ao mesmo tempo convocar um futuro, um mundo de possíveis, conectando-se a eventos que ainda estão por vir.

Esse caráter de antecipar coisas que estão por vir e estabelecer relações com acontecimentos futuros também pode ser observado na especulação feita às vésperas do jogo da final. Tanto nas redes sociais e conversas cotidianas, quanto nas notícias publicadas nos principais portais, a dúvida em relação a quem entregaria a taça ao vencedor do mundial estava presente. O protocolo habitual da FIFA, órgão máximo do futebol, estabelece que os chefes de estado dos países sedes dos jogos entreguem a taça ao vencedor. No caso do Brasil, a partir do comportamento da torcida em vários momentos que antecederam a final, surgiram especulações que colocavam em risco o cumprimento deste

5. Em junho de 2013 uma série de manifestações populares tomou as ruas do Brasil. Em vários estados, milhares de pessoas foram às ruas protestar. A maioria dos manifestantes era de jovens, mas haviam pessoas de todas as faixas etárias. O início dos protestos ocorreu em São Paulo devido ao aumento das passagens de ônibus na capital.

protocolo. Seria prudente Dilma Rousseff entregar a taça aos campeões e a festa ser abafada por uma sonora vaia – não aos campeões e sim à presidente? Essa indagação era corrente e a mídia a reverberava.

A iminência de um acontecimento futuro acabou por afetar o acontecimento maior que seria a decisão da Copa do Mundo. Por um momento, as expectativas das possíveis jogadas do argentino Lionel Messi ou do alemão Schweinsteiger foram deixadas de lado. É o que mostra alguns portais brasileiros que deram com destaque a notícia de que a presidente enfrentaria as possíveis vaias para cumprir o que manda o protocolo e entregar a taça aos vencedores: "Dilma vai entregar a taça ao campeão do mundo" (site do *O Globo*)[6]; "FIFA anuncia que Dilma vai entregar taça a campeões da Copa" (portal *UOL*)[7]; "Dilma confirma que vai entregar taça da Copa" (site da Veja)[8].

Durante o confronto, a Alemanha levou a melhor com um gol na prorrogação. A cerimônia de premiação, tão esperada, começou a ser realizada. Dilma Rousseff se aproxima, algumas vaias são ouvidas, mas, talvez, para não tornar aquele momento angustiante, a candidata à reeleição transfere, rapidamente e com uma cara de poucos amigos, a taça mais almejada do futebol ao capitão alemão Philipp Lahm. E neste momento em que emerge, o acontecimento continua a provocar uma profusão de sentidos. Agora não mais sobre algo que viria a ser, mas sobre algo que ocorria ali, diante dos olhos de todos. A expressão no rosto da presidente Dilma passou a ser o "x" da questão. Ao mesmo tempo em que a televisão transmitia a cerimônia de premiação, os comentários já surgiam nas redes. Certamente, a expressão da presidente no momento da entrega da taça ganhou repercussão e interpretações diversas. A partir da dúvida de por que Dilma teria feito uma cara de poucos amigos, surgem comentários como: "ela estava incomodada com as vaias"; "a presidente não é simpática mesmo, tem essa cara fechada"; "ela não gostou de entregar a taça a uma seleção que não fosse a do Brasil"; e por aí vai.

---

6. "Dilma vai entregar a taça ao campeão do mundo". Site do Jornal O Globo, 27 de junho de 2014. Disponível em http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/dilma-vai-entregar-taca-ao-campeao-do-mundo-13043295 Acesso em 27 de agosto de 2014.

7. "Fifa anuncia que Dilma vai entregar taça a campeões da Copa". Portal UOL, 27 de junho de 2014. Disponível em http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/27/fifa-anuncia-que-dilma-vai-entregar-taca-a-campeoes-da-copa-do-mundo.htm Acesso em 27 de agosto de 2014.

8. "Dilma confirma que vai entregar taça da Copa. Site da Veja, 7 de julho de 2014. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/dilma-confirma-que-vai-entregar-taca-da-copa Acesso em 27 de agosto de 2014.

Passada a Copa do Mundo, a festa alemã e os acontecimentos que marcaram o torneio de futebol em um ano de eleição presidencial, alcançamos um ponto de reflexão, que nos diz o quão é marcante o poder de afetação dos acontecimentos não apenas em relação aos sujeitos envolvidos, mas também a outros acontecimentos. E o encadeamento de sentidos que se estabeleceu não parou por aí. A partir das vaias, muito se especulou em relação à popularidade de Dilma junto aos eleitores e à sua aprovação para uma reeleição. Muitas reflexões foram suscitadas. Será que a Copa afetaria o resultado das eleições? Como será que outros candidatos se apropriariam do evento esportivo na disputa eleitoral? De que maneira os eleitores seriam influenciados pela Copa do Mundo na escolha de seus representantes? Será que as vaias nos estádios representavam a opinião de uma maioria? Muitas dessas questões vão sendo respondidas com o desenrolar de novos acontecimentos. Mas o ponto não é tentar respondê-las, e sim observar como elas se dão e quais valores emergem nesse processo de afetação[9].

9. Em outubro do mesmo ano de 2014, Dilma Roussef foi reeleita Presidente da República. Governando com forte oposição, sofreu o impeachment dois anos depois.

PARTE 7

REPERCUSSÃO INTERNACIONAL

OLHAR ESTRANGEIRO

A COPA DO MUNDO DE 2014 foi um sucesso. Pelo menos para os torcedores, jornalistas, redes de rádio e televisão. A Copa das Copas, ainda em andamento, já era celebrada como a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. Jogos emocionantes, vitórias e derrotas históricas, fatos inusitados, muita festa. A repercussão internacional do acontecimento no Brasil seguiu a onda de otimismo, segundo relato de Eduarda Rodrigues em **A Copa além-mar: Como os europeus enxergaram a Copa do Mundo do Brasil**, revelando como a imagem do país enquanto local de alegria pode ter "contaminado" os torcedores na Europa e mesmo provocado um momentâneo aumento da autoestima brasileira.

Já Leandro Lima revela a experiência de assistir à Copa na Argentina em **Decime lo que siente: a experiência do acontecimento Copa do Mundo em Buenos Aires,** questionando as formas como acontecimento e memória interagem na produção de sentido, configurando sentimentos e afetos de maneira às vezes surpreendente.

O olhar para a Copa de 2014 e para o Brasil em alguns dos principais jornais do mundo como The New York Times, The Guardian, El País e Al Jazeera foi o objeto de estudo de Juliana Ferreira e Eduarda Rodrigues,

em **A Copa como ela foi**. Comparando as matérias de jornais ao redor do mundo, as autoras costuraram as formas de representação do acontecimento desde o ano anterior até seu final, percebendo de forma curiosa como os discursos variavam entre o pessimismo, a empolgação com a cultura brasileira, a seriedade de análises políticas e o tom de denúncia de desigualdades sociais no país, revelando-se um verdadeiro mosaico das contradições inerentes ao acontecimento.

Capítulo 25

A Copa além-mar: Como os europeus enxergaram a Copa do Mundo do Brasil

Eduarda Rodrigues

PARECE QUE O BRASIL de fora dos campos ganhou mesmo essa Copa. Muita gente comentou que se fez o melhor evento de todos os tempos em nosso país. Para os europeus é a Copa das Copas, querem inclusive mais Copa na América do Sul. Pelo menos é o que se pôde perceber ao viver esse momento em Dublin, capital das terras irlandesas. Em outras grandes cidades europeias, como Londres, Paris e Munique, a agitação é a mesma e sobram bares decorados com a velha dupla verde e amarelo. Não faltam europeus indignados perguntando para turistas brasileiros: "Como pode você sair do seu país durante a Copa?".

Especificamente na Irlanda, país tão apaixonado por cerveja e celebrações (assim como o nosso), a combinação de futebol e verão se mostrou perfeita. O tempo disponível nas férias garantiu muito entusiasmo à população para acompanhar a maratona de jogos. Durante esse mês de Copa do Mundo, os bares irlandeses se tornaram redutos de vários países, incluindo pratos típicos e músicas de cada nação que entrava em campo, durante a transmissão dos jogos. E se um grande medo assolou o continente nos últimos dias de torneio, foi o receio de a insatisfação dos brasileiros com a derrota na semifinal pudesse atrapalhar o mundial.

"Caso não tenham te dito ainda, essa Copa do Mundo é uma das melhores". Assim começa a matéria[1] do jornal irlandês *Irish Times*. Ficou bem claro que os brasileiros souberam fazer uma bela festa e que deve ser lembrada pela emoção e por momentos inesquecíveis de um belo futebol, tão vergonhoso para os donos da casa e tão comemorado pelo mundo afora. Os irlandeses representaram bem a sensação vivida em todo o continente e reforçaram o que a mídia internacional dizia do mundial.

O BRASIL DE OUTRO JEITO – PELAS LENTES DA IMPRENSA EUROPEIA

O temor de tempos antigos - quando se pensava no Velho Continente que as terras além-mar eram habitadas por seres monstruosos e mágicos - parecia um pouco com a tensão existente antes do evento, causada por uma imagem de Brasil caótico, sem lei e bagunçado. Pensar no deslocamento gigantesco que times e torcedores teriam que fazer então, só causava receio. Ainda que a cerimônia de abertura não tenha impressionado em nada os estrangeiros, que esperavam um grande carnaval, a primeira semana de mundial já provou que os brasileiros de todos os setores estavam empenhados em receber bem as visitas e que não vivíamos em meio a densas florestas, muito menos falávamos brasileiro.

Uma matéria publicada pela *Agência Brasil*[2] no dia 22 de junho mostrava que os torcedores experientes, isto é, aqueles que já foram em vários mundiais, deram qualificações excelentes para serviços e até segurança, se comparados com Copas passadas. E era exatamente esse o *feeling* sentido Europa afora. As pessoas eram incitadas por um desejo de assistir aos jogos, de ver as matérias que falavam do Brasil e de comentar o evento.

Os gringos estavam mesmo tão animados que quase toda conversa acabava em Copa. Eram discussões sobre times favoritos, sobre as apostas - tão comuns por aqui (quase sempre bem altas) - e sobre como os jogos foram surpreendentes (eliminação da Espanha logo no começo, times não favoritos avançando e claro, o desastroso 7x1 da seleção alemã contra o Brasil).

Seguindo a mesma linha, a mídia europeia adotou uma postura bem clara e semelhante ao resto da população. Adorar a Copa do Brasil, os brasileiros,

---

1. Disponível em: <http://www.irishtimes.com/sport/soccer/international/10-unforgettable-moments-from-the-2014-world-cup-11858468>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

2. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-06/torcedores-experientes-apontam-copa-brasileira-como-melhor-da-historia>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

a cordialidade e falar muito – muito mesmo – de futebol. Uma pesquisa[3] do site brasileiro *Uol* com 117 jornalistas estrangeiros mostra que quase 40% dos profissionais consideram esse mundial como o melhor entre os outros. E não são só eles, os estrangeiros até lembram que havia certa movimentação anti-Copa, mas não ligam muito para ela. O que acontece é que a maior parte dos europeus perdia o interesse no papo se você o lembrava dos problemas do Brasil, aqueles trazidos pela Copa do Mundo, pelos mandos e desmandos da FIFA e tantos outros. Eles estavam mais interessados em comentar que o terror propagado pela imprensa geral no período pré-Copa não aconteceu de fato. Conquistar os torcedores estrangeiros foi uma tarefa bem mais fácil que conquistar os brasileiros, que demonstraram uma aceitação média nos primeiros dias de Copa do Mundo.

Em uma matéria[4] bem leve, o jornal britânico *The Guardian* faz uma lista de quatro coisas que a imprensa brasileira alegava que iriam dar errado no evento, mas as previsões não se concretizaram. Em primeiro lugar, o transporte não foi caótico e os deslocamentos foram feitos com relativa tranquilidade. Em segundo, estádios ficaram prontos a tempo, depois de atrasos, irregularidades e mortes nas obras. Em terceiro, os protestos que começaram na Copa das Confederações em 2013 se enfraqueceram ao ponto de quase acabar. Por último o futebol, que contrariou os pessimistas e não foi nem um pouco chato, pelo contrário, foi surpreendente. No final, apenas brincam que a pior parte da Copa foi que a Inglaterra não conseguiu ir muito longe.

A maior rede de televisão desportiva europeia, a *EuroSport*, deu força ao coro que garantiu ao Brasil o título de melhor Copa de todos os tempos. Uma matéria[5] publicada no site da empresa apenas quatro dias após o começo do mundial já dizia que o evento desbancava todos os outros anteriores, principalmente pelo alto número de gols e pelos resultados inesperados nas partidas. Se nos primeiros jogos a população brasileira não fazia muita questão de ir aos estádios, o nível das partidas estimulou a procura por ingressos.

---

3. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/30/pesquisao-uol-copa-para-imprensa-estrangeira-brasil-sedia-melhor-mundial.htm>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

4. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2014/jun/27/world-cup-2014-five-things-go-wrong>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

5. Disponível em: <https://uk.eurosport.yahoo.com/blogs/the-rio-report/why-brazil--2014-shaping-best-world-cup-ever-104131658.html>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

Alguns dos torcedores entrevistados em outras matérias estrangeiras falam que a organização estava fraca em alguns aspectos, como a compra de bebida nos jogos, mas o clima estava tão bom que eles nem ligaram muito, afinal é muito fácil, e até barato se você ganha em euros ou dólares, se divertir no Brasil.

Como anfitriões, os brasileiros se colocaram muito bem, se esforçaram para entender os convidados, que falavam as mais diversas línguas, e receberam todos com um dos nossos mais formidáveis costumes: a comida. Apenas o chef inglês Jamie Oliver atacou[6] nossas sobremesas, quindim e brigadeiro, de forma extremamente ofensiva ao dizer que era tudo "um horror" durante uma entrevista para o canal *GNT*.

O jornal *El País* destacou em seu texto[7] a grande quantidade de artigos na imprensa internacional afirmando que a Copa seria muito melhor do que o esperado. E logo em seguida apontou como uma das razões para a confiante reação à Copa a expectativa anterior de que tudo daria errado na realização do evento no Brasil.

Sabemos bem, brasileiros, europeus e cidadãos do mundo, tudo o que poderia não funcionar, e havia um punhado de itens. A lista de problemas ainda é longa e sabemos que o trânsito e o transporte são sim caóticos quando não se decreta feriado. As obras feitas geraram gastos exorbitantes e suspeitas de desvios de verbas. Não ficamos livres de tragédias e perdemos duas vidas na queda do viaduto em Belo Horizonte, uma das cidades-sede, obra inacabada do evento.

Talvez tudo o que foi apresentado nesta análise só mostre que ainda somos o país da festa e, para os países desenvolvidos, está tudo certo desde que saibamos como recebê-los com um grande espetáculo. O que parece é que um certo otimismo permitiu que o Brasil e os brasileiros celebrassem com o resto do mundo essa grande Copa.

---

6. Disponível em: <http://www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/aug/04/jamie-oliver--brazilian-gaffe-food-emotions. Acesso em 11 de ago. de 2014.

7. Disponível em: <http://deportes.elpais.com/deportes/2014/06/21/mundial_futbol/1403367068_619144.html>. Acesso em 11 de ago. de 2014.

Capítulo 26

Decime lo que siente: a experiência do acontecimento Copa do Mundo em Buenos Aires

Leandro Augusto Borges Lima

QUARTAS E SEMIFINAIS da Copa do Mundo de 2014 em Buenos Aires. Capital argentina pulsando tanto ou mais quanto o Brasil com aquela Copa ali tão próxima. Tão apaixonados por futebol quanto os brasileiros, os argentinos não mediram esforços e em cada bar, cada esquina,cada canto de sua capital convidava "venham assistir aqui os jogos e se sintam como no Brasil". A experiência de assistir aos jogos do Brasil na Argentina foi o exato oposto do esperado, ainda mais acompanhado dos locais e outros estrangeiros.

Brasil x Colômbia. Na ocasião do primeiro gol de David Luiz, bradamos um tímido grito de gol, em meio a muitos argentinos e, para nosso receio, colombianos. Era de fato um território "inimigo". Ou nem tanto, já que ao primeiro gol o dono do bar bradou "gritem a vontade! É o seu país em campo". Ao fim daquele jogo, a comunidade sul-americana do bar era composta por sete brasileiros, quatro argentinos e outros seis ou sete colombianos. Após o choro compulsivo pela derrota de um lado e pela alegria no sorriso de outro, a pequena e diversa comunidade se reuniu para uma serie de fotos: bandeiras argentinas, colombianas e brasileiras, seus uniformes e cores totalmente misturados naquele pequeno e confortável bar porteño. Rivais? Não me pareceu.

Argentina x Bélgica. Novamente, estava em uma espécie de Brasil Porteño. Aquele micro cosmos distinto que se forma com os 22 jogadores em campo afeta a estas duas nações. Rivais? Talvez. Neste ínterim, um viaduto caiu em Belo Horizonte. A imprensa argentina noticia a queda à exaustão, mas não apenas por ser numa cidade sede do país da Copa. O viaduto estava localizado a 10 km de distância da hospedagem da seleção argentina. O acontecimento tomou um sentido distinto para aquele país; sua leitura era muito mais pelo temor do não-acontecido (ora, poderia ter sido o ônibus da seleção debaixo do viaduto!) do que pelo sentimento de perda de duas vidas, ou das discussões políticas antes e após a queda, assunto já tratado em texto anterior deste livro[1]. No entanto tal recepção liga mais uma luz de similaridade entre os argentinos e brasileiros no que tange o futebol: o espetáculo do ludopédio tende a tomar uma posição e importância maior que outros fatos - lembremos da fala de Pelé de que "mortes acontecem" em referência aos operários mortos nas obras da Arena Corinthians. Rivais? Talvez pela similitude.

Os acontecimentos são capazes de romper as expectativas. Também podem trazer à esfera do visível determinados aspectos do viver social que deixamos escapar. Como um *flâneur* por Buenos Aires num período que boa parte do mundo estava focado no Brasil, pude experienciar o acontecimento Copa do Mundo de outra forma. Estar na capital de um país que é considerado por muitos nosso rival direto nas quatro linhas parece até um risco de que o acontecimento falasse a mim de formas mais violentas.

O 7x1 da Alemanha contra o Brasil é um acontecimento cujas reverberações talvez jamais cessem. Entra para os anais da história e o "Mineiratzen" pode superar a dor do Maracanazzo. Nem o mais pessimista dos brasileiros poderia esperar tal derrota. A expressão geral era de choque. Ao fim do jogo, na praça da alimentação das Galerias Pacífico, uma senhora se aproxima da minha irmã e pergunta "es brasileña?". Ela responde que sim e a senhorinha, num gesto carinhoso estereotípico das avós, prossegue com um "não fique triste, era só um jogo minha jovem. Sorria." Muitos brasileiros estavam ali, e também dois amigos alemães com quem conversei e diziam o mesmo: inacreditável. Ali, na pequena Babel que se confundia com o cheiro dos bifes de chorizo grelhando, alemães, brasileiros, argentinos e sabe-se lá quais outras nacionalidades tentavam entender aquele estranho placar. As piadas só viriam um pouco

1. Ver LOBATO, Maíra. Capítulo 11: *A queda de um viaduto: uma costura de vários acontecimentos*, nesta obra (Parte 3).

depois, na TV, nos jornais, nos brincalhões argentinos. Aquela rivalidade saudável que brinca com o imponderável do futebol. Tudo um tanto comedido: no outro dia, a partida era argentina e nada estava definido ainda. Não queriam arriscar o mesmo destino. Rivais? Sim, mas é melhor ter um pouco de cautela, ainda que seja difícil conter o riso ao som do 7x1.

No outro dia, na Plaza Serrano em Palermo, suas dezenas de bares aguardavam a torcida argentina que, mesmo em meio à crise econômica, comparecia e torcia sem poupar para sua seleção. Um jogo longo, difícil. Naquelas cobranças de pênalti nasceu um novo herói, o questionado goleiro Romero, que estampou a capa de diversos jornais um dia depois da classificação às finais. Neste ponto, somos também muito semelhantes: construímos nossos heróis das quatro linhas aos moldes da jornada do herói de Joseph Campbell, e eles se tornam símbolos, seja na vitoria ou na derrota, são os perdoáveis independente do resultado. Para os argentinos, Romero e Mascherano são essas figuras; para o Brasil, David Luiz[2] se salvou dos vexames ainda que tenha apresentado um futebol pífio contra Alemanha e Holanda.

O retorno a uma final após 24 anos, contra a mesma Alemanha que haviam enfrentado em duas finais anteriores, 1986 e 1990, uma vitória para cada lado. Montava-se no Dia da Independência um cenário de revanche. Canções embalaram os torcedores. Pude contar quatro ou cinco músicas diferentes - e nesse ponto uma diferença, já que o torcedor brasileiro se limitou ao fraquíssimo "sou brasileiro com muito orgulho" durante toda a Copa. Dentre elas, a provocação ao Brasil, "Décime lo que siente", foi um hit entoado com ainda mais energia graças ao 7x1 no dia anterior.

Naquela turba senti, experienciei o acontecimento Copa do Mundo e seus diversos sub-textos: a rivalidade Brasil x Argentina que é construída midiaticamente há anos graças a "água batizada" na copa de 90 e que se intensifica nos torneios sulamericanos interclubes; a acachapante derrota do Brasil; a lembrança do futebol como festa e alegria que parecia perdida no Brasil, com a expectativa de uma Copa fracassada; a estada num país estrangeiro durante o megaevento em meu país. Passavam também como ecos do acontecimento a violência das manifestações, a recepção calorosa dos brasileiros - mas que se tornava agressiva aos argentinos (reitero as constantes confusões entre torcedores dos dois países pelo Brasil) -, o silenciamento das manifestações e duas

2. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 19: *David Luiz: valente, charmoso, bom moço*, nesta obra (Parte 5).

mortes por causa de um viaduto que causaram no Brasil uma comoção inicial, mas um final muito semelhante à preocupação argentina: podia ter estragado o espetáculo do futebol.

Nesta breve análise, "yo digo lo que sentí" num país vizinho durante a Copa: uma rivalidade envolta por respeito, em que a provocação se dá também pelo que ocorre entre as quatro linhas (as reclamações pela Copa da Itália, se Maradona é melhor do que Pelé). Senti um país cuja paixão pelo esporte é similar à do brasileiro quando se trata de clubes, porém mais intensa no que tange a seleção. Reflexo talvez de um país mais politizado. Os cantos tão diversos, exaltando as conquistas argentinas em Copas, entoados por todos, mulheres, homens, crianças, idosos, como uma canção popular do rádio, mostram uma união em torno de sua seleção mais intensa do que a que ocorre no Brasil a cada quatro anos. Acredito que há mais paixão na relação dos argentinos com o futebol e seu país do que dos torcedores sazonais do futebol brasileiro. Contudo é um texto permeado pela experiência do acontecimento vivido em seu calor sob influência. É uma reverberação particular, um experienciar distinto. É a experiência da Copa do Mundo 2014 vivida com as medialunas e não com os pães de queijo.

Capítulo 27

A Copa como ela foi

Juliana Ferreira
Eduarda Rodrigues

DE TRAGÉDIAS ANUNCIADAS AO CAOS QUE NUNCA CHEGOU

Se alguém fizesse um bom prognóstico para a Copa do Mundo no Brasil em junho de 2013, seria considerado louco. Os protestos que tomaram as ruas de todo o país pediam o cancelamento do evento e criticavam ferozmente as atitudes do governo federal. Vaias e xingamentos nos estádios onde ocorreram as partidas da Copa das Confederações puseram em xeque a credibilidade da presidente Dilma Rousseff. O clima era de total apreensão, já que os ativistas resolveram pedir que a Fifa se retirasse e que o dinheiro gasto com o torneio fosse investido em escolas, hospitais e infraestrutura. Aliás, quase ninguém acreditava que o jeitinho brasileiro seria capaz de deixar todos os estádios e obras de mobilidade prontos a tempo. Foi um desabafo da população, descrente com o sistema político e cansada de esperar de braços cruzados.

Nem mesmo os patrocinadores da Copa tiveram coragem de apoiar o campeonato nesse período. Eram tímidas as inserções publicitárias, assim como as pautas jornalísticas. Parecia que o Mundial não aconteceria. O fantasma das manifestações rondava a poucos dias da estreia do Brasil, no Itaquerão, em São Paulo. Até a expectativa da vinda de estrangeiros diminuiu com a possibilidade da repetição de atos violentos e de vandalismo. As lojas de rua se armaram com proteções contra ataques, e as cores da bandeira não figuravam pelas cidades.

Mas a tempestade não se concretizou. O tempo abriu, e o Brasil transformou sua imagem pública perante o mundo, como mostra o levantamento das manchetes em veículos estrangeiros que resultou nesta análise. Apesar do tumulto no primeiro dia da Copa, com duas jornalistas da rede de televisão americana *CNN* feridas em São Paulo, os protestos se revelaram infrutíferos. O não acontecimento das piores previsões proporcionou o que os jornais nacionais e internacionais chamaram de "a Copa das Copas".

O também americano *The New York Times* discutiu esse paradoxo em um artigo[1], no qual coloca em oposição as manifestações e a aprovação da organização da Copa por 60% dos brasileiros, segundo um levantamento do Datafolha. "Brasil melhora à medida que a Copa avança", dizia o título da matéria, que personificou esse contraste com um personagem dividido entre a revolta com a Fifa e paixão desmedida pela seleção. O texto cita, ainda, a inconsistência do ex-jogador Ronaldo, o Fenômeno, que criticou ferrenhamente a preparação do Mundial e, depois, afirmou que os brasileiros estavam vivendo um sonho.

E, de fato, tudo foi melhorando ao longo do Mundial. O jornal britânico *The Guardian* afirmou[2] que os estrangeiros estavam aproveitando tanto a festa no Brasil, que nem se preocuparam com protestos ou com o caos no transporte. Em uma das matérias, o periódico diz que o país é lindo e que as pessoas são ótimas. Em outra, cita[3] a surpreendente recepção calorosa dos amazonenses aos torcedores e jogadores ingleses mesmo após o treinador do time, Roy Hodgson, dizer que, se pudesse, evitaria o calor e a umidade de Manaus.

Com o título "Não era para tanto", o jornal espanhol *El País* publicou uma reportagem[4] sobre as previsões catastróficas e o que realmente aconteceu: o clima de otimismo após o início do torneio. O texto destaca a grande quantidade de artigos na imprensa internacional afirmando que o Brasil superou as expectativas: "O Mundial caminha melhor do que o esperado. É verdade. Em parte porque o

---

1. Disponível em:< http://www.nytimes.com/2014/07/04/world/americas/brazil-comes-around-as-the-world-cup-plays-on.html?_r=0>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

2. Disponível em:< http://www.theguardian.com/football/2014/jun/15/world-cup-2014-fans-ignore-glitches-to-revel-in-brazils-big-party>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

3. Disponível em Disponível em:< http://www.theguardian.com/football/2014/jun/14/england-warm-welcome-amazon-jungle>. Acesso em 12 de ago. de 2014. >. Acesso em 12 de ago. de 2014.

4. Disponível em:<http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/22/opinion/1403462663_410528.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

que se esperava era muito ruim, uma espécie de apocalipse brasileiro, onde pouco ou nada iria funcionar como deveria". Já o periódico francês *Le Monde*[5] classificou os acertos como "milagre brasileiro", que conseguiu desviar do caos nos estádios, no transporte público e nas ruas. "O improviso à brasileira se revela à altura do evento", dizia o título.

A essa altura, qualquer tentativa de protesto era abolida e considerada frustrada. Um repórter do tabloide alemão *Bild* acompanhou uma manifestação em Copacabana, no Rio. Com o título "Cadê os manifestantes anti-Copa brasileiros?", o vídeo mostra um ato que nem teve repercussão, já que toda a população estava assistindo a uma partida do Brasil. O final da reportagem mostra os ativistas vendo o jogo num telão próximo ao protesto[6].

Assim, nada poderia destruir a imagem da presidente, beneficiada pelo bom andamento da Copa. As vaias e xingamentos na abertura da Copa não foram capazes de ofuscar o brilho da festa que ocorria aqui. Nem mesmo a lesão e saída do camisa 10 da seleção canarinha, Neymar[7], poderia prejudicar Dilma, segundo o *Financial Times*, que diz que a perda foi tarde demais para prejudicar a reeleição.

DESBRAVANDO O BRASIL

Sem preocupações com violência e protestos, os jornalistas estrangeiros puderam passear pelo país e descobrir suas curiosidades. O sucesso da Copa foi creditado ao povo brasileiro, descrito como feliz e hospitaleiro. Se dentro de campo o país ia cada vez mais de mal a pior, fora dele dava um show de boa recepção.

Chamou atenção o jeito único do brasileiro de torcer. A *CNN*[8] narrou a apreensão do torcedor na disputa de pênaltis entre Brasil e Chile. A reportagem diz que Copacabana e o Pão de Açúcar, no Rio, se transformaram em "martírio". O texto chega a comparar a tensão a de uma população que assiste a um

5. Disponível em:<http://www.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/21/l-improvisation-a-la-bresilienne-se-revele-a-la-hauteur-de-l-evenement_4442780_1616627.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

6. Sobre a invisibilidade midiática das manifestações ver também DORNELAS, Raquel. Capítulo 9: *Cadê o pessoal do #nãovaitercopa?*, nesta obra (Parte 3).

7. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 12: *Herói caído: Neymar e a narrativa épica de um torneio de futebol*, nesta obra (Parte 4).

8. Disponível em:<http://edition.cnn.com/2014/07/04/sport/football/brazils-soccer-soul/index.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

desastre natural ou à ida de soldado para uma guerra. O jornal americano *Washington Post*[9], por sua vez, se interessou pelo vocabulário futebolístico dos brasileiros. Com o título "Do you speak futebol?", a reportagem diz que, aqui, o futebol é uma língua e cita termos – como folha seca, banheira e chute de bicicleta – que considera poéticos. Já a rede de rádio americana *NPR* falou sobre o portunhol, a capacidade dos brasileiros de entenderem o espanhol e se comunicar nessa língua.

Foram muitas as descobertas pelo país. O *The New York Times*[10] achou uma comunidade de casas flutuantes na Amazônia, onde jogos ocorrem em cima de barcos. "Sem campo, sem problema" é o título do texto, que destaca a paixão dos brasileiros pelo esporte. O *The Guardian*[11] sugere um passeio no Instituto Inhotim, em Brumadinho, próximo a Belo Horizonte, "uma gigante galeria de arte a céu aberto" que vai animar os interessados por arte contemporânea.

Já o colombiano *El Tiempo*[12] elogia a Vila Madalena, bairro boêmio de São Paulo, e o elege o coração da Copa do Mundo na cidade: "Para eliminar o estresse de um jogo duro, afogar as mágoas ou saborear o triunfo, o que poderia ser melhor do que festejar no cerne da boêmia de São Paulo? Apenas andar pelas ruas da Vila Madalena, o bairro com a mais intensa vida noturna desta metrópole sul-americana".

Também ganhou destaque o Minhocão, famoso elevado que liga o Centro à Zona Oeste da capital paulista. O *The New Times*[13] o chama de "uma sedutora combinação de feiura e beleza". A mesma publicação deu boas impressões sobre Brasília. A reportagem abordou a história, organização e a arquitetura do Distrito Federal: "Em um país conhecido por seu talento para a improvisação,

---

9. Disponível em:<http://www.washingtonpost.com/world/the_americas/in-brazil-futebol-has-its-own-language/2014/06/18/bb000ec2-f6bf-11e3-afdf-f7ffea8c744a_story.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

10. Disponível em:<http://www.nytimes.com/2014/07/06/sports/worldcup/world-cup-2014-in-an-amazon-village-built-for-buoyancy-the-game-of-soccer-plays-on.html?_r=0>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

11. Disponível em:<http://www.theguardian.com/travel/2014/jun/24/inhotim-brazil-open-air-art-gallery>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

12. Disponível em:<http://www.eltiempo.com/estilo-de-vida/viajar/el-barrio-bohemio-de--sao-paulo-donde-los-hinchas-reponen-fuerzas-/14142383>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

13. Disponível em:<http://www.nytimes.com/2014/06/25/sports/worldcup/minhocao-represents-sao-paulos-crumbling-but-welcoming-heart.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

Brasília está em chocante contraste, uma cidade tão organizada, que é difícil acreditar que está realmente no Brasil".

O OUTRO LADO DA MOEDA

Apesar do otimismo e aprovação da organização da Copa do Mundo, os jornais internacionais não se abstiveram de fazer duras críticas ao Brasil, que em junho de 2013 pediu socorro para resolução de seus problemas. Isso fica claro em uma postagem do *The Onion*[14], site humorístico americano com reportagens falsas. O texto dizia que o governo federal anunciou a venda dos estádios de futebol que construiu para o torneio. "Este é um ótimo estádio, pouco usado, onde cabem quase 40 mil [pessoas]" foi a descrição criada para a Arena das Dunas. "Perfeito para jogos de futebol, convenções e formaturas, e faria um ótimo par com qualquer um dos estádios do Nordeste que também estão disponíveis. Todos os compradores são responsáveis pela retirada do produto local. Só aceitamos perguntas sérias, por favor", continua. *The Onion* diz que a intenção era trocar as arenas por escolas e hospitais.

A ironia com a situação do país foi publicada em meio a reportagens sérias sobre o futuro. O estadunidense *Wall Street Journal*[15] disse que o fim da Copa trouxe o Brasil à realidade. Segundo o jornal, apesar de líderes políticos terem sucesso a celebrar, já que aeroportos funcionaram, estádios estavam prontos, e não houve protestos, deve haver preocupação com a "economia moribunda e eleições que potencialmente provocarão divisões em outubro". A matéria diz, ainda, que o país precisa se preparar para as Olimpíadas de 2016, relata o que está atrasado e também provoca críticas de prioridades de gastos no país. "Durante a Copa o Brasil estava numa 'ilha da fantasia', mas o choque de realidade virá", disse Marcelo Salomon, economista responsável por acompanhar o país no *Barclays* à publicação.

O *The Guardian*[16] descreve o país como "anfitrião perfeito", mas lembra que há pendências, como os gastos com o Mundial e a reforma da administração

14. Disponível em:<http://www.theonion.com/articles/brazilian-government-posts-listings-for-12-soccer,36477/>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

15. Disponível em:<http://g1.globo.com/online.wsj.com/articles/world-cups-end-brings--brazil-back-to-reality-1405288868>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

16. Disponível em:<http://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/13/brazil-intoxicating-host-inspire-world-cup-feast>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

do futebol: "Ela [Dilma] estava certa, o Brasil foi um anfitrião inebriante e acolhedor (...) mas a discussão sobre os US$ 13,5 bilhões de dinheiro público investidos no torneio vai continuar por muito tempo, mesmo depois que o circo da Fifa deixar a cidade, particularmente em locais como Manaus e Natal, onde estádios novinhos em folha não têm uso sustentável óbvio". O texto cita ainda que a queda um viaduto em Belo Horizonte, que matou duas pessoas, foi um "lembrete do custo humano que pode ter uma construção feita de última hora". A publicação finaliza o texto dizendo que o maior legado deste Mundial pode ter sido o questionamento feito ao poder da Fifa no futebol e demonstrado pelos brasileiros em pichações nas paredes dizendo "amo futebol, odeio a Fifa". "Por isso, o Brasil merece agradecimentos eternos", conclui. Em meio às consequências do fim do Mundial, publicações revisitaram problemas antigos, como a desigualdade social. A *CNN*[17] foi a favelas do Rio e as descreveu como um "retrato do Brasil", em que se destaca o grande abismo entre ricos e pobres. O texto também fala da corrupção generalizada no país. Já a *Al Jazeera*[18] foi a Fortaleza, onde encontrou "divisões econômicas escondidas nas sombras".

A prostituição foi, também, um tema explorado pelos veículos. Na revista *Rolling Stones*[19], o jornalista Amos Barshad visitou casas luxuosas, como a Centaurus, até a Vila Mimosa, área mais popular. Ao explicar o funcionamento dos bordéis, o texto questiona por que as autoridades não fecham esses prostíbulos, já que a atividade é proibida no Brasil. O *Le Monde*[20] fez o mesmo caminho em Fortaleza, onde encontrou exploração de prostituição infantil.

Enfim, as publicações concluem que, apesar do sucesso da Copa, o Brasil terá como legado uma grande conta a pagar, já que a festa custou R$ 20 bilhões, mas o lucro foi destinado em maior parte à Fifa. Com destaque às deficiências na saúde, na educação e no transporte público, o mundo prevê novos levantes populares caso o país não avance nesses quesitos.

---

17. Disponível em:<http://g1.globo.com/mundo/blog/brasil-visto-de-fora/post/cnn-visita--favela-do-rio-para-mostrar-o-outro-lado-do-brasil.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

18. Disponível em:<http://www.aljazeera.com/sport/brazil2014/2014/07/two-sides-city-20147314393895149.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

19. Disponível em:<http://www.rollingstone.com/culture/news/the-world-cup-of-dirty--dreams-inside-brazils-most-infamous-brothel-20140626>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

20. Disponível em:<http://www.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/14/l-envers-du-stade-fortaleza-ville-carrefour-du-tourisme-sexuel_4434941_1616627.html>. Acesso em 12 de ago. de 2014.

PARTE 8

LEGADO

DO QUE FICA

E A COPA DO MUNDO DE 2014 chegou ao fim. Olhando para trás, logo após o fim oficial do acontecimento, o que vimos? Em termos do que se deu dentro dos campos, Renné França e Leandro Lima analisam a utopia do futebol brasileiro em **A mística da camisa amarela: seleção brasileira, memória e a utopia do futebol arte**. Partindo das discussões midiáticas envolvendo a decepção da derrota da seleção brasileira para a Alemanha, os autores procuram perceber como memória e mito se misturam na criação de um ideal de futebol brasileiro que parece inalcançável.

Em **Copa 2014: do caos ao paraíso**, Vera França discute as formas como o imediatismo do mundo contemporâneo provoca contradições, tais como a grande mudança de percepção sobre o acontecimento Copa do Mundo que se deu entre o antes e o depois do evento. Se antes a cobertura midiática acentuava sobretudo o atraso nas obras e a possibilidade de nada funcionar bem, suscitando a apreensão da sociedade, o bom funcionamento e a realização exitosa da Copa surpreenderam positivamente e levaram ao sentimento oposto, da exaltação. Tanto as representações midiáticas quanto aquelas do sujeito em sua cotidiani-

dade a respeito da Copa do Mundo passaram rápida e radicalmente do pessimismo ao orgulho.

Frederico Tavares dá continuidade à discussão, buscando perceber como o jornalismo participou – e reforçou – essa mudança de humores em relação ao acontecimento em **O duelo entre o pessimismo e o otimismo: a Copa e o jogo com a mídia.** Partindo das notícias pessimistas antes do evento e comparando-as com aquelas elogiosas durante a Copa, o autor discute como os sentidos do momento podem sufocar a singularidade de um acontecimento no plano midiático.

A mídia em suas mais diversas formas é também objeto de estudo de Renné França, agora focando nas formas de representação do partido político então na presidência da república em **A culpa é do PT: Copa, manifestações e comentaristas de internet.** Observando como o Partido dos Trabalhadores se tornou lugar-comum para qualquer tipo de reclamação dos brasileiros, o autor procura demonstrar como o PT foi considerado culpado dos mais diversos problemas durante a Copa, e as formas como política e futebol andaram juntos nas representações midiáticas em uma pressão constante à presidente Dilma Roussef, que viria a sofrer um impeachment dois anos depois.

Encerrando, Carol Delmazo oferece a visão midiática "de dentro" em **Cobertura em Retrospecto: a experiência no Portal da Copa.** A jornalista relata em retrospecto seu trabalho de cobertura do acontecimento para o site Portal da Copa, do Governo Federal. A autora aproveita para aliar sua experiência profissional a uma abordagem autorreflexiva, questionando o papel da mídia em muitas das questões apontadas neste capítulo.

Capítulo 28

A mística da camisa amarela: seleção brasileira, memória e a utopia do futebol arte

Renné Oliveira França
Leandro Augusto Borges Lima

"NO FUTEBOL, quando um jogo termina em empate, você acha proporcional e quando é 7 x 1 é desproporcional". A frase é a resposta do porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Yigal Palmor, às críticas feitas pelo governo brasileiro ao uso desproporcional da força israelense contra palestinos na Faixa de Gaza[1]. Para além do absurdo de comparar uma guerra a um jogo de futebol, a ironia de Palmor se dá a partir de reverberações do acontecimento Copa do Mundo de 2014, encerrada mais de uma semana antes da declaração. Mais do que isso, ela se refere à derrota da seleção brasileira para a Alemanha, e ao improvável placar em um jogo entre os dois países.

Houve outras goleadas na Copa: a Espanha – então atual campeã – perdeu de 5 a 1 para a Holanda; Portugal, do melhor jogador do mundo Cristiano Ronaldo, foi derrotado por 4 a 0 pela Alemanha e a França ganhou de 5 a 2 da Suíça. Mas nenhuma derrota chocou tanto quanto os 7 x 1 para a Alemanha. Era uma semifinal de uma seleção jogando em seu próprio país, mas a goleada

1. "Porta voz de Israel reage e afirma que desproporcional é 7 x 1". Portal G1, 24/07/2014. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/porta-voz-de-israel-reage-e-afirma-que-desproporcional-e-7-1.html. Acessado em 18/08/2014.

ganhou ainda mais força por ser contra o Brasil, o país do futebol, o único time pentacampeão do mundo. A goleada foi "desproporcional" à mística da camisa amarela.

No primeiro jogo da seleção argentina na Copa - contra a Bósnia - Lionel Messi fez um gol bem no momento em que os torcedores brasileiros no estádio gritavam "Neymar" em forma de provocação. O locutor argentino Alejandro Fantino, da rádio *La Red Am 910* desabafou: "Gol. Aí está para você. É para você. É para você. Brasileiro torcedor do Flamengo que estava dizendo coisas contra nossa seleção. É para você. Para você. É mais que Pelé. É mais que Garrincha. É mais que Didi. É mais que Tostão. Mais que Vavá. Messi. Messi. Messi. Olê, olê, olê. Lionel Messi[2]". As referências são aos grandes nomes do futebol brasileiro que ajudaram na construção desta mística em torno do nosso futebol: Pelé, Garrincha, Didi, Tostão, Vavá. Todos jogadores que atuaram pela última vez décadas atrás, mas que sobrevivem em uma memória permanente do chamado "futebol arte".

A seleção brasileira possui um forte simbolismo calcado em seu passado de grandes jogadores e conquistas. Em termos culturais, trata-se de um símbolo que foi convencionado ao longo dos anos, principalmente as conquistas de 1958, 1962 e 1970. O título de 1994 já não trazia o futebol "artístico" de antes, mas foi engolido pela força do símbolo, fortalecendo ainda mais o país como fonte inesgotável de jogadores talentosos. A mística voltada para o talento, graças a gerações seguidas de grandes jogadores, parece ter criado a crença que este talento resolveria tudo, com jogadas bonitas e envolventes, sem a necessidade de uma organização tática mais complexa. Então chegamos à Alemanha. Um time de muitos bons jogadores em cada uma das posições, mas nenhum Messi, nenhum Neymar, nenhum Cristiano Ronaldo. Foi um time organizado e disciplinado que goleou o "futebol arte". Como?

A mística em torno da seleção brasileira é o que a torna sempre uma das favoritas em uma Copa do Mundo. Mas o futebol que criou esta mística já há tempos não existe: não apenas no Brasil, mas no restante do mundo. Com o aumento do preparo físico e da velocidade nos jogos, a "arte" do descompromisso de um Garrincha (símbolo-máximo de uma era mais ingênua e lúdica do futebol) não se encontra nos espaços cada vez mais fechados do

2. "Narrador diz que Messi é maior que Pelé e 'dá troco' em flamenguistas". Sportv, 16/06/2014. Disponível em: http://sportv.globo.com/site/SporTV-na-Copa/noticia/2014/06/narrador-diz-que-messi-e-maior-que-pele-e-da-troco-em-flamenguistas.html. Acessado em 14/08/2014.

campo, onde o objetivo direto para o gol exige uma velocidade e uma força que não existiam décadas atrás. O futebol mudou, mas o Brasil permaneceu como bastião daquela "era de ouro", uma belle époque onde a memória descarta análises táticas e treinamentos para insistir em se lembrar apenas dos talentos. Por mais que se encontrem alguns estudos a respeito dos treinamentos árduos pelos quais passava Pelé e pelas inovações táticas da nossa seleção de 1970, a mística da seleção brasileira criou-se exclusivamente a partir de seus jogadores excepcionais. Todo o entorno foi esquecido, e a versão se tornou a realidade. Surgiu assim, a ideia de um time de notáveis que, sozinhos, venceriam qualquer campeonato pelo simples talento que corria no sangue brasileiro.

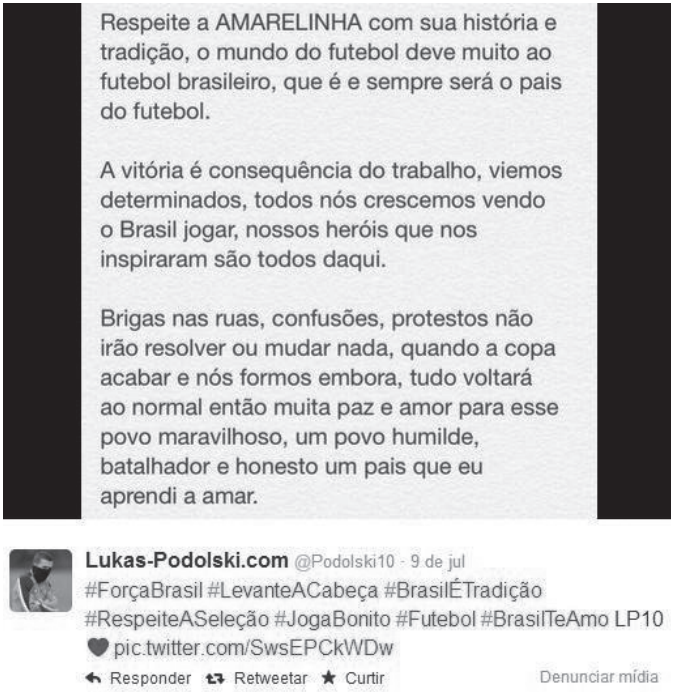
Esta forma de pensar espalhou-se pelo próprio futebol brasileiro, e se reflete no vai e vem de técnicos a cada campeonato: se o time está perdendo a culpa nunca é dos jogadores – afinal, são brasileiros, logo talentosos – mas do técnico que não soube aproveitá-los. Esta desvalorização só pode ser explicada frente à excessiva valorização do talento: não importa muito quem esteja no comando, são mesmo os jogadores em campo que irão decidir a partida. Ao nos deparamos com a incrível golada de 7 x 1 pela Alemanha, as críticas dos especialistas em sua maioria foram voltadas para o técnico Luiz Felipe Scolari que, mais uma vez, não soube aproveitar os talentos que tinha em mãos[3]. As acusações mais veementes eram de que o Brasil não jogava mais como Brasil. Mas o que seria jogar como o Brasil? Na imprensa esportiva brasileira parece existir um desejo de utopia futebolística que de alguma forma uniria o descompromisso artístico do passado com a eficiência objetiva necessária nos dias de hoje. A maior derrota da história da seleção brasileira parece ter escancarado este desejo utópico e ainda colocado uma nova questão: a utopia não estaria também na forma como olhamos nosso próprio passado? Basta lembrar que a seleção de 70 – exemplo exaltado do grande futebol brasileiro – embarcou para a Copa do México desacreditada e encarou várias críticas durante sua campanha (especialmente pelas deficiências na defesa). Nosso futebol foi sempre tão especial?

Enquanto força cultural, a seleção brasileira parece articular e refletir anseios de sua época. Contra o complexo de vira-lata de que a miscigenação teria criado um país que não iria para frente, 1958 e 1962 entregaram títulos conquistados por uma mistura diversa de etnias. Durante a repressão política

3. Ver PORTARI, Rodrigo. Capítulo 15: *Sentimentos e personalização da culpa: a eliminação do Brasil na Copa*, nesta obra (Parte 4).

de 1970 a seleção parecia ser o lugar da liberdade, onde a magia, através do talento, despertava e trazia alegria em momentos sombrios. Em 1994, com o Plano Real e a morte do piloto Ayrton Senna, ela era o local da superação, do jogo coletivo que servia a um salvador – Romário – para resolver a situação. Foi a seleção da volta por cima, o título após 24 anos que recuperava não apenas a taça, mas toda a autoestima de um país recém-saído do impeachment de um presidente e que acabava de "derrotar" a inflação. A transição política que aconteceria em 2002 aparece também em uma seleção que jogava para frente e teve muito valorizado o efeito surpresa de dois jogadores tido como acabados: Rivaldo e Ronaldo, que no ano seguinte foi um dos garotos-propagandas da campanha "sou brasileiro e não desisto nunca", um dos slogans mais significativos desta época.

Umberto Eco (1985) explica que o objeto de culto é tudo aquilo que pode ser apropriado e resignificado: a seleção brasileira de futebol parece ser cultuada no mundo todo porque para cada um ela pode ter um sentido diverso, seja o exemplo máximo de futebol citado pelos jogadores da Alemanha após vencerem o Brasil (conforme o twitter do jogador alemão Lukas Podolski) ou até uma justificativa a um ato de guerra como o do porta-voz israelense.



Isso só é possível graças às suas múltiplas características ao longo dos anos, apesar da nossa realidade social insistir em fixá-la com um único sentido: futebol vistoso e vencedor. É por isso que uma derrota tão inesperada choca dessa maneira, pois causa um racha na realidade. Pelo menos naquela realidade construída através dos símbolos e objetos de culto.

Com o término da Copa do Mundo, o torcedor brasileiro voltou à realidade do futebol local, com estádios vazios, jogos sem brilho e horários prejudiciais para quem vai aos estádios. Pouco resta da "mística" do craque brasileiro capaz de ganhar partidas sozinho presente nos jogos dos campeonatos nacionais. O Campeonato Brasileiro não conta com tantas estrelas quanto a Copa do Mundo, e se por um lado é injusta a comparação entre jogos de um e outro campeonato, por outro é inevitável. Como país sede, muito se falou em legado. Obras de infraestrutura, melhorias para a população, aquecimento da economia e também da injeção de um novo pensamento, moderno e atualizado, para os trabalhadores do futebol. As críticas são repetitivas: problemas que o futebol brasileiro enfrenta há muitos anos são vistos com a lente de aumento da Copa do Mundo e criam um futuro apocalíptico para o País do Futebol.

Alguns fatos que sucederam ao 7x1 indicam que a mística e a forte história do Brasil no futebol pesam mais do que a necessidade premente de discutir alternativas para o futuro. A expectativa de mudança discutida pelos comentaristas esportivos ao longo dos dias que se sucederam à semifinal recebeu um duro golpe com o retorno de Dunga ao comando da seleção. Indo contra a corrente da renovação, a CBF optou por fechar a rachadura com um remendo: a aposta em figuras do passado, como se o futebol brasileiro vivesse em um constante círculo, sem nunca se desprender numa espiral contínua ao futuro. Zagallo voltou em 1998, Parreira em 2006, Scolari em 2014 e Dunga para o novo ciclo[4].

Se é característica do acontecimento fazer falar, e este foi debatido incessantemente e ainda reverbera em falas como a do porta-voz de Israel, seus ecos na estrutura do futebol brasileiro foram leves sussurros. Ao contrário das seleções campeãs que pareciam dizer dos anseios de sua época, a seleção de Scolari em 2014 e as posteriores decisões da CBF remaram contra a maré: se em 2013 o Brasil viu manifestações de grande porte clamando por mudança, a seleção e o futebol optaram pela continuidade de um esquema engessado e criticado. A mística permanece como principal combustível para os títulos que virão, afinal somos o país do futebol. Somos? Ou apenas vivemos à sombra de nossas lendas, tão bem lembradas pelo locutor argentino?

---

4. Em 14 de junho de 2016 o técnico foi demitido da seleção brasileira de futebol. O novo treinador do time brasileiro, Tite, chegou celebrado por ser capaz de recuperar o famoso "futebol brasileiro".

Capítulo 29

Copa 2014: do caos ao paraíso

Vera Veiga França

COMENTAMOS EM TEXTO ANTERIOR a apreensão que cercou a realização da Copa no Brasil[1]: não apenas no âmbito das mobilizações sociais, mas sobretudo através das diferentes mídias: o que assistimos e ouvimos no último ano foram críticas ácidas e constantes tanto aos gastos quanto à inoperância no planejamento e implementação das obras de infraestrutura da Copa.

Essas crítica se agrupam, grosso modo, em duas vertentes distintas, ambas de cunho marcadamente político. Por parte dos movimentos sociais, foi uma crítica à esquerda; os gastos da Copa estariam se fazendo em substituição e detrimento de investimentos sociais importantes, tais como saúde e educação. A isto se junta o cunho comercial da Copa, e a subserviência do poder público aos ditames da Fifa - esta última, em todos os aspectos colocada sob suspeição. Nas jornadas de junho de 2014, a denúncia do dispêndio com os estádios e o déficit nos investimentos públicos ecoaram ao longo do país através das inúmeras manifestações, com pleno endosso da população. E surgiu um quase brado de guerra (mais de teor propagandístico que estratégico): "*não vai ter Copa*!"

1. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 3: *Antes do acontecimento: às vésperas da Copa*, nesta obra (Parte 1).

Uma segunda vertente de críticas se inscreve nos marcos da disputa às eleições presidenciais no país neste ano. Criticar a organização da Copa, denunciar o superfaturamento das obras e o atraso dos trabalhos era mostrar a inoperância do Governo Dilma e, por tabela, enfraquecer a candidatura da presidenta à reeleição. Repercutindo tal perspectiva, diariamente a imprensa estampava os inúmeros problemas na finalização das obras; o sentimento geral era de que nada iria funcionar – os aeroportos, o trânsito, os estádios, a vida urbana nas cidades-sede. Criou-se o bordão: se está ruim agora, "*imagina na Copa*!" De tal maneira que a apreensão, o medo, quando não a vergonha, substituíram o esperado entusiasmo do país do futebol com a realização de sua segunda Copa do Mundo.

A Copa chegou e – surpresa geral - sua realização se mostrou não apenas adequada, mas altamente positiva. O caos urbano-aéreo não se instalou; os estrangeiros chegaram e, em sua grande maioria, se encantaram com a Copa e com o país. Os visitantes foram prodigiosos em frases elogiosas: entrevistas e enquetes publicadas por vários jornais brasileiros indicavam que os turistas se surpreenderam e tiveram uma imagem muito favorável do Brasil, dizendo que voltariam e/ou recomendariam o país para amigos como destino turístico. Os correspondentes e imprensa internacional foram quase unânimes ao registrar os aspectos positivos dessa Copa; uma pesquisa de opinião entre jornalistas esportivos[2] que cobriram diferentes Mundiais colocava a Copa de 2014 em primeiro lugar (em segundo a da Alemanha, em 2006). As esperadas grandes manifestações não se realizaram. E quem gosta de futebol foi brindado com jogos de alto nível e grandes emoções (um capítulo à parte foi o desempenho medíocre da seleção brasileira nos primeiros jogos, e a catástrofe na semifinal – conforme comentado em outros textos[3]. Porém a presença da Copa estimulou o acompanhamento entusiasmado dos vários jogos, e inclusive a torcida por outras seleções[4]).

---

2. Pesquisa da UOL Esporte junto a 117 profissionais constatou que 38,5% dos entrevistados consideravam o Mundial brasileiro como o melhor já visto. A Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha, apareceu em segundo lugar, com 19,7% das respostas. (https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/30/pesquisa-uol-para-imprensa-estrangeira-brasil-sedia-melhor-munidal.htm)

3. Ver FRANÇA, Renné. Capítulo 14: *Tragédia mineira: O choro é livre? A memória não*, nesta obra (Parte 4).

4. Ver LOBATO, Maíra. Capítulo 22: *Alemães, os heróis da Copa*, nesta obra (Parte 6).

Problemas surgiram; se os movimentos sociais não conseguiram provocar grandes mobilizações, ainda assim aconteceram manifestações e protestos; houve prisões, denúncia de truculência da polícia. Em Belo Horizonte, um viaduto que fazia parte das obras de melhoria urbana, cuja construção se arrastou por anos e foi inaugurado nas vésperas da Copa caiu, provocando vítimas fatais. Porém tudo isto se deu num patamar muito distante da proporção esperada: a crise não se instalou[5].

Em consequência, as críticas iniciais de cunho político foram silenciadas. E se, por um lado, as manifestações não conseguiram ser sentidas, também a crítica política feita pelos partidos de oposição no âmbito da corrida eleitoral se esvaziou - pois ela se tornou, naquele momento, estrategicamente inoperante (e, em alguns casos, inoportuna).

Neste novo contexto, o discurso da mídia ganhou um tom de completa exaltação. E passamos então, de forma surpreendente, do caos ao sucesso; o éden se sucede ao propalado inferno astral da Copa 2014. Se não estivéssemos presentes, experimentando ao vivo a Copa, mas apenas acompanhando o desenrolar dos fatos através da imprensa (algo que pode acontecer depois de alguns anos, numa pesquisa histórica através dos jornais), seríamos tomados certamente pela perplexidade: como assim, o que aconteceu para provocar tal mudança? Como pode a realização da Copa ter dado certo, se "tudo" dizia o contrário?

Evidentemente, não houve nenhum passe de mágica, mas uma leitura inadequada ou parcial da sequência dos fatos, indicando a necessidade de uma reflexão cuidadosa da própria cobertura midiática. Se a Copa correu tão bem, das duas uma: ou houve um equívoco na avaliação e no tipo de leitura que os diferentes veículos vieram fazendo no período que antecedeu o início do evento, ou existia uma aposta e uma predisposição negativa por parte de importantes setores da mídia mais tradicional. Por uma ou outra razão, a mídia errou – e este erro repercutiu fortemente no ânimo da população.

Quais as razões deste desvio? Fatores distintos podem ser evocados. Inicialmente podemos pensar no alinhamento da mídia dominante com a crítica política, particularmente com aquela vinculada à disputa eleitoral. Não é necessário nos alongarmos aqui nesse aspecto; é bastante conhecida e evidente a posição da grande imprensa nacional, altamente refratária ao governo do

5. Ver LOBATO, Maíra. Capítulo 11: *A queda de um viaduto: uma costura de vários acontecimentos*", nesta obra (Parte 3).

PT[6], ao ex-presidente Lula e à presidenta Dilma (sendo que alguns veículos, como a revista *Veja*, empreendem uma verdadeira cruzada antipetista). Nesta linha, a Copa teria entrado de roldão numa empreitada de desmoralizar o Governo.

Também há que se pensar numa exacerbação da função de vigilância da imprensa (chamada de "cão de guarda"), um afã incontrolável de descobrir / denunciar problemas. Sabe-se que uma das funções centrais da comunicação em qualquer sociedade humana (e inclusive animal) é apontar problemas e dificuldades; cabe à imprensa perscrutar os horizontes, identificar desvios e mudanças (problemáticas ou promissoras). Evidentemente esta função deve ser cumprida dentro da régua do bom senso e da responsabilidade social, o que significa não sucumbir aos apelos mercadológicos, não explorar sensacionalismos facilmente vendáveis, não se empolgar com seu próprio papel. Pode ocorrer um desvio no cumprimento desta função, e ela pode se tornar um verdadeiro gozo – por despertar sentimento de poder (quando não onipotência). Teria a mídia caído nessa euforia de vigiar, e se atribuído o papel de grande juiz?

Não se descarta também um desempenho apressado e impressionista; a ausência de reflexão produz um jornalismo das aparências, que relata – e supõe interpretar – o mais evidente, o imediato, aquilo que se mostra mais facilmente. A rapidez da circulação da informação, hoje, cria uma dinâmica perigosa: há que sair na frente, pois rapidamente as coisas caducam. A imediaticidade se tornou a marca temporal do presente. Ora, o mundo em que vivemos há muito tempo deixou de ser o mundo acessível diretamente pelos nossos sentidos (nosso cotidiano mais imediato): nosso espaço, na contemporaneidade, é o planeta. Viver na extensão do planeta e no tempo do imediato produz, com frequência, uma equação assustadora, que incide diretamente na nossa forma de estar e viver no mundo. Nosso espaço é muito largo, nosso tempo muito rápido – o que nos impele a visadas transversais e passageiras: vê-se apenas um pouco de cada coisa, enxerga-se de passagem. Destaca-se o evidente; o que sai da vista desaparece. Certamente, na cobertura da Copa, tanto no momento que a antecedeu como durante sua realização, a mídia foi obnubilada pelo mais evidente.

Qualquer dessas hipóteses – alinhamento ideológico, exacerbação da função de vigilância, atuação impressionista - compromete muito seriamente a atuação

6. Ver FRANÇA, Renné, Capítulo 30: *A Culpa é do PT*, nesta obra (Parte 8).

da mídia. Leituras tendenciosas e/ou apressadas divulgadas pelos meios de comunicação ganham uma maior gravidade se percebemos que o jornalismo se aventura cada vez mais a fazer previsões e julgamentos, ou seja – lê o presente e desenha o futuro.

Esta é uma questão importante para a reflexão dos profissionais da mídia; a cobertura dessa Copa – que foi do caos ao paraíso - se mostra uma boa oportunidade para repensar seu papel e atuação e, quem sabe, fazer uma autocrítica. Mas trata-se de uma questão que diz respeito também e sobretudo à própria sociedade. É muito fácil dizer que "é culpa da mídia", colocando-a num outro lado, ou como se ela fosse um sujeito à parte. Não apenas nós, pesquisadores da comunicação, formamos esses profissionais, como nós, sociedade, conformamos cidadãos dentro de determinados padrões e valores. A mídia não atua à revelia e na contramão das diretrizes maiores que estruturam nossa vida social mas, ao contrário, atua revelando-as. Isto não apenas no que ela diz, mas também na maneira como opera.

Capítulo 30

A culpa é do PT: Copa, manifestações e comentaristas de internet

Renné Oliveira França

"SÓ O BRASIL TEM ESTADUAL. O mundo tem pontos corridos há 200 anos, nós há 10. Há 300 anos os gramados são 100m x 68m, aqui jogamos com 120m x 90m. É muita coisa errada, estamos engatinhando. Eu tento fazer a minha parte. Confesso a você que não é o ideal. O porquê disso tudo nós precisamos analisar. O jogo contra o Resende precisava ser em Manaus? É muita coisa junta que nem adianta falar. Não consegui falar tudo isso. E tem gente que acha que o Brasil está bom. Sou anti PT"[1]. A resposta que o técnico Adilson Batista deu em uma coletiva de imprensa no dia 19 de abril de 2014 surpreendeu. Principalmente porque a pergunta era sobre o empate do seu time, Vasco da Gama, com o América-MG na estreia na Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro de 2014. Mas, de alguma forma, Batista conseguiu colocar a culpa do mau desempenho do time no governo do Partido dos Trabalhadores.

1. Sá, Edgard. "Adilson Batista questiona calendário do futebol e critica até partido político". *Globo Esporte*. Disponível em http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2014/04/adilson-batista-questiona-calendario-do-futebol-e-critica-ate-partido-politico.html Acessado em: 20/04/2014.

O fenômeno não é isolado. Dois dias antes, a NASA havia anunciado a descoberta de um planeta praticamente idêntico à Terra, localizado a 490 anos-luz. Aparentemente, um acontecimento deslocado de qualquer relação com a política brasileira. Mas não foi o que mostraram os comentários em sites, como o da *Folha de S. Paulo*[2]:

VALTERLAN comentou em 17/04/14 at 4:09 pm Responder

Já pensou uma LULA-ET-PT , um Lula extraterrestre do PT, teríamos o bolsa espaçonave, o bolsa estela, o bolsa ET, seria um espetáculo

Alexandre Redovic comentou em 17/04/14 at 3:18 pm Responder

Graças á Deus, assim em um futuro próximo poderemos fugir para lá, pelo menos lá não teremos que votar !

PATRICIA comentou em 17/04/14 at 3:27 pm Responder

Que nada, a turma do PT pega emprestado dos "cumpanheiros" russos um foguete e vai prá lá garantir o "botim" na nova Terra...

Alex Scoot comentou em 17/04/14 at 3:35 pm Responder

Vão criar o Bolsa Terra Nova...kk

GetulioC comentou em 17/04/14 at 3:34 pm Responder

Vai nessa! Se Deus "fez" com que tivéssemos eleição aqui na Terra, e, no Brasil, claro, não duvide de que por lá a situação possa, até, ser pior. Já pensou 2 Brasis e 2 Lulas no "novo" planeta?

Micky Oliver - MG comentou em 17/04/14 at 3:26 pm

Só não mandem os petistas para lá senão detonarão o planeta!
Agora, se houver vida inteligente por lá, são eles que não nos aceitarão! kkkkkkkkkk

Edson comentou em 17/04/14 at 3:32 pm

Trata-se de uma possibilidade para nos livrarmos do PT

Asterio comentou em 17/04/14 at 4:03 pm

Se o PT realmente fosse para lá seria uma boa, só assim deixaria o Brasil livre deles.

2. Nogueira, Salvador. "Momento histórico: encontramos outra Terra no Universo". *Folha de S. Paulo*. Disponível em: http://mensageirosideral.blogfolha.uol.com.br/2014/04/17/momento-historico-encontramos-outra-terra-no-universo/. Acessado em 17/04/2014.

E para completar, o leitor Gilvan ainda comentou: "Esse avião porque não achão (sic)"[3]. Trata-se de uma relação com um outro acontecimento distinto: o desaparecimento do avião da Malaysia Airlines, dia 8 de março de 2014, enquanto sobrevoava o Mar do Sul da China.

No dia 19 de março, o site de notícias *G1* apresentou uma matéria sobre a revolta dos familiares dos passageiros deste voo indignados com a falta de transparência nas investigações. Com o título "Parentes de desaparecidos no MH370 são retirados por seguranças de sala"[4], o texto relata o protesto de uma mãe durante uma coletiva de imprensa com o ministro dos Transportes da Malásia. Sem nenhuma relação com o Brasil, a notícia, entretanto, serviu como local de comentários contra o governo brasileiro.

Pierre Polio

TEM QUE PROTESTAR MESMO, ESSE GOVERNO DO PT NÃO MOVE UMA PALHA PELO POVO, AGORA QUE ESSAS FAMILIAS MAIS PRECISAM DO GOVERNO OS MENSALEIROS AS DEIXAM DE LADO,ESSE DESCASO TEM QUE ACABAR!!!!!! O QUE LULA E DILMA TEM A DIZER SOBRE ISSO ?iNCOPETENCIA DA INFRAERO QUE NAO CONSEGUE ACHAR UM AVIÃO DAQUELE TAMANHO

Os diversos exemplos levaram a várias brincadeiras na internet com a frase "A Culpa é do PT", utilizando esta justificativa seja para uma dor de dente ou uma desilusão amorosa. Mas por trás das ironias e brincadeiras, é relevante tentar perceber como estas relações entre acontecimentos distintos e a situação política brasileira são consequências de um "sequestro" feito anteriormente pelo jornalismo das reivindicações surgidas nas manifestações de 2013.

Para Mouillaud (1997), na mídia o acontecimento ganha a forma da informação: é um fragmento extraído de uma totalidade que não pode ser compreendida. Ele vê o acontecimento, então, como um enquadramento, que emoldura um fragmento da experiência, separando-a de seu contexto e, com isso, permitindo sua conservação e seu transporte. Neste processo, ao ser simplificado para poder ser emoldurado, é como se o acontecimento se desgru-

3. Capanema, Rafael. "10 comentaristas que pensam no PT quando a Nasa descobre um novo planeta". *Buzzfeed*. Disponível em: http://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/comentaristas-que-pensam-no-pt-quando-a-nasa-descobre-um-pla Acessado em: 17/04/2014.

4. "Parentes de desaparecidos no MH370 são retirados por seguranças da sala". G1. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/parentes-de-desaparecidos-no-mh-370-sao-retirados-por-segurancas-de-sala.html. Acessado em 15/04/2014.

dasse de seu local e tempo original, podendo ser reaproveitado de acordo com a necessidade discursiva. Uma dica desta "necessidade discursiva" já havia sido dada na capa da revista *Veja* bem antes, em maio de 2011.

A reportagem da revista apontava para um pessimismo em relação à organização da Copa do Mundo no país: estádios não ficariam prontos a tempo e os aeroportos não suportariam o tráfego. Este discurso foi repetido ao longo de três anos, ganhando força com as jornadas de junho de 2013 e o surgimento do slogan do "Não Vai Ter Copa". A violência e a corrupção colocadas como principais problemas do país foram inclusive aproveitadas quando o Campeonato Brasileiro de 2013 teve um time – a Portuguesa – rebaixado para a Segunda Divisão, e outro – Fluminense – "salvo" da queda por decisões extracampo, reforçando o discurso anti-corrupção. Além disso, a última rodada do campeonato foi marcada por uma briga entre torcedores no jogo do Atlético-PR contra o Vasco, que resultou em um jovem com traumatismo craniano e vários feridos. Mais uma vez, a discussão a respeito da violência ganhou destaque, e torcidas organizadas foram comparadas aos black blocs.

O sentimento a respeito da Copa do Mundo no início de 2014 não era dos melhores[5], e a mídia como um todo (tanto a imprensa escrita, como redes de televisão e agências de publicidade) não demonstravam muito bem saber se apoiavam o evento no qual investiram muito dinheiro ou se apoiavam as manifestações e o desejo da Copa do Mundo não acontecer: um fracasso político para o governo e consequentemente para o PT. Mas teve Copa do Mundo, e ela foi considerada uma das melhores já existentes[6]. O slogan "Copa das Copas", lançado pelo governo federal, rapidamente ultrapassou a popularidade do "Não Vai Ter Copa" assim que os jogos começaram a se dar em alto nível, em estádios lotados por turistas (apesar de se manter por vezes uma relação direta entre o PT e o futebol jogado dentro de campo).

Veja foi obrigada a mudar o discurso, apesar de ainda manter uma posição crítica ao governo, conforme visto na edição de 25 de junho de 2014.

5. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 3: *Antes do acontecimento: às vésperas da Copa*, nesta obra (Parte 1).

6. Ver FERREIRA, Juliana; RODRIGUES, Eduarda. Capítulo 27: *A Copa como ela foi*, nesta obra (Parte 7).

Apesar do "até agora" que mantém o olhar negativo, a revista relata "menos pessimismo nas pesquisas", "mais consumo" e "visitantes em festa". A imprensa estrangeira, que também apontava o evento de forma negativa mudou o tom, e até o jornal *Folha de S. Paulo*, um dos principais críticos à Copa, passou a elogiar os estádios, conforme matéria do de 22 de junho de 2014.

A COPA COMO ELA É

Prenúncio de que Copa seria o 'fim do mundo' não aguentou 3 dias

Início do Mundial no Brasil reverteu expectativa da mídia internacional de que o evento seria desastroso para o país

Estádios que 'Nunca' ficariam prontos já receberam jogos –e sem grandes problemas

NELSON DE SÁ
DE SÃO PAULO

Do início do ano até a abertura da Copa do Mundo, a imagem do Brasil foi alvo de um ataque de histeria na mídia ocidental.

Na capa da revista alemã "Der Spiegel", com o enunciado "Morte e jogos - O Brasil antes da Copa do Mundo", uma bola em chamas caía como meteoro sobre o país.

HOME SEARCH The New York Times SUBSCRIBE NOW

Brazil 2014 | News | Photos | Who's In, Who's Out | Schedule | Follow @NYTSports

WORLD CUP

At the World Cup, Doomsday Predictions Give Way to Smaller Hiccups in Brazil

By SAM BORDEN JUNE 17, 2014

M BRÉSIL 2014

SPORT | FOOTBALL | BRÉSIL 2014 | En direct | Calendrier & résultats | Equipe de France | Les

Tous les jours à 8h30, découvrez les titres de l'actualité dans votre newsletter « À la une »

E-mail :

Indiquez votre e-mail | Je m'inscris maintenant

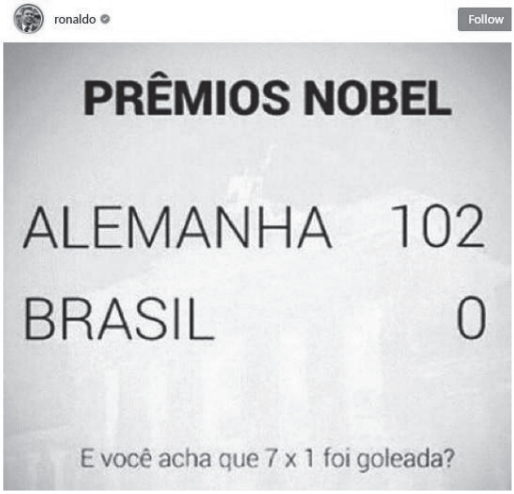
Oui, je souhaite recevoir les informations du Monde

L'improvisation à la brésilienne se révèle à la hauteur de l'événement

LE MONDE | 21.06.2014 à 09h49 • Mis à jour le 23.06.2014 à 15h05 |

Nicolas Bourcier (Rio de Janeiro, correspondant), Anthony Hernandez (Belo Horizonte, envoyé spécial) et Benoit Hopquin (Manaus, envoyé spécial)

O processo de culpar o governo e seu partido por todos os problemas não chegou a desaparecer por completo, mas mudou de intensidade ao longo do torneio. Com a derrota do Brasil para a seleção alemã por 7 x 1, o movimento de vitimização em relação às políticas públicas reacendeu. O ex-jogador Ronaldo Nazário publicou em seu Instagram:



E *Veja* retomou a discussão de que um fracasso dentro de campo significaria um fracasso político para o governo. Apesar dos principais candidatos à presidência em 2014 divulgarem imagens se relacionando de alguma forma com a seleção de futebol (Eduardo Campos ao lado do deputado e ex-jogador Romário e Aécio Neves com a camisa da seleção ao lado da esposa), foi a imagem de Dilma Roussef fazendo o gesto característico do jogador Neymar – é tóis – que ganhou a capa da publicação.

Não satisfeita com a pergunta "Vai sobrar pra ela?" (em que relaciona diretamente a presidência à derrota na Copa), em sua página no Facebook a revista divulgou sua capa com outra pergunta: "alguém arrisca um chute?". A resposta de uma leitora revelou bem a falta de sutileza de *Veja*: "Eu queria arriscar um chute na cara dela".

Além disso, o processo de relacionar a política ao futebol dentro de campo continua na reportagem de capa da edição de 16 de julho de 2014: "Dilma, que tinha a esperança de entregar o troféu do hexa à seleção brasileira, corre o risco de ter de passá-lo às mãos dos argentinos, nossos maiores rivais no futebol, em pleno Maracanã. Uma imagem que, para azar da presidente, vale mais do que mil palavras em qualquer propaganda eleitoral". A culpa da derrota humilhante da seleção brasileira era, evidentemente, do PT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pensarmos em um processo de indignação generalizada que teve início a partir das manifestações de junho de 2013, culminando na Copa do Mundo de 2014, a personificação dos males do país foi aos poucos se dando na figura de um partido específico, responsável por gerir o governo federal por cerca de 12 anos.

> "Durante as jornadas de junho todas as classes e partidos se haviam congregado no partido da ordem, contra a classe proletária, considerada como o partido da anarquia, do socialismo, do comunismo. Tinham 'salvo' a sociedade dos 'inimigos da sociedade'. Tinham dado como senhas a seu exército as palavras de ordem da velha sociedade – 'propriedade, família, religião, ordem' – e proclamado à cruzada contra-revolução (...) A sociedade é salva tantas vezes quantas se restringe o círculo de seus dominadores e um interesse mais exclusivo se impõe a um mais amplo" (Marx, 2006, p. 26).

A citação poderia muito bem ser uma análise das manifestações brasileiras que tiveram início em junho de 2013, desembocando no "não vai ter copa" e na crítica intensa ao PT. Mas se trata de Marx escrevendo sobre o golpe de Estado que levou Louis Bonaparte ao poder na França de 1851. O autor, por testemunho próprio e notícias de jornais, observa como um movimento de reivindicações mais gerais vai aos poucos sendo direcionado para interesses específicos que não interessam à sociedade como um todo, mas são apresentados como tal[7].

7. No dia 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff sofreu o impeachment em votação no Senado pela acusação de crimes de responsabilidade fiscal. Afastada da presidência pelo golpe político, foi substituída pelo então vice Michel Temer.

Um processo parecido é percebido na observação das notícias envolvendo os protestos de 2013, a Copa do Mundo de 2014 e suas repercussões. Ao ser "envelopada" (conforme Mouillaud) a experiência perde seu caráter difuso e amplo e ganha direcionamento, um "interesse mais exclusivo". E também simplificado. Os problemas do mundo não são culpa exclusiva do PT. Assim como o sucesso da Copa também não.

Capítulo 31

O duelo entre o pessimismo e o otimismo: a Copa e o jogo com a mídia

Frederico de Mello Brandão Tavares

SEGUNDO DADOS divulgados pela Polícia Federal do Brasil em meados de julho, às vésperas da final da Copa do Mundo, o número de turistas estrangeiros no país durante o torneio superou, em muito, as expectativas. Apenas em junho, durante a primeira metade do Mundial, 692 mil pessoas, de 203 distintas nacionalidades, haviam aportado em solo brasileiro. A estimativa era de que durante toda a Copa cerca de 600 mil turistas passariam por aqui. Os dados do primeiro mês da competição já indicam quão baixo estava o cálculo.

Este sucesso de público, cuja presença se deu nos estádios, nas cidades-sede da Copa e em outras mais do Brasil, diz muito da "virada" na cobertura esportiva e da imprensa em geral ocorrida durante o torneio. Havia, na base do discurso midiático anterior ao evento, uma intensa cobrança sobre os preparativos do país para receber o campeonato[1]: avaliações constantes por meio do noticiário opinativo e informativo sobre as reais condições dos estádios, das cidades; sobre o processo de financiamento das obras, os gastos

1. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 3: *Antes do acontecimento: às vésperas da Copa*, nesta obra (Parte 1).

devidos e indevidos, os prazos cumpridos e não cumpridos; assim como um desfile de culpados prévios para aquela que seria "uma vergonha nacional".

Já durante os jogos, as boas partidas em campo e o desempenho crescente – apesar de desconfiado – da seleção nacional, somados aos comentários positivos da mídia estrangeira, dos turistas presentes no país e dos próprios jogadores das demais seleções, trouxe um novo olhar para a noticiação do torneio. A cobertura pelo viés da crítica e do descrédito cedeu lugar a uma visada noticiosa do elogio e da exaltação, provocando uma tensão discursiva para o acontecimento, em seu próprio desenrolar. Um movimento ascendente de euforia que, por um lado, transparece questões de ordem comercial e midiática e, de outro, o cruzamento destas com aspectos culturais e suas modulações ritualísticas acionadas neste grande evento.

Na visibilidade dos argumentos conclusivos gerados na duração estendida do episódio, o discurso geral sobre a cobertura da mídia repetiu à exaustão: saiu de cena o "pessimismo" e entrou em cena o "otimismo". Para o que cabe perguntar: entre a problematização inicial e o elogio posterior, o que revela este jogo midiático?

BREVE HISTÓRICO DE PRIMEIRAS PÁGINAS

No dia 12 de maio de 2014, reportagem da principal revista alemã semanal, *Der Spiegel*, tinha a seguinte chamada na capa da revista: "Top und Spiele" ("Morte e jogos"). Na página, uma "brazuca" (bola oficial do torneio) incendiada aparece em primeiro plano. Ao fundo, uma fotografia do Pão-de-Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro. No dia seguinte à publicação, o site da revista brasileira *Veja*, repercute a notícia: "A publicação [*Der Spiegel*] traz dez páginas sobre a Copa, destacando os atrasos nas obras, a reprovação da população aos gastos excessivos com o evento e o risco de protestos violentos nas cidades-sede"[2]. A matéria, tendo como mote a reportagem alemã, especula sobre um possível "fiasco" do torneio mundial de futebol no Brasil e aproveita, como gancho, para repercutir seu próprio ponto de vista editorial. A revista toma *Der Spiegel* como amostra do olhar estrangeiro sobre a Copa no Brasil e afirma, a partir da revista que, um mês antes do início da competição, "o clima no país" era "de desilusão", "já que o crescimento econômico obtido nas últimas décadas não foi capaz de elevar a qualidade

2. Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/copa-foi-gol-contra-e-pode--ser-um-fiasco-diz-revista-alema

dos serviços, da saúde e da educação ao nível que a população espera – e isso, agora, se reflete nas manifestações contrárias ao Mundial"[3].

Cerca de três anos antes, a mesma *Veja* teve a Copa do Mundo de Futebol FIFA como reportagem de capa. Na edição de 25 de maio de 2011, a chamada principal da capa dizia: "2038: por critérios matemáticos, os estádios da Copa não ficarão prontos a tempo. No ritmo atual, o Maracanã seria reaberto com 24 anos de atraso". Também em maio, mas de 2013, a revista *Época* (edição 781, de 10 de maio), circulou tendo como gancho para reportagem de capa o atraso na construção do estádio Mané Garrinha em Brasília e exibia em seus dizeres na primeira página, em tom de pergunta: "Por que tudo atrasa no Brasil". Um ano antes, em maio de 2012, a revista *Caros Amigos* também publicou um especial de capa sobre a Copa, questionando, em grande reportagem, os "impactos da competição" para os habitantes das cidades-sede e os procedimentos controversos nos processos de licitação e execução das obras nessas localidades. O título da matéria no interior da revista – "A Copa do Mundo é nossa?"[4] – que retoma o tom de indagação da revista *Época*, explicita a abordagem crítica realizada.

O conjunto das edições, sempre no mês de maio, antecedendo os eventos que se iniciaram em junho – primeiro a Copa das Confederações em 2013 e depois a Copa do Mundo em 2014 –, revela o quadro noticioso composto por veículos diferentes, de perspectivas editoriais distintas, porém sob o enquadramento privilegiado da denúncia. Esta "unidade na diversidade" traz consigo dois aspectos: um sobre a cobertura de fatos coincidentes e relativos ao rotineiro acompanhamento sobre preparativos – mesmo que sob interesses e linhagens de cobertura opostos – e outro sobre a durabilidade dos discursos aí produzidos. Explicitam, por isso, traços da lógica jornalística fugaz, que valoriza o presente e deixa de repercuti-lo quando ele se torna passado, ainda que recente.

Em 2013, durante a Copa das Confederações de Futebol da FIFA realizada no país, manifestações populares em dezenas de cidades brasileiras[5] tiveram

---

3. Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/copa-foi-gol-contra-e-pode--ser-um-fiasco-diz-revista-alema

4. Disponível em: http://www.carosamigos.com.br/index.php/cotidiano/3363-a-copa-do--mundo-e-nossa%22

5. O início das manifestações, intensificadas em junho, está associado aos atos organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, que lutava pela redução das tarifas de

também ampla cobertura da mídia em geral e reforçaram o tenso cenário discursivo sobre o acontecimento de 2014. As quatro principais revistas semanais de informação brasileiras – *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Carta Capital* –, por exemplo, fizeram circular edições especiais publicadas na semana seguinte à semana da abertura da competição. O que se seguiu em edições posteriores, com capas que repercutiram o acontecimento político nas semanas em que durou o torneio. E que, de certa forma, permaneceu nos meses seguintes, principalmente pelo paralelismo político relacionado ao contexto.

O governo federal brasileiro, e as instâncias estaduais e municipais, figuraram, junto à FIFA e outras entidades, como vilões de muitos dos textos noticiosos produzidos. O que, majoritariamente, em se tratando de manchetes e destaques, durou até o início da competição final, a Copa do Mundo.

A COPA COMO JOGADOR

Em meio à Copa do Mundo, no dia 26 de junho de 2014, o *Jornal Nacional* da TV Globo exibiu matéria[6] que criticava a desconfiança de jornais estrangeiros sobre a realização do Mundial. Este mesmo jornal, em mais de uma ocasião, havia feito essa crítica, o que não aparece mais na pauta em foco, cabendo a ela somente as manchetes internacionais, inclusive a capa da revista *Der Spiegel* citada acima. A reportagem aponta para uma mudança do discurso dos periódicos, que estariam surpreendidos pela animação e pelo clima de alegria do país, bem como pela ausência dos grandes problemas antes tão divulgados[7].

Este "esquecimento" e/ou "virada", repercutido depois pelo próprio governo federal, que acusou a grande mídia e a oposição de criarem um alarde "desnecessário" e "negativo" sobre o evento no país no dia seguinte ao término do

---

ônibus. À época, o MPL questionava um reajuste nas passagens de ônibus, então anunciado na capital paulista, que previa a alteração no valor do bilhete de R$ 3 para R$ 3,20. A reivindicação casou-se, na sequência dos atos, a outras e ganhou maiores dimensões durante a realização do torneio de futebol da FIFA.

6. http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/06/clima-festivo-e-sucesso-da-copa-conquistam-manchetes-internacionais.html

7. Ver também FERREIRA, Juliana; RODRIGUES, Eduarda. Capítulo 27: *A Copa como ela foi*, nesta obra (Parte 7).

Mundial[8], reflete um duelo de rotinas e põe em cena o papel da temporalidade na noticiabilidade e seus ritos.

Apesar do contexto específico – uma Copa do mundo no país, Copa das Confederações conturbada e um histórico enviesado de cobertura informativa –, "a" Copa como um "ritual da nação" (Gastaldo, 2013), naquilo que a faz como fenômeno cultural brasileiro quadrienal (apesar de atemporal), (re) emergiu no discurso midiático do período do Mundial, fazendo com que o "otimismo" prevalecesse, assim como sujeitou, por meio de suas determinações (econômicas, ritualísticas, políticas) o discurso jornalístico[9]. De certa forma, "sufocou" a singularidade prévia do evento de 2014, criada pela mídia e jogou com os sentidos do momento, levando-os para enquadramentos rotineiros, que, em certa medida, poderiam ser (re)encontrados a cada quatro anos.

Do ponto de vista dos acontecimentos dentro do megaevento, é possível afirmar que as ocorrências durante o Mundial, efetivamente levaram a um outro lugar a cobertura do torneio, diferente do previsto, indicando um "sucesso" de público, crítica e futebol, tal qual propalado; ou que a cobertura não "suportou" a perspectiva construída anteriormente. No entanto, a previsão pela e sobre a cobertura, segundo o que se apresentou, pode dizer mais dos efeitos da Copa, como acontecimento, sobre o jornalismo, do que dele sobre ela, revelando, por fim, que o jogo entre pessimismo e otimismo, no Brasil, tende sempre ao segundo, não pelo que pode (surpreendentemente) ser (ou foi), mas pelo que, cultural e jornalisticamente, a cada quatro anos, é (e será).

8. http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/conteudo.phtml?id=1484012

9. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 29: *Copa 2014: do caos ao paraíso*, nesta obra (Parte 8).

Capítulo 32

Cobertura em retrospecto: a experiência no Portal da Copa

Carol Delmazo

FORAM MESES trabalhando em um ritmo fora do comum, com poucos finais de semana e grande ansiedade. Mas me dei conta que, de fato, a Copa de 2014 estava começando e que eu iria acompanhá-la como jornalista somente às 21h do dia 11 de junho, quando tive que escrever o texto de introdução ao jogo de abertura do Mundial. Eu estava no centro de mídia da Arena Corinthians, em São Paulo, para a principal cobertura profissional da minha vida até então, e certamente uma das mais importantes sempre.

Fui credenciada por ser repórter do *Portal da Copa* do Governo Federal (www.copa2014.gov.br), site de notícias produzido pela equipe de comunicação do Ministério do Esporte. O objetivo do portal, que entrou no ar a mil dias do Mundial, em 16 de setembro de 2011, era mostrar a preparação do país para o torneio, cumprindo um papel de transparência ao divulgar os orçamentos da competição, bem como o detalhamento e o andamento das obras. Além disso, também havia a abordagem do futebol em si: o conteúdo do site é de livre uso, desde que citada a fonte, e o material que produzimos foi usado por diversos veículos sem credenciamento FIFA.

A equipe-base do *Portal da Copa* era formada por um editor-chefe, um editor das versões em inglês e espanhol, e três repórteres. Além do "time prin-

cipal", também participou da cobertura do evento um grupo extra de doze repórteres contratados para a época do Mundial, e um outro editor. Como uma dos três repórteres da equipe-base, tive a missão de cobrir a Copa em São Paulo: os seis jogos de lá e, principalmente, o funcionamento da sede ao longo da competição, o que incluía os aeroportos, a mobilidade urbana, as obras realizadas no bairro de Itaquera, a FIFA Fan Fest no Vale do Anhangabaú, a movimentação dos turistas, a estrutura de segurança, entre outros. Isso sem falar nas viagens ao interior do estado para acompanhar como a Copa se estende além das sedes dos jogos, já que 15 das 32 seleções escolheram cidades paulistas como centros de treinamento.

A competição teve início cercada de desconfiança e ceticismo, e até mesmo envolta em uma certeza de fracasso em termos de organização, se considerarmos a abordagem de parte da mídia do país e até a percepção de parte da população[1]. Esse temor dominava as manchetes e alguns veículos chegaram a usar o termo "caos". E foi justamente essa palavras que me causou um conflito interno muito grande, porque eu não percebia a Copa da mesma forma. Estaria eu totalmente fora da realidade?

Como jornalista do *Portal da Copa*, acompanhei muitas das reuniões de planos operacionais realizadas por representantes das prefeituras, estados e todos os setores do Governo Federal que tinham alguma relação com a organização da competição. Havia um esforço integrado para viabilizar as melhores operações – em aeroportos, para os deslocamentos nas cidades, em termos de segurança... - e aquilo me parecia um caminho adequado para a melhor organização possível do evento dentro da realidade do nosso país, que ainda carece de uma excelência em gestão integrada e peca no cumprimento de prazos.

Ao longo desse trabalho no site, sempre busquei o exercício crítico, tentando ver os pontos positivos e negativos naquele esforço de organização que eu estava acompanhando de perto. Estava sim trabalhando para o Governo Federal, mas, como jornalista, não queria assumir o discurso oficial. Queria sempre vê-lo com uma certa distância possível, para entender também o que não estava indo tão bem.

E isso era possível até na rotina do meu próprio trabalho, por um motivo simples: a equipe-base do *Portal da Copa* foi formada por cinco pessoas que,

1. Ver FRANÇA, Vera. Capítulo 3: *Antes do acontecimento: às vésperas da Copa*, nesta obra (Parte 1).

antes de trabalharem para o governo, são jornalistas que apreciam o bom jornalismo. Tínhamos sim um recorte muito específico, o papel do poder público (sobretudo nacional) na Copa. Ao entrar no site, o leitor já sabia o recorte que estaria ali. Essa transparência de visão editorial, claramente colocada sob o viés do Governo Federal, entretanto, não nos impediu de mostrar dificuldades do processo pré-Copa. Noticiamos greves, mortes de operários. Em dias de evento-teste nas arenas do Mundial, listávamos os problemas que os torcedores encontraram, mas sempre trazendo, também, o caminho apontado pelas autoridades responsáveis para a solução daqueles problemas.

Na mídia nacional, eu acompanhava o recrudescimento do tom pessimista em relação à Copa. Achava natural que a desconfiança existisse, especialmente porque alguns dos estádios – como a própria Arena Corinthians – foram entregues no último momento, e parte das obras de mobilidade urbana e em aeroportos previstas para antes do Mundial atrasou (ainda que muitas delas não fossem essenciais para o evento em si). Esse cenário, na minha opinião, dava margem para receio, mas considerava a certeza antecipada de fracasso muito arriscada.

Outra questão que me fazia pensar: estaria a grande mídia ajudando a esclarecer conceitos que estavam sendo reforçados nos protestos e na própria mídia? Falou-se tanto nas ruas - e nos jornais, blogs, sites, rádios e TV's - em dinheiro que deveria ir para saúde e educação, e não para a Copa do Mundo. Houve espaço adequado para comparar orçamentos, mostrar onde o dinheiro previsto na Matriz de Responsabilidade da Copa estava sendo gasto ou investido?

Dos cerca de 25 bilhões de reais do orçamento do Mundial, oito eram para a construção ou reforma das doze arenas multiuso, sendo que quase metade era financiamento federal via BNDES que deverá voltar aos cofres públicos. Os outros 17 bilhões de reais foram dedicados a obras de mobilidade urbana, reforma em portos e aeroportos, intervenções de telecomunicações, melhoria de infraestrutura de turismo e segurança. E não só dinheiro para escoltar essa ou aquela autoridade, para citar o exemplo da segurança, mas para a construção, por exemplo, de 14 Centros de Comando e Controle, que ficam como legado para as cidades-sede. É claro que é dever da mídia questionar as obras atrasadas, os valores considerados altos deste ou daquele estádio, o futuro uso deles após o Mundial. Mas não seria igualmente papel da mídia esclarecer também esses valores investidos?

Com o decorrer da Copa, as manifestações perderam força. Os turistas chegaram e a grande maioria elogiava os voos sem atrasos, os deslocamentos

nas cidades sem percalços, a experiência nos estádios. E a qualidade dos jogos em campo se encarregou de dar o golpe de misericórdia nos pessimistas.

Problemas, óbvio, existiram, mas alguns deles, inclusive, ocorreram dentro do tal inquestionável "padrão FIFA", como as longas filas para alimentação nos estádios. Roubos de ingressos perto das arenas foram registrados, houve a invasão dos chilenos no Maracanã. Mas nada que tirasse a força da sensação geral de que tudo estava indo muito bem. Entrevistei centenas de turistas nos 30 dias do evento e foram poucas ou até inexistentes as reclamações.

A percepção positiva já estava estampada na imprensa internacional, que rapidamente saiu do discurso do medo para os elogios. Mas, ao longo da cobertura, eu tinha a curiosidade de saber se essa percepção também estaria nos veículos nacionais[2]. Perguntava diariamente aos colegas brasileiros que impressões eles tinham e coletavam em entrevistas: igualmente encontraram um cenário positivo.

Foi possível perceber, entretanto, em algumas publicações, uma tentativa de atribuir o êxito da Copa à hospitalidade dos brasileiros, que seria a principal responsável pelo sucesso do Mundial. Mas como a hospitalidade brasileira organiza os aeroportos, cria esquemas de mobilidade urbana e promove a segurança pública? Enquanto a Copa seria um fracasso, a culpa era do governo brasileiro[3]. Ao ser alçada à categoria de êxito, a Copa passou, automaticamente, a ser algo de responsabilidade exclusiva do povo brasileiro?

A Copa passou, mas muito do que foi a cobertura dela – tanto a que integrei, quanto da mídia de forma geral – acho que só poderei analisar melhor daqui a um tempo, com a distância temporal necessária. Mas fico com a certeza de que toda a dedicação e o envolvimento valeram a pena, e com a sensação gratificante de que tive a oportunidade de acompanhar de perto um momento-chave da história recente do país. Afinal, o esporte é somente um dos elementos da Copa do Mundo de futebol, especialmente quando se tem a missão de organizá-la em casa.

---

2. Ver TAVARES, Frederico. Capítulo 31: *O duelo entre o pessimismo e otimismo: a Copa e o jogo com a mídia*, nesta obra (Parte 8).

3. Ver FRANÇA, Renné, Capítulo 30: *A Culpa é do PT*, nesta obra (Parte 8).

CONCLUSÃO

MEMÓRIAS DA COPA: O ETERNO 7 X 1

Vera Veiga França

Renné Oliveira França

EM CERTA MEDIDA, para nós (e para o mundo esportivo), o Mundial no Brasil ficou marcado pelo 7 x 1. Mas é importante ir mais fundo na nossa memória, e resgatar os vários sentidos evocados, as mudanças e reverberações de significados e sentimentos em torno daquele evento. Ainda hoje, à distância, é difícil pensar "friamente" no que aconteceu. Até porque, no futebol, nós, brasileiros, investimos muito mais do que nosso amor ao esporte. Há um forte componente identitário atravessando nossa relação com o futebol e com a seleção brasileira; mas este não é o momento de retomar esta reflexão. Nosso percurso aqui, menos ambicioso, foi rever a maneira como esse acontecimento foi experienciado e representado pela mídia e pela sociedade.

Conforme tratado pelas análises aqui apresentadas, a espera da Copa de 2014 foi marcada pela apreensão, alimentada por imagens negativas. E o início dos jogos também não foi suficiente para diluir a tensão: na festa de abertura, uma denúncia do descaso da questão indígena, a apresentação quase invisível de uma descoberta científica, vaias à presidente da República por parte do público VIP do Itaquerão, e uma

vitória que começa com um constrangedor gol contra marcado por um jogador brasileiro apenas confirmavam as expectativas negativas.

Nos primeiros dias, incidentes prolongaram o sentimento das dificuldades que assombravam o acontecimento. A queda de um viaduto construído apressadamente, a realização (abafada) de manifestações contrárias à Copa, a contraposição de grupos ideológicos e, para completar, a contusão de Neymar (que iria retirá-lo dos próximos jogos) vêm indicar que essa Copa, de fato, não ia acabar bem.

E para nós, de fato, do ponto de vista da seleção, acabou muito mal. Nas semifinais aconteceu o grande desastre para a torcida e para nosso orgulho nacional: o traumático 7 x 1, o choro e a vergonha da eliminação do Brasil na Copa (que viria a ser completado com mais uma derrota para a Holanda na disputa pelo terceiro lugar).

A visibilidade de uma Copa, no entanto, ultrapassa o desempenho em campo da seleção "canarinho": celebridades aproveitam para tirar proveito dos holofotes, as marcas exploram o potencial de atenção gerado pelo contexto de sediar uma Copa do Mundo, a mídia e a sociedade buscam constituir heróis. Para a torcida, um paradoxo: suplantar a vergonha da derrota ostentando o orgulho de uma Copa que, apesar das expectativas, funcionou bem. Valendo inclusive ser conquistada pelos alemães... Visitantes e imprensa internacional, no final das contas, fizeram um balanço positivo: a Copa foi um sucesso.

Sem dúvida, pelo bem e pelo mal, a Copa de 2014 marcou nossa experiência e se entranhou em nossa memória, recuperando flashes de um passado de glórias e derrotas, misturando orgulho e vergonha, repercutindo na política e nas eleições que se avizinhavam. A Copa ia ser um fracasso, culpa do PT. No final, o acontecimento saiu vitorioso – e o crédito veio para o caloroso e cordial povo brasileiro. Memória e mito: é assim que se edificam narrativas que constroem nossa identidade fraturada.

O 7 x 1 se tornou um "ditado popular", e se tornou reflexo do momento que desde aquele ano temos vivido no país: golpe, caos na segurança, reformas trabalhistas, corrupção na CBF e na FIFA, denuncia de que a Copa teria sido comprada e uma ressignificação da indumentária futebolística: a associação da camisa da seleção de futebol a determinado setor da sociedade que a utilizou em massa em manifestações a favor do impeachment de Dilma Roussef .

De “imagina na Copa” até “um eterno 7 x 1”, o Brasil parece um país de problemas que teve um mês - exatamente durante a Copa - em que tudo parecia bem e certo. Passada a festa e a “bolha” de orgulho nacional, ficou o trauma. Ou pior, o sentimento de que, aqui conosco, as coisas não dão certo.

Esse sobe e desce de sentimentos e imagens nos permite radiografar a dinâmica também incerta da relação mídia – experiência – representações. Antes da Copa, e apesar de que as obras de preparação se desenvolviam de forma razoável (conforme relatado no artigo de Carol Delmazo – e confirmado pela realização exitosa do seu desenrolar), vivemos as representações trazidas pela mídia: tudo ia mal, caminhávamos para uma tragédia anunciada. Nossa distância das dimensões mais concretas da preparação, e nosso tradicional sentimento de que as coisas aqui sempre vão mal foram propícios para a internalização da expectativa pessimista. Em um primeiro momento, então, a mídia disseminou uma representação negativa do acontecimento, às expensas de sua realidade efetiva.

Mas a Copa aconteceu, e as coisas correram bem. A mídia corrigiu o foco, buscou no acolhimento dos brasileiros as razões para o sucesso. A sociedade - convivendo com os turistas, assistindo as festas, chorando o 7 x 1, mas vestindo a camisa de outras seleções -, no final das contas, se sentiu recompensada. Claro que só uma minoria de brasileiros foi aos estádios; no entanto, o clima da festa parece ter sido compartilhado: muitos viveram a mistura de gente e de comportamentos. O sentimento foi de ufanismo: realizar bem a Copa, sair bem no filme, foi vivido como uma dádiva. Nesse segundo momento, então, vimos que a experiência se projeta e conforma as representações: a mídia, sem fazer uma autocrítica de seus prognósticos, refez seu discurso, destacando a satisfação das pessoas e a sociabilidade festiva que se instaurara no país.

Estamos em um terceiro momento. A Copa de 2014, agora, é memória. As representações negativas do início e sua substituição pelo entusiasmo com a boa realização foram relativamente esquecidas. Esperando o desempenho da seleção numa nova Copa, agora na Rússia, até mesmo o 7 x 1 foi um pouco diluído.

Ele permanece, no entanto, transformado em um outro significante. Os anos que se seguiram às manifestações de 2013 foram marcados pela polarização ideológica e pela crise política. As eleições de 2014

acentuaram a cisão; o impeachment e a profunda instabilidade política e econômica que estamos vivendo suspendem expectativas positivas em todos os setores. Inclusive no futebol. A bolha da Copa, mas também as realizações da primeira década do terceiro milênio – que foram vividas e repercutiram mundialmente como o grande momento de projeção do Brasil – foram esquecidas. Não apenas perdemos, como fomos goleados. E estamos à eterna espera da revanche. É como se nosso destino estivesse permanentemente selado pelo 7 x 1.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo B. *Mídia: um aro, um halo e um elo*. IN: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V.R.V. (Orgs.). "Na mídia, na rua – narrativas do cotidiano". Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARBOSA, Lívia. *Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt.; LYON, David. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BARTHES, R. "A retórica da imagem". In: *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1990.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHURCHILL, Randolph (ed.). *Os Discursos de Churchill*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1942.

DUPUIS-DÉRI, Francis. *Black Blocs*. Trad. Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

ECO, Umberto. "Casablanca: Cult Movies and Intertextual Collage". In: *SubStance, vol. 14, nº 2*, Issue: 47: In Search of Eco's Rose. Madison: University of Winsconsin Press, 1985. p. 3-12.

FENTRES, James; WICKMAN, Cris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, Vera. "O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística". In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. *Acontecimento: Reverberações*. Belo Hotizonte: Autêntica, 2012.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.19-191.

GASTALDO, Edison L. O Fato Social Total Brasileiro: apontamentos etnográficos sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 19, p. 185-200, 2013.

JAUREGUI, Carlos. *O feioso que virou herói: uma análise do pathos da admiração na cobertura esportiva*. Artigo publicado no VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão. São Luís: novembro de 2010.

LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática – os limites da dominação totalitária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIVET, Pierre. *As Normas: análise da noção, estudos de textos*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARX, Karl. *O Dezoito de Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa do Séc. XX: o espírito do tempo I: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-America, 1988.

MORIN, Edgar. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.

OLIVEIRA, Francisco. *Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?* São Paulo: EAESP/FGV, 2001.

MOUILLAUD, Maurice. "A crítica do acontecimento ou o fato em questão". In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: Da Forma ao Sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

OLIVEIRA, Francisco. *Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?*. São Paulo: Polis, 2001.

QUÉRÉ, Louis. "A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista". In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. *Acontecimento: Reverberações*. Belo Hotizonte: Autêntica, 2012.

QUÉRÉ, Louis. (2005). Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Revista de Comunicação, Cultura e Educação* (n. 6), p. 59-75.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*: seis reflexões laterais. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 23-43.

Os autores na hora do 7 x 1

ANDRÉ MELO MENDES

Professor Adjunto do Departamento de Comunicação da UFMG. Doutor em Teoria Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Diretor Adjunto do Espaço do Conhecimento UFMG e Coordenador do Núcleo de Comunicação e Design desse mesmo museu (2016-2017). E-mail: andremelomendes@hotmail.com

Estava na minha casa, com minha família e alguns amigos. Lembro-me de pouca coisa (Freud explica), mas não esqueço de minha mãe perguntando porque a televisão estava dando tantos replays do gol da Alemanha ... Ao contrário da copa de 1982 (em que chorei debaixo da cama) e da 1998 (que fiquei tentado a acreditar na teoria da conspiração), nessa copa, passado o momento de espanto, me levantei e fui cuidar da minha vida...

CAROL DELMAZO

Jornalista e Mestre em Novos Media e Práticas Web pela Universidade Nova de Lisboa. Foi repórter do site oficial do governo brasileiro para o Mundial (www.copa2014.gov.br). E-mail: caroldelmazo2010@gmail.com

No fatídico dia, estava rodeada de argentinos na sala de imprensa da Arena Corinthians, onde o respeito ao drama reinou no silêncio, mas não evitou sorrisinhos de canto de boca. O trauma nunca foi superado pelo coração de torcedora.

EDUARDA RODRIGUES

Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: eduardap.rodrigues@gmail.com

Estava em Dublin, sentada num bar com metade do mundo representada pelos meus amigos do intercâmbio. Com 2x0 eu desisti do bar. Cheguei em casa com 6x0. Desliguei a TV.

ELIZIANE LARA

Jornalista e mestra em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: elizianejornalismo@gmail.com

Assisti ao jogo sozinha. Senti um misto de pena e vergonha. Achei melhor colocar a roupa para lavar e quando tinha coragem saía da área de serviço e dava uma espiada na televisão. Hoje faço Yoga Iyengar, a mesma que alguns jogadores alemães praticaram durante a Copa.

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES

Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com.

Assisti ao primeiro tempo do jogo no saguão do aeroporto de Campinas e soube do único gol brasileiro já sobrevoando Minas Gerais, quando o piloto disse: "atenção passageiros, o Brasil fez um gol. E a Alemanha mais dois!".

GÁUDIO BASSOLI

Mestre em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: gaudioluizfb@hotmail.com.

Assisti ao jogo com a família do meu pai. Ri das piadas que os parentes liam nas redes sociais no segundo tempo e segurei minha ressentida comemoração de um atingido pela Copa para depois do término da partida. Sete a um foi pouco.

JULIANA FERREIRA

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: juckel@gmail.com

Estava comendo cachorro-quente. Achei que era replay. Continuei comendo cachorro-quente, até perceber que a goleada era real.

LEANDRO AUGUSTO BORGES LIMA

Mestre em Comunicação Social pela UFMG e Doutorando em Comunicação, Cultura e Indústrias Criativas na King's College London. E-mail: leandroablim@gmail.com

Assisti ao 7x1 em terras argentinas, na bela Buenos Aires. Argentinos, brasileiros e até um grupo de alemães, todos chocados com a fatídica goleada. Não havia festa, só silêncio e descrença.

MAÍRA LOBATO

Jornalista e mestra em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: mairalobato moura@gmail.com

Assisti ao jogo em casa, com meu companheiro Rafael. Levantei um minuto para fazer pipoca e quando voltei já estava 4 x 0. Dei muitas risadas daquele jogo e terminei de assistir me divertindo muito com a goleada. Achei muito engraçado e foi o melhor jogo de futebol que assisti na vida, já que não sou adepta ao esporte.

RAQUEL DORNELAS

Doutoranda em Comunicação Social pela UERJ. Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Email: raqueldornelas@gmail.com.

Estava em casa e não consegui ver o final. Desci até a garagem para tentar controlar a tremedeira. O silêncio no bairro era ensurdecedor.

RENNÉ OLIVEIRA FRANÇA

Professor do Instituto Federal de Goiás. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: renneof@gmail.com.

Estava na casa de amigos, na Cidade de Goiás. Achou que era replay, mas a namorada no Mineirão garantiu que era ao vivo mesmo. Afogou o choque em cerveja. Brasileira...

RODRIGO FRANCO

Repórter de Esportes da TV Globo. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-graduado em Gestão Estratégica de Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: rodrigofrancooficial@gmail.com

Logo depois de morrenciar o 7 x 1 como torcedor em pleno Mineirão, peguei um voo direto pra Argentina. Ossos do ofício.

RODRIGO PORTARI

Professor Adjunto da Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade de Frutal - Doutor em Comunicação pela UFMG. E-Mail: rodrigo.portari@ uemg.br

Em 2014 um grupo de amigos revezou as casas em que nos reuniríamos para ver os jogos. Justo na casa do mais velho de todos, a goleada. Parei de ver no terceiro gol da Alemanha! Fui comer!

VERA VEIGA FRANÇA

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação pela Universidade René Descartes, Paris 5. E-mail: veravfranca@yahoo.com.br

Eu estava na fazenda, assistindo o jogo com a família. Quando começou a goleada eu não conseguia acreditar que estava sendo de verdade. Saí de casa e fui dar um passeio - quem sabe quando eu voltasse eles iam me dizer que não tinha sido bem aquilo...

VERA VEIGA FRANÇA
é professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação pela Universidade René Descartes, Paris 5.

RENNÉ OLIVEIRA FRANÇA
é professor do Instituto Federal de Goiás. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais

TRANSVERSAIS { OLHARES

Esta coleção agrupa obras resultantes de parcerias e cooperações acadêmicas entre o PPGCOM-UFMG e outras universidades nacionais e internacionais, cujos projetos deram origem a textos comuns, abordagens cruzadas e aproximações conceituais marcadas pelo delicado jogo das dissonâncias.